



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
Câmpus de São José do Rio Preto

Carolina da Costa Pedro

**As orações com 'pero' no espanhol peninsular falado sob perspectiva da  
Gramática Discursivo-Funcional**

São José do Rio Preto

2020

Carolina da Costa Pedro

**As orações com ‘pero’ no espanhol peninsular falado sob perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES - Proc. 88887.191045/2018-00

Orientadora: Profa. Dra. Talita Storti Garcia

São José do Rio Preto  
2020

P372o

Pedro, Carolina da Costa

As orações com 'pero' no espanhol peninsular falado sob perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional / Carolina da Costa Pedro. -- São José do Rio Preto, 2020

107 f.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto

Orientadora: Talita Storti Garcia

1. Linguística. 2. Gramática discursivo funcional. 3. Análise linguística. 4. Língua espanhola. 5. Funcionalismo (Linguística). I. Título.

Carolina da Costa Pedro

**As orações com ‘pero’ no espanhol peninsular falado sob perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES - Proc. 88887.191045/2018-00

Comissão Examinadora  
Titulares

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Talita Storti Garcia  
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto  
(Orientadora)

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sandra Denise Gasparini Bastos  
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

Prof. Dr. Juliano Desiderato Antônio  
UEM – Universidade Estadual de Maringá

São José do Rio Preto  
08 de julho de 2020

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, que me deu forças e trilhou meus caminhos nesse período, sempre cuidando dos meus passos e de minha família.

À Profª. Drª. Talita Storti Garcia, minha orientadora e maior inspiração. Obrigada por todos os conselhos e orientações, dados sempre com muito carinho e atenção. Seu comprometimento e profissionalismo, misturados com sua doçura e sensibilidade, sempre cativam todos ao seu redor. Faltam palavras para expressar toda minha gratidão a você, por todos os ensinamentos e por sempre acreditar em mim.

À Profª. Drª. Sandra Denise Gasparini Bastos, professora inigualável e inesquecível, com quem aprendi e me encantei cada vez mais pela língua espanhola. Obrigada pela leitura atenta ao meu trabalho no exame de qualificação, que foi essencial para a finalização deste processo.

À Profª. Drª. Norma Novaes, sempre tão amável e delicada, obrigada por ter feito parte do meu Exame de qualificação e por todas as sugestões e palavras motivadoras, que foram responsáveis pelo amadurecimento do meu trabalho.

À Profa. Dra. Joceli Stassi-Sé, por suas contribuições no debate do meu trabalho no XI Seminário de Estudos Linguísticos da UNESP (SELin).

Ao Prof. Dr. Celso Fernando Rocha, meu primeiro professor e orientador em Iniciação Científica, a quem sempre agradecerei por ter acreditado em mim. Obrigada por ter me dado tantas oportunidades dentro da universidade.

Aos meus pais, David Zacarias Pedro e Maria Assunção da Costa Pedro, por terem dedicado suas vidas a minha. Obrigada por terem me apoiado sempre e encarado a luta e o desafio de se mudar para São José do Rio Preto para que eu pudesse seguir meus sonhos.

Ao meu namorado Matheus, que há seis anos me apoia incondicionalmente em todas as minhas decisões e que sempre me motiva a seguir em frente. Obrigada por ter me incentivado a começar meus estudos de Mestrado que, possivelmente, não existiriam sem você. Yo te cielo.

Aos membros do Grupo de Pesquisa em Gramática Funcional (GPGF). As valiosas contribuições em nossas reuniões foram fundamentais para minha formação acadêmica e para o desenvolvimento deste trabalho. Em especial, Profª. Drª. Erotilde, coordenadora do projeto e professora por quem tenho grande admiração. Aos meus colegas Beatriz, sempre muito gentil, me auxiliou e ajudou quando precisei, e Gabriel, que pacientemente me ajudou a compreender as representações da GDF para que eu pudesse aplicar neste trabalho.

As minhas amigas Fabiana e Vanessa, com quem pude compartilhar minhas ansiedades, medos e conquistas deste trabalho. As minhas amigas de graduação, Marcela e Mayara que, mesmo longe, fazem com que eu sinta o apoio e o amor por perto.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, processo nº 88887.191045/2018-00.

Dicen que no hablan las plantas, ni las fuentes,  
ni los pájaros, ni la onda con sus rumores,  
ni con su brillo los astros:  
Lo dicen, pero no es cierto, pues siempre cuando  
yo paso de mí murmuran y exclaman:  
- Ahí va la loca, soñando  
(ROSALÍA DE CASTRO, 1884, p. 466)

## RESUMO

Esta pesquisa visa a investigar, à luz da Gramática Discursivo-Funcional de Hengeveld e Mackenzie (2008), as orações introduzidas por *pero* em dados do espanhol peninsular falado. Esse juntor é concebido na literatura da língua espanhola como conjunção coordenativa adversativa. As orações coordenadas adversativas, de acordo com a Nueva Gramática de la Lengua Española (2009), expressam contraposição ou oposição de ideias. Cascón Martín (2000) e Sánchez *et al* (1980) consideram que esse tipo de oração consiste em uma contraposição entre duas ideias ou como uma contraposição entre duas orações, uma afirmativa e outra negativa. Para Garcés (1994), o enunciado adversativo introduz uma oração que corrige ou restringe o conteúdo do elemento ou oração anterior ou que se opõe ao conteúdo do elemento ou oração anterior. Restringir, corrigir uma informação caracteriza, na Gramática Discursivo-Funcional, a função retórica Concessão. Essa função ocorre exclusivamente entre dois Atos Discursivos de estatuto desigual. Nesse caso, o Ato Nuclear apresenta o juntor, caracterizando-se como o Ato cujo Conteúdo Comunicado é considerado pelo Falante como mais importante do ponto de vista comunicativo. A Gramática Discursivo-Funcional é a base teórica que fundamenta a presente pesquisa porque essa perspectiva tem como objetivo descrever e, na medida do possível, explicar as propriedades formais (sintáticas, morfológicas e fonológicas) do Ato Discursivo a partir da língua em uso em contextos reais de comunicação. O universo de investigação é embasado no cópuz *PRESEEA* (Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y de América), banco de dados disponível *online*, coordenado pelo professor Francisco Moreno, da Universidade de Alcalá de Henares, Espanha. O *PRESEEA* é um projeto que agrupa cerca de 40 equipes de pesquisa sociolingüística para a criação de um cópuz de língua espanhola falada no mundo hispânico em sua variedade geográfica e social. Para a presente pesquisa, utilizamos inquéritos coletados nas cidades de Alcalá de Henares e Granada, na Espanha. Os resultados mostram que contextos oracionais introduzidos por *pero* tendem a se estabelecer nas camadas mais altas do Nível Interpessoal, as quais correspondem a Conteúdos Proposicionais e a Estados-de-Coisas no Nível Representacional. No Nível Morfossintático, por sua vez, observamos Orações que caracterizam o processo da *coordenação*.

Palavras-chave: Pero. Coordenação Adversativa. Gramática Discursivo-Funcional. Espanhol. Concessão.

## ABSTRACT

This search aims to investigate, adopting as a theoretical apparatus the Functional Discourse Grammar (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), the adversative sentences introduced by *pero* in peninsular Spanish spoken data. This linker is conceived in Spanish language literature as an adversative coordinative conjunction. Adversative coordinating clauses, according to Nueva Gramática de la Lengua Española (2009), express opposition or opposition of ideas. Cascón Martín (2000) and Sánchez *et al* (1980) consider that this type of clause consists of a contrast between two ideas or as a contrast between two sentences, one affirmative and other negative. For Garcés (1994), the opposing utterance introduces a clause that corrects or restricts the content of the previous element or clause or opposes the content of the previous element or clause. Restricting, correcting an information characterizes, in Functional Discourse Grammar, the rhetorical concessive functions. This function occurs exclusively between two Discursive Acts of unequal status. In this case, the Nuclear Act contains the linker, characterizing itself as the Act whose Communicated Content is considered by the Speaker to be the most important from the communicative point of view. Functional Discourse Grammar is the theoretical basis that underlies this research because this perspective aims to describe and, as far as possible, explain the formal (syntactic, morphological and phonological) properties of the Discursive Act from the language used in real communication contexts. The universe of research is based on the corpus *PRESEEA* (Project for the Sociolinguistic Studio of the Spanish of Spain and America), a database available *online*, coordinated by professor Francisco Moreno, from Universidad de Alcalá de Henares, Spain. *PRESEEA* is a Project which provides 40 sociolinguistic research teams for the creation of a Spanish speaking corpus in the Hispanic world in its geographical and social variety. In this current research, we used surveys collected in the cities of Alcalá de Henares and Granada, Spain. The results show that clauses introduced by *pero* tend to be established in the upper layers of the model, in Interpersonal domain, which corresponds to Propositional Contents and States-of-affairs at the Representational Level. At the Morphosyntactic Level, therefore, the Clauses characterize the process of coordination.

Keywords: *Pero*. Adversative coordination. Functional Discourse Grammar. Spanish. Concession.



## RESUMEN

Este estudio investiga, desde el punto de vista de la teoría de la Gramática Discursivo-Funcional de Hengeveld y Mackenzie (2008), las oraciones introducidas por *pero* en datos del español peninsular hablado. Esta conjunción es concebida en la literatura de la lengua española como conjunción coordinante adversativa. Las oraciones coordinadas adversativas, de acuerdo con la Nueva Gramática de la Lengua Española (2009), indican contraposición u oposición de ideas. Cascón Martín (2000) y Sánchez *et al* (1980) consideran que ese tipo de oración consiste en una contraposición entre dos ideas o como una contraposición entre dos oraciones, una afirmativa y otra negativa. Para Garcés (1994), el enunciado adversativo introduce una oración que corrige o restringe el contenido del elemento o de la oración anterior que se opone al contenido del elemento de la oración anterior. Restringir, corregir una información caracteriza, en la Gramática Discursivo-Funcional, una función retórica Concesión. Esa función sucede exclusivamente entre dos Actos Discursivos de estatuto desigual. En este caso, el Acto Nuclear presenta el nexo, caracterizándose como el Acto cuyo Contenido Comunicado es considerado por el Hablante como el más relevante desde el punto de vista comunicativo. La Gramática Discursivo-Funcional es la base teórica en la presente investigación porque esta perspectiva tiene como objetivo describir y, en la medida de lo posible, explicar las propiedades formales (sintácticas, morfológicas y fonológicas) del Acto Discursivo del lenguaje en uso en contextos reales de comunicación. En lo que se refiere al análisis de datos, el universo de investigación adoptado se constituye por muestras del Proyecto *PRESEEA* (Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y de América), corpus disponible en línea, coordinado por el profesor Francisco Moreno, de la Universidad de Alcalá de Henares, España. *PRESEEA* es un proyecto que agrupa cerca de 40 equipos de investigación sociolingüística para la creación de un corpus de lengua española hablada en el mundo hispánico en sus variedad geográfica y social. Para esa investigación, utilizamos el corpus de las ciudades de Alcalá de Henares y Granada, en España. Los resultados de nuestro análisis señalan que contextos oracionales introducidos por *pero* se establecen en las camadas más altas del Nivel Interpersonal, que corresponden a Contenidos Proposicionales y a Estados-de-Cosas en el Nivel Representativo. En el Nivel Morfosintáctico, a la vez, observamos Oraciones que caracterizan el proceso de la *coordinación*.

Palabras-clave: Pero. Coordinación Adversativa. Gramática Discursivo-Funcional. Español. Concesión.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### FIGURAS

Figura 1 – Representação geral de coordenação para Dik (Dik, 1997, p.189).....	20
Figura 2 – Posição dos nexos das orações adversativas e concessivas (adaptado de FLAMENCO GARCÍA, 1999, p. 3814).....	30
Figura 3 – Possíveis usos de <i>pero</i> na coordenação adversativa (adaptado de BÁEZ SAN JOSÉ; MORENO MARTÍNEZ, 1977, p.119).....	34
Figura 4 – Os componentes da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.6).....	41
Figura 5 – Organização geral da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.13).....	42

### QUADROS

Quadro 1– Categorias semânticas (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.136).....	47
Quadro 2 – Posição das constituintes nas camadas da Oração e da Expressão Linguística (PEZATTI, 2014, p. 83).....	51
Quadro 3 – Correlação temporal em relações binárias em que <i>pero</i> encabeça o segundo membro .....	91
Quadro 4 – Posição das orações coordenadas adversativas.....	93

### TABELAS

Tabela 1– Camadas de atuação no Nível Interpessoal.....	80
Tabela 2 –Alinhamento entre os níveis.....	94

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 AS ORAÇÕES COM <i>PERO</i> NA LITERATURA .....</b>	<b>16</b>
2.1 A coordenação .....	16
2.2 As orações coordenadas adversativas.....	23
2.2.2 A adversidade e a concessão .....	28
2.3 <i>Pero</i> na literatura .....	32
<b>3 PRECEITOS DA GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL .....</b>	<b>39</b>
3.1 A abordagem funcionalista.....	39
3.2 A Gramática Discursivo-Funcional .....	40
3.2.1 Nível Interpessoal .....	43
3.2.2 Nível Representacional.....	46
3.2.3 Nível Morfossintático .....	49
3.2.4 Nível Fonológico .....	51
3.3 Funções Retóricas.....	52
<b>4 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA INVESTIGAÇÃO DAS ORAÇÕES INRODUZIDAS POR <i>PERO</i>.....</b>	<b>59</b>
4.1 Objetivos e perguntas de pesquisa.....	59
4.2 O Córpus.....	60
4.3 Fatores de análise.....	66
<b>5 ANÁLISE DAS ORAÇÕES COM <i>PERO</i> .....</b>	<b>68</b>
5.1. Estruturas oracionais com <i>pero</i> no Nível Interpessoal .....	70
5.2 Estruturas oracionais com <i>pero</i> no Nível Representacional .....	80
5.3 Estruturas oracionais com <i>pero</i> no Nível Morfossintático .....	85
5.3.1 Tempos e modos verbais das orações com <i>pero</i> .....	87
5.3.2 Posição da oração introduzida por <i>pero</i> .....	92
5.4 O alinhamento entre os níveis .....	93

5.5 Orações com <i>pero</i> e com <i>aunque</i> : o parentesco lógico sob perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional .....	97
<b>6 CONCLUSÕES.....</b>	<b>100</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>103</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho investiga as estruturas oracionais introduzidas por *pero* no espanhol peninsular falado sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional de Hengeveld e Mackenzie (2008). Esse juntor<sup>1</sup> é reconhecido pelos compêndios normativos e descritivistas do espanhol no rol das conjunções coordenativas adversativas, sendo concebido como prototípico na expressão da adversidade nos compêndios descritivos do espanhol<sup>2</sup>.

De acordo com a *Nueva Gramática de la Lengua Española* – doravante NGLE (2009), na perspectiva descritivista, *pero* ocorre em relações bimembres que se enquadram no esquema *A, pero-B*, em que o juntor une elementos que expressam contraste ou oposição de ideias, conforme mostra a ocorrência (1) a seguir:

- (1) A1: ¿te importa que fume?  
 E: ¡ah! no por supuesto que no  
 A1: ¿qué quieres? bueno  
 E: yo desde luego no fumo **pero tampoco me molesta**. (ALCA\_H12\_019)  
 [A1: Você se importa que eu fume?  
 E: ah não, claro que não  
 A1: O que você quer? Bom  
 E: eu não fumo **mas também não me incomoda**. (tradução e grifo nossos)<sup>3</sup>]

Em (1), nota-se que a segunda oração *tampoco me molesta* contrapõe o que foi dito anteriormente, na primeira oração, *yo desde luego no fumo*. Pelo conteúdo informado na primeira oração, o ouvinte pode pressupor que o falante não gostaria que ele fumasse, pois não fuma. No entanto, o falante contrapõe a informação dizendo que mesmo que ele não fume, não se importa que o outro o faça.

Na perspectiva funcionalista, a coordenação, segundo Dik (1997), expoente da Gramática Funcional (doravante GF), só é possível entre elementos funcionalmente equivalentes, combinados no mesmo nível estrutural por meio de mecanismos de ligação, como observado em (2), em que *everybody seems to be there* (todos parecem estar lá) e *where is Mary* (onde está Maria), apesar de apresentarem ilocuções diferentes, já que o primeiro elemento

<sup>1</sup> Optamos pelo uso do termo *juntor* por considerarmos mais genérico, a fim de evitarmos a discussão sobre o valor conjuncional do que foi investigado. -

<sup>2</sup> Os compêndios normativos apresentam também outros jutores, como ‘sin embargo’ (entretanto).

<sup>3</sup> As traduções que aparecem abaixo das ocorrências originais são de nossa autoria e sua função é guiar o leitor na compreensão do exemplo em língua estrangeira de modo a torná-lo mais acessível ao leitor.

apresenta ilocução declarativa e o segundo, interrogativa, são orações independentes e apresentam a mesma função pragmática e semântica.

- (2) Everybody seems to be there **but** where is Mary? (DIK, 1997, p. 198)  
[Todos parecem estar lá, **mas** onde está Maria?]

Com relação ao contraste expresso por meio de jutores, para Dik (1997), o único jutor considerado é o *but*, que corresponde a *pero* em espanhol, único coordenador por excelência para o autor.

Com base na perspectiva de análise em camadas de Dik (1997), Pezatti e Longhin-Thomazi (2008), em um estudo das construções coordenadas no português, reconhecem que as adversativas podem ser de conteúdo, epistêmicas ou de atos de fala, conforme exemplificam (3), (4) e (5) a seguir:

- (3) [...]então... futuramente eu pretendo... reiniciar os estudos... **mas** por enquanto não [D2 SP 360] (PEZATTI; LONGHIN-THOMAZI, 2008, p. 926)
- (4) L1 - [...] não tem a maturidade... não é ainda... claro... tem onze anos só para nos julgar... **mas** se sente a... a própria... juiz... sabe? porque é uma tarefa assim... muito SÉria o de encaminhá-la... para o... caminho certo... [D2 SP 360] (PEZATTI; LONGHIN-THOMAZI, 2008, p. 926)
- (5) Não quero ser indelicada, **mas** você me deve alguns reais. (PEZATTI; LONGHIN-THOMAZI, 2008, p. 926)

Com base em Sweetser, Lang (2000) contesta a atuação da conjunção adversativa *but* no domínio do conteúdo. Para o autor, os elementos envolvidos em uma relação adversativa não são incompatíveis, eles são, na verdade, considerados como contrastivos pelo falante, o que faz com que essa relação não seja adequada para encontrar-se no domínio do conteúdo.

Hengeveld e Mackenzie (2008), já do ponto de vista da Gramática Discursivo-Funcional, reconhecem a atuação de *but* na camada do Ato Discursivo, a mais alta do Nível Interpessoal<sup>4</sup>. Para os autores, *but* ocorre entre dois Atos Discursivos de estatuto desigual, em que se reconhece a função retórica Concessão (Conc), como mostra o exemplo (6):

- (6) The work took longer than expected, **but** it was easy. (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 55).  
[O trabalho demorou mais tempo do que o normal, **mas** foi fácil.]

A concessão, na GDF, também é marcada por maio de *although*. Como em:

---

<sup>4</sup> Quando usadas como termos aplicados dentro da estrutura da GDF, utilizaremos a letra inicial grafada em maiúscula.

- (7) The work was fairly easy, **although** it took me longer than expected. (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 54).  
[O trabalho foi razoavelmente fácil, **embora** tenha demorado mais do que o esperado.]

Os autores admitem ainda a atuação de *but* em contextos de narrativa, quando atua como *push marker*, um operador que possibilita que o Falante faça algumas digressões sobre o que está sendo narrado para inserir informações secundárias, como exemplifica (8):

- (8) a: but we had a seamstress  
b: and we were calling her Mietje  
c: **But** I think we were calling everyone  
Mietje back then  
d: you know, I don't know why,  
e: but anyway,  
f: so that was also a Mietje  
(HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 51-52)  
[a: mas nós tínhamos uma costureira  
b: e nós chamávamos ela de “Mariazinha”  
c: **mas** eu acho que chamávamos todo mundo de “Mariazinha”  
d: você sabe, eu não sei por quê  
e: mas de qualquer forma  
f: essa foi mais uma “Mariazinha”]

Assim como ocorre com *but*, em inglês, e com *mas*, no português, *pero*, na língua espanhola, pode também introduzir estruturas diferentes e unir elementos que atuam em diferentes camadas. Considerando essas possibilidades, a proposta da presente pesquisa consiste em descrever, à luz da Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF), o comportamento pragmático, semântico e morfossintático das construções introduzidas por *pero* em dados do espanhol peninsular falado a fim de responder às seguintes perguntas:

- Que tipos de estruturas podem ser introduzidas por *pero*? O que elas constituem no aparato da Gramática Discursivo-Funcional?
- Em quais níveis e camadas ocorrem as orações introduzidas por *pero*?
- O que diferencia as concessivas com *pero* das tradicionais concessivas com *aunque* (‘embora’)?

O objetivo geral deste trabalho consiste em investigar as motivações funcionais das estruturas introduzidas por *pero* em dados do espanhol peninsular falado a fim de analisar em quais níveis e camadas da Gramática Discursivo-Funcional as orações introduzidas por *pero* podem atuar.

A hipótese principal que subjaz a esta investigação é a de que *pero* prefacia elementos oracionais que atuam predominantemente no Nível Interpessoal, pois acredita-se que esse tipo de estrutura, por ser uma estratégia do Falante, relaciona-se ao domínio responsável por tratar dos aspectos pragmáticos da unidade linguística.

O aparato teórico utilizado nesta pesquisa, a Gramática Discursivo-Funcional, foi desenvolvido a partir dos pressupostos da Gramática Funcional (GF), postulada por Dik (1997), uma teoria sobre a gramática que reflete as evidências psicolinguísticas em sua arquitetura básica. Trata-se de um modelo que parte da intenção do falante, ou seja, dos elementos que se relacionam à interação, em direção à articulação, passando pelos aspectos semânticos e morfossintáticos.

A teoria propõe que o falante organiza seu discurso a fim de atingir seus objetivos conversacionais, obedecendo a regras de formulação e de codificação, diferenciando níveis de organização linguística: o interpessoal, que está relacionado à pragmática; o representacional, relacionado à semântica; o morfossintático, relacionado à morfossintaxe; e o fonológico, que está relacionado à fonologia. Embora reconheçamos a importância do Nível Fonológico para o escopo funcionalista, optamos por centrar nosso estudo apenas nos níveis Interpessoal, Representacional e Morfossintático, já que o Morfossintático consegue explicar as motivações funcionais do fenômeno.

Como universo de pesquisa utilizaremos o cópulo do projeto PRESEEA (*Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y de América*), um banco de dados que tem como objetivo criar um cópulo de língua espanhola falada, apresentando a diversidade sociolingüística do espanhol em distintas regiões geográficas e sociais. A escolha do cópulo foi feita pela facilidade de acesso ao conteúdo *online*, com transcrições e áudios das conversas disponibilizadas no próprio *site* (<http://preseea.linguas.net/>). Os inquiridos coletados foram restringidos às cidades de Alcalá de Henares e Granada, ambas localizadas na Espanha, por delimitação do universo de pesquisa e porque dispunham de algumas partes dos áudios das entrevistas na página do PRESEEA para análise.

Para atingir os nossos objetivos de pesquisa, cada ocorrência foi levantada e investigada de acordo com os as relações que apresentam entre os Níveis e Camadas da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008).

O presente trabalho organiza-se em quatro seções, além da introdução. Na seção 2, apresentamos as principais definições e conceitualizações da oração coordenada adversativa na língua espanhola de acordo com as gramáticas tradicionais, representadas por autores como Alarcos Llorach (1999), e descritivistas, como Bosque y Demonte (1999) e a Nueva Gramática



de la Lengua Española (2009), assim como trabalhos de viés funcionalista, como Neves (1997) e Pezatti e Longhin-Thomazi (2008), dentre outros. Além disso, mostraremos as relações entre as orações adversativas com as orações concessivas, tratadas por diversos autores, como Flamenco García (2000) e Crevels (2008). Oferecemos também, nessa seção, um panorama geral do uso do *pero* quando já não mais atua como juntor contrastivo, mas, sim, como marcador discursivo.

Na sequência, na seção 3, por sua vez, apresentamos os subsídios teóricos que fundamentam esta pesquisa. São discutidos os conceitos básicos do funcionalismo, bem como uma apresentação breve de diversos modelos funcionalistas, dentre eles, a Gramática Funcional (GF) de Dik (1997), base para o desenvolvimento da Gramática Discursivo-Funcional, de Hengeveld e Mackenzie (2008), modelo que embasa a análise deste trabalho.

Em seguida, a seção 4 dedica-se aos aspectos metodológicos utilizados nesta pesquisa. Nele, apresentamos os objetivos e as hipóteses que norteiam nossas análises, além do *córpus* e dos fatores de análise utilizados.

Na seção 5 apresentamos a análise das ocorrências em três etapas: no domínio pragmático, no domínio semântico e no domínio morfossintático. Nos níveis da formulação, o Interpessoal e o Representacional, descrevemos os resultados obtidos na análise em cada um dos níveis e camadas propostos pela GDF para, posteriormente, ao tratarmos do nível da codificação, o Morfossintático, apresentarmos a relação modo-temporal, a posição da oração introduzida por *pero* com relação à oração principal. Tratamos, por fim, do alinhamento entre os níveis.

Encerramos este trabalho com as Conclusões, na seção 6, em que retomamos os principais resultados deste trabalho e as implicações ao modelo teórico da GDF.

A caracterização das orações com *pero* no espanhol visa contribuir com os estudos descritivistas do espanhol e testar a aplicabilidade do modelo adotado.

## 2 AS ORAÇÕES COM *PERO* NA LITERATURA

Esta seção aborda algumas considerações advindas das gramáticas de referência e de trabalhos diversos que tratam das orações com *pero*. Essas orações são concebidas nas gramáticas de referência do espanhol, tais como a *Gramática Descriptiva de la Lengua Española* de Bosque y Demonte (1999) e a *Nueva Gramática de la Lengua Española* (2009) e a, no rol das coordenadas adversativas. As gramáticas descritivas e os compêndios linguísticos (representados por autores como Crevels (1998), Hengeveld e Mackenzie (2008), etc.) admitem a relação dessas orações com outros tipos semânticos, tais como as concessivas, fenômeno tratado por autores como Flamenco García (2000) e Crevels (1998), dentre outros.

Esta seção se organiza da seguinte forma, na seção 2.1, discorreremos sobre o conceito de coordenação de acordo com as gramáticas normativas, descritivas e compêndios linguísticos da língua espanhola e, quando necessário, de outras línguas, como o português e o inglês, já que um olhar tipológico pode nos ajudar a entender o fenômeno da coordenação de modo mais amplo. Na seção 2.2, por sua vez, apresentamos o que se concebe por adversidade e as noções de proximidade semântica. Feitas as considerações gerais sobre a coordenação adversativa, na seção 2.3, por fim, apresentamos os demais usos do juntor *pero* que não em contextos de coordenação adversativa.

### 2.1 A coordenação

Na perspectiva tradicional, a relação entre as orações é concebida de forma dicotômica entre coordenação e subordinação. É consenso nas gramáticas tradicionais que o período composto por coordenação é formado por duas ou mais orações que se encontram no mesmo nível sintático e se unem mediante um nexos. O período composto por subordinação, por sua vez, se forma a partir de duas ou mais orações que exercem função sintática sobre a oração principal, complementando seu sentido e sendo dependente da mesma.

As orações coordenadas, diferentemente das subordinadas, constituem, de acordo com Alarcos Llorach (1999), um dos autores que representam os compêndios tradicionais do espanhol, enunciados que podem ser usados independentemente, denominados *grupos*

*oracionais*, os quais podem ser classificados a depender do tipo de nexos, conforme (1) e (2) a seguir:

- (1) Leyeron el informe **y** se aquietaron. (ALARCOS LLORACH, 1999, p. 391)  
Leram o relatório **e** se aquietaram.
- (2) Ganaron mucho, **pero** hoy están arruinados. (ALARCOS LLORACH, 1999, p. 391)  
Ganharam muito, **mas** hoje estão arruinados.

Os exemplos mostram grupos dotados de sentido completo que podem proferir-se com independência um do outro: *Leyeron el informe; Se aquietaron; Ganaron mucho; Están arruinados*. Esses elementos são articulados por meio de uma conjunção (*y* e *pero*, respectivamente), que serve para indicar o tipo de relação semântica que o falante estabelece entre os conteúdos de uma oração e outra.

Para Gili Gaya (2002, p. 271), quando distinguimos a coordenação como orações independentes e a subordinação como orações dependentes, inseparáveis, estamos atendendo somente às estruturas gramaticais e ignorando a realidade expressiva. Para o autor, os componentes de um período não devem ser considerados independentes, pois haverá ao menos uma falha no conteúdo exposto, já que os dois elementos precisam estar juntos para que o falante consiga alcançar seus objetivos. Observamos, assim, que a noção de dependência ou independência não se limita apenas ao ponto de vista sintático, pois do ponto de vista semântico, os elementos precisam ocorrer juntos para garantir o sentido pretendido pelo falante.

*A Nueva Gramática de la Lengua Española* (NGLE) (2009, p. 603-4), uma gramática de perspectiva descritiva, também concebe a coordenação do ponto de vista sintático, pois, afirma que a língua permite a coordenação de elementos diversos com a condição única de que tenham a mesma função sintática. Como se observa, o ponto de vista sintático é o ponto de partida para estudar a relação entre as orações. Assim, a dependência ou independência sintática das orações é o critério adotado para classificá-las como coordenadas, como vimos em (1) e em (2), ou subordinadas, como em (3) a seguir, em que, segundo a obra, *que no estaba de acuerdo* é um segmento incompleto que se encontra inserido na oração principal *ella dijo*.

- (3) Ella dijo **que no estaba de acuerdo**. (NGLE, 2009, p. 18)

Acrescenta a NGLE ainda que o resultado da coordenação é um grupo sintático que possui a mesma categoria gramatical dos elementos coordenados e pode apresentar as mesmas funções sintáticas, o que não se observa na subordinação.

Considerando a dicotomia coordenação *versus* subordinação, Neves (2006, p.226) observa que:

faz parte das propostas funcionalistas questionar o corte rígido entre subordinação e coordenação, especialmente no tratamento das frases compostas e complexas, nas quais a relação entre as orações não é a de integração sintática, daquele tipo em que uma oração é subparte de outra estrutura oracional.

Nessa perspectiva, alguns linguistas funcionalistas, tais como Halliday (1985), Matthiessen e Thompson (1988), Lehmann (1988) e Givón (1990) rejeitam a dicotomia *coordenação* e *subordinação* e concebem as relações entre orações a partir do sistema de interdependência, indo da *parataxe*, em que as orações são equivalentes, ou seja apresentam o mesmo estatuto, à *hipotaxe*, em que uma oração depende da outra.

Halliday (1985) propõe uma organização de dois blocos enunciativos complexos em dois eixos. O primeiro eixo é denominado “sistema tático”, que diferencia parataxe de hipotaxe. A primeira trata de uma interdependência entre os enunciados e compreende uma relação entre elementos de igual estatuto. A segunda apresenta uma relação entre elementos de estatutos diferentes. O segundo eixo é intitulado “sistema lógico semântico”, que, segundo Neves (2006, p.228) “se refere à relação entre os processos, desvinculada do modo de organização e estruturação do enunciado, e que se envolve por uma ‘expansão’ ou por uma ‘projeção’, relações que cumprem diverso papel semântico-funcional”.

Outra proposta é a de Matthiessen e Thompson (1988), que leva em conta as funções discursivas. Os autores propõem que a combinação de duas orações reflete a organização retórica do discurso. Segundo Neves (2006, p. 229), as relações de causa, consequência, comparação, condição, concessão, proporção e conformidade são relações retóricas que “existem entre quaisquer partes de um texto, e que podem gramaticalizar-se na combinação de orações, seja na relação de listagem (o que corresponde à parataxe), seja na relação núcleo-satélite (o que corresponde à hipotaxe)”. Entende-se que na parataxe os membros têm o mesmo estatuto, enquanto na hipotaxe, os membros têm diferentes estatutos, e dependem um do outro.

Alguns autores sugerem um *continuum* na hierarquia das orações que são articuladas, tais como Hopper e Traugott (1993), Lehman (1988) e Givón (1990). Para Hopper e Traugott (1993), o *continuum* vai da subordinação, que apresenta dependência e encaixamento, à parataxe, que seria a não-dependência e o não-encaixamento, passando então pelo conceito de hipotaxe, dependência, mas não-encaixamento. Para Neves (2006), o que Hopper e Traugott propõem é que:

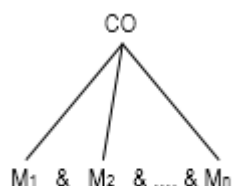
As orações complexas tendem a uma gramaticalização, com três etapas graduais: na parataxe existe uma independência relativa (em que o vínculo depende apenas de que a relação faça sentido e tenha relevância); na hipotaxe existe uma interdependência entre o núcleo e margem; na subordinação existe uma dependência completa entre núcleo e margem, e, portanto, encaixamento da margem em um constituinte do núcleo. (p. 230)

Na proposta de Lehman (1988), as orações articuladas fazem parte de um *continuum* que vai de um grau máximo a um grau mínimo de autonomia na sentença (*continuum* de rebaixamento, parataxe) e, ao contrário, de um grau máximo a um grau mínimo de integração das sentenças. Isso representa a hierarquia entre elementos de mesmo estatuto dentro da sentença (o que chamamos de parataxe) e a perda deste estatuto, aquele em que uma oração se torna um simples constituinte da outra oração.

Por fim, o *continuum* de Givón (1990) também apresenta uma hierarquia com relação à integração das orações, se opondo à dicotomia entre coordenação e subordinação. Para o autor, nenhuma oração é totalmente independente de seu contexto oracional imediato. Por isso, de um ponto de vista semântico, as noções retóricas de concessão, razão, propósito, causalidade, condicionalidade e temporalidade podem ser estabelecidas entre uma oração e seu contexto. Já do ponto de vista lógico, determinam-se as noções de junção, disjunção, paráfrase, tautologia e contradição.

A coordenação, segundo Dik (1997), expoente da Gramática Funcional, só é possível entre elementos funcionalmente equivalentes, combinados no mesmo nível estrutural por meio de mecanismos de ligação. Dentre as orações coordenadas, Dik considera como representação geral de coordenação o seguinte esquema:

Figura 1 - Representação geral de coordenação para Dik



Fonte: Dik (1997, p. 189)

em que "CO" é a coordenação como um todo, "M" representa os membros ( $n > 1$ ), e "&" simboliza o mecanismo de ligação por meio dos quais os membros são combinados. Esses membros são combinados no mesmo nível estrutural e, para ele, nenhum deles está de qualquer modo subordinado a qualquer outro. O "mecanismo de ligação" pode ocorrer mediante o uso de uma conjunção, como em (4), ou por meio de justaposição, como em (5).

- (4) João saiu para um passeio e Maria ficou assistindo televisão. (DIK, 1997, p.197)  
 (5) João saiu para um passeio, Maria ficou assistindo televisão. (DIK, 1997, p.197)

Alguns coordenadores admitem apenas dois membros (*coordenadores binários*). Por exemplo, o coordenador inglês *for* necessariamente coordena dois membros, assim como *but* ['mas'], enquanto outros podem coordenar mais de dois membros, como *or* ['ou'].

Com base em Dik, Hengeveld e Mackenzie (2008), expoentes da Gramática Discursivo-Funcional, concebem a coordenação como um processo do Nível Morfosintático, em que duas ou mais Orações são independentes umas das outras, mas que a união das mesmas pode formar uma única unidade formal, como se verá na seção a seguir.

Também com base na Gramática Funcional de Dik (1997), Pezatti e Longhin-Thomazi (2008), ao abordarem a coordenação em português, apresentam os seguintes tipos de elementos que podem ser coordenados: sentenças independentes, sentenças dependentes, termos, predicados, modificadores e operadores.

Quando ocorre uma coordenação de sentenças independentes, é o caso de elementos coordenados por justaposição, ou por um nexos, como representam (6) e (7) respectivamente:

- (6) cheguei em casa, vi televisão. (PEZATTI; LONGHIN-THOMAZI, 2008, p. 868)  
 (7) eles pescam muito peixe de rio e **usam muito na alimentação**.  
 (PEZATTI; LONGHIN-THOMAZI, 2008, p. 868)

A coordenação de sentenças dependentes são, segundo as autoras, sentenças encaixadas em um predicado matriz, como se observa em (8) em que as orações encaixadas *pra ele sair da faculdade e exercer a profissão em qualquer lugar* dependem da oração principal *a gente não forma o médico*:

- (8) a gente não forma o médico pra ele sair da faculdade **e exercer a profissão em qualquer lugar** (PEZATTI; LONGHIN-THOMAZI, 2008, p. 868)

A coordenação de termos ocorre quando um único constituinte da sentença é multiplicado. Assim sendo, para as autoras, a coordenação representa uma “espécie de atalho para o falante ser capaz de expressar que diferentes entidades se relacionam de maneira idêntica com o predicado” (PEZATTI; LONGHIN-THOMAZI, 2008, p. 869), como vemos em (9) e (10):

- (9) naquela época... **o que existia eram os bisontes e os mamutes também...**  
(PEZATTI; LONGHIN-THOMAZI, 2008, p. 869)
- (10) ela vai dizer que eu **não posso aplicar, também, sem fazer uma análise ou aplicação**, então vamos voltar aqui (PEZATTI; LONGHIN-THOMAZI, 2008, p. 869)

Na coordenação de predicados, as construções contêm verbos que têm a mesma valência quantitativa e qualitativa, como em (11), em que os verbos *pintar* e *esculpir* possuem a mesma valência:

- (11) qual seRIA... o motivo pelo qual... eles ::... **começaram... a pintar ou a esculpir...** essas formas... (PEZATTI; LONGHIN-THOMAZI, 2008, p. 871)

Com relação à coordenação de operadores, Pezatti e Longhin-Thomazi (2008) afirmam que esse tipo de coordenação é raro, mas pode ser aplicado a artigos, numerais, demonstrativos e preposições, conforme (12) e (13):

- (12) que **está realmente a altura de prestar toda e qualquer assistência**  
(PEZATTI; LONGHIN-THOMAZI, 2008, p.872)
- (13) **havia três ou quatro citações** que faziam referência exatamente a isso  
(PEZATTI; LONGHIN-THOMAZI, 2008, p.872)

Interessam-nos, neste trabalho, os elementos oracionais que possam ser coordenados. No entanto, mesmo com a delimitação das ocorrências, apresentaremos alguns outros usos de *pero*, apenas para demonstração. Embora reconheçamos a possibilidade de haver união de elementos não oracionais por *pero*, esse não é o escopo deste trabalho, que se volta apenas para os elementos que apresentam núcleos verbais.

Tendo em vista as considerações apresentadas, podemos dizer que o fenômeno da coordenação é, muitas vezes, tratado na literatura apresentada levando em conta a sintaxe, não se atentando, no entanto, para os demais níveis de estruturação da língua, tais como o pragmático e o semântico, como mostram Pezatti e Longhin-Thomazi (2008). Consideramos, ainda assim, que todos esses estudiosos devem ser levados em consideração, pois fica evidente a contribuição que tiveram para a literatura ao proporcionar um ponto de partida para refletirmos sobre o que esses processos significam na perspectiva (discursivo)funcional.

As orações coordenadas podem ser de três diferentes tipos, a depender do sentido veiculado. De acordo com a *Nueva Gramática Básica de la lengua española* (2011), as estruturas coordenadas podem ser *copulativas*, *disjuntivas* e *adversativas*<sup>5</sup>, que correspondem, respectivamente, às aditivas, alternativas e adversativas concebidas por Dik (1997) e por Pezatti e Longhin-Thomazi (2008). As *copulativas* são conjuntos cujos elementos se somam, as *disjuntivas*, por sua vez, consistem em grupos que se alternam entre si ou se prestam a uma eleição, e, por fim, as *adversativas*, sobre as quais recai o interesse deste estudo, são grupos que se opõem de diversas formas. A fim de evidenciar as diferenças entre elas, observemos as construções correspondentes em (14), (15) e (16):

- (14) Estaba cansado **y** me acosté. (NGLE, 2009, p.610)  
[Estava cansado e me deitei.]
- (15) Cásate **o** serás infeliz. (NGLE, 2009, p.615)  
[Case **ou** você será infeliz.]
- (16) Es tarde, **pero** Ana no ha llamado. (NGLE, 2009, p.616)  
[Está tarde, **mas** Ana não ligou.]

Como se pode observar em (14), os elementos *estaba cansado* e *me acosté* se somam. Em contrapartida, em (15), *cásate* e *serás infeliz* se apresentam como opções ao ouvinte, que

---

<sup>5</sup> Na perspectiva descritivista e linguística, as orações distributivas e explicativas não são consideradas no rol da coordenação.



precisa eleger uma das possibilidades. Por fim, em (16), *es tarde e Ana no ha llamado* os elementos são apresentados pelo falante como opostos.

Interessam-nos, neste trabalho, as orações prefaciadas por *pero*, concebidas como coordenadas adversativas, conforme descremos a seguir.

## 2.2 As orações coordenadas adversativas

Na literatura tradicional da língua espanhola, é consenso entre os autores que a adversidade configura uma relação de oposição. Para Cascón Martín (2000) e Sánchez et al (1980) a adversidade consiste em uma contraposição entre duas ideias ou como uma contraposição entre duas orações, uma afirmativa e outra negativa. Gili Gaya (1955) defende que, independentemente da ordem em que apareçam na sentença, uma condição para que haja adversidade é que sejam expressos “juízos de qualidade lógica diferente, um afirmativo e outro negativo (ou vice-versa)” (GILI GAYA, 1955, p.257)<sup>6</sup>. Para Garcés (1994, p.23), o enunciado adversativo introduz uma oração que corrige ou restringe o conteúdo do elemento ou da oração anterior ou que se opõe ao conteúdo do elemento ou da oração anterior.

Segundo Báez San José e Moreno Martínez (1977, p.112), dois tipos de coordenação adversativa são distinguidos. O primeiro é a coordenação adversativa *restritiva* ou *parcial*, que faz uma correção ou restrição ao conteúdo da primeira oração, mas não implica uma incompatibilidade, e o segundo, a coordenação adversativa *exclusiva* ou *total*, implica uma incompatibilidade entre as duas orações, como vemos, respectivamente em (17) e (18).

(17) Eres pobre **pero** decente. (BÁEZ SAN JOSÉ; MORENO MARTÍNEZ, 1977, p.112)  
[Você é pobre, **mas** é decente.]

(18) No es mi opinión **sino** la tuya. (BÁEZ SAN JOSÉ; MORENO MARTÍNEZ, 1977, p.112)  
[Não é minha opinião, **mas** sim a sua.]

Em (17) e (18) temos dois tipos de reações expressas, a primeira pelo nexos *pero*, o qual tem um uso restritivo, e a segunda apresentada com o nexos *sino*, que exige uma negação na primeira oração, implicando uma exclusão.

---

<sup>6</sup> Expresar juicios de cualidad lógica diferente, uno afirmativo y otro negativo (o viceversa).

García Berrio (1969-1970) afirma que as orações com *pero* apresentam complexidade semântica e, por isso, estão no caminho entre coordenação e subordinação. Considerando tal complexidade, Rojo (1978, apud Jiménez (2016)) as inclui juntamente com as orações subordinadas condicionais e concessivas, dentro do que ele chama de sentenças bipolares, caracterizadas por conter duas orações cuja função só pode ser entendida levando em consideração as duas partes, conforme veremos na seção 2.2.1.

Todos esses autores, no entanto, reconhecem que as orações adversativas são exclusivamente bimembres, o que parece ser característico de todas as línguas. De acordo com Longhin, Pezatti e Novaes-Marques (2019, p.32), a coordenação adversativa é uma construção bimembre na qual “são cotejadas duas entidades ou dois eventos de algum modo incompatíveis”. Esse cotejo resulta em um sentido de adversidade, que pode ser utilizado para expressar uma oposição ou uma quebra de expectativa, com um valor predominantemente argumentativo.

O caráter argumentativo das orações com *mas* é também reconhecido por vários estudos, como Guimarães (2007) e Fuentes Rodríguez (1998). Guimarães (2007) revisita os estudos argumentativos sobre *mas* com base em Ducrot (1977; 1980) e outros autores que consideram dois tipos de *mas*. O primeiro, chamado de *masSN*, aparece sempre após um enunciado negativo e tem função opositiva, mas não argumentativa. De maneira geral, serve para corrigir ou substituir algo que foi dito antes, como vemos em (19):

(19) Ela não é nadadora, **mas** atleta. (Guimarães, 2007, p. 61)

O uso do *masSN*, conforme menciona Pezatti (2018), é equivalente ao *sino* da língua espanhola, que dá lugar a construções adversativas em contextos negativos. Nesse tipo de construção, o primeiro elemento está sempre composto por uma negação e, a partir da negação feita, é afirmado o que está no segundo elemento. O primeiro enunciado, negativo, refuta uma opinião, enquanto o segundo enunciado introduz uma correção, como mostra (20):

(20) Los únicos animales prohibidos no solo en la casa, **sino** en todo el poblado, eran los gallos de pelea (50.15). (RAE, 2000, p. 234)  
[Os únicos animais proibidos não só na casa, **mas** em todo o povoado, eram os galos de briga.]

O segundo tipo de *mas*, denominado *masPA*, ocorre em enunciados como em (21) e equivale ao jutor *pero* da língua espanhola (22):

- (21) Paulo era o mais adequado para o cargo **mas** não foi escolhido.  
(Guimarães, 2007, p. 61)
- (22) Es muy habilidoso, **pero** tiene muchas lesiones. (NGLE, 2009, P. 616)  
[É muito habilidoso, **mas** tem muitas lesões.]

Nesses dois casos, podemos notar que o conteúdo expresso no segundo elemento é algo que se infere do primeiro elemento. Ao ouvir que “Paulo era o mais adequado para o cargo”, deduzimos que ele será contratado. No entanto, a segunda oração contrasta com nossas inferências<sup>7</sup> e informações de senso comum, apresentando a informação de maior peso comunicativo. Mesmo Paulo sendo o mais adequado, ele não foi escolhido. No segundo caso, considerando o contexto de contratação de um jogador de futebol, quando alguém diz “É muito habilidoso”, inferimos que ele deve ser contratado, contudo, o fato do jogador ter muitas lesões deve impedir sua contratação, o que contraria a expectativa gerada.

Interessa-nos, neste estudo, o segundo tipo de adversidade (*masPA*), que apresenta relações entre dois elementos com vistas ao peso argumentativo.

Considerando os diferentes estratos de atuação propostos por Sweetser (1990), Pezatti e Longhin-Thomazi (2008) afirmam que as orações com *mas* no português podem ser interpretadas no nível do conteúdo, no nível epistêmico e no nível do ato de fala.

Nas adversativas de conteúdo, a conjunção estabelece uma relação de oposição explícita entre dois elementos, que estão em contraste a partir da iniciativa do falante. Segundo as autoras, essa oposição está relacionada “ora com termos semanticamente opostos, ora com a recorrência de estruturas sintáticas (paralelismo sintático) aliadas à presença de partícula negativa”, como no exemplo a seguir:

- (23) [...]então... futuramente eu pretendo... reiniciar os estudos... **mas** por enquanto não  
[D2 SP 360] (PEZATTI; LONGHIN-THOMAZI, 2008, p. 920).

As autoras defendem que o procedimento de por dois itens em contraste depende necessariamente da iniciativa do falante. Em outras palavras, as coisas por si mesmas não estão em oposição no mundo, é o falante que as coloca nessa relação.

No domínio epistêmico, a relação de contraste pode ser explicada como resultado de um cancelamento de pressuposições. Por pressuposição, entendemos como as expectativas dos falantes a respeito do que acreditam ser “normal” no mundo. Nesse sentido, há cancelamento de pressuposições em toda situação em que se desvia do esperado. Nesse contexto, o

---

<sup>7</sup> O termo *inferência* é tomado aqui como a conclusão ou a indução tomada pelo falante ou pelo ouvinte.

cancelamento pode se concretizar de diversas maneiras, gerando, para as conjunções adversativas, os valores de marcador de *refutação*, *de não-satisfação de condições*, *de contra-argumentação* ou *de diferença*.

O primeiro, *marcador de refutação*, ocorre quando a conjunção aparece em contextos em que o falante desmente, nega ou contesta uma informação explícita ou implícita e então fornece uma informação que julga correta. A esse emprego estão associadas pelo menos duas estruturas. Em (24) podemos observar a estrutura “não-A + conjunção + -B” e em (25) a estrutura “A + conjunção + não-B. Em todos esses casos, *mas* é intercambiável com *só que*.

- (24) L1 - ...porque eles são:... são cultos... eles não são incultos não... eles cantam os repentes deles fazendo referências culturais/ CLARO que eles não têm uma cultura filtrada nem cristalizada... **mas** tem um bom verniz de cultura é uma coisa curiosa... não é a poesia a poesia popular autêntica não quer dizer éh: éh:... se a gente considerar o povo como sendo inculto como sendo apenas apenas espontâneo. [D2 REC 05] (PEZATTI; LONGHIN-THOMAZI, 2008, p. 921)
- (25) [...] uma comida lá feita com feijão que eles chamavam de:... baião-de-dois ((risos)) é feijão com arroz é o feijão com arroz lá tem o nome de baião-de-dois... **mas** não é o feijão preto... é o feijão tipo daqui... a gente pode comprar o feijão manteiga... sabe? [DID RJ 328] (PEZATTI; LONGHIN-THOMAZI, 2008, p.922)

O *marcador de não-satisfação de condições*, por sua vez, ocorre quando a conjunção adversativa cancela a expectativa de que os eventos sigam um curso esperado, apontando para a não-satisfação de uma ou outra condição que favoreceria esse curso, como mostrado em (26):

- (26) L1 - ele gostaria de::jogar no::  
L2 - no dente-de-leite  
L1 - no dente-de-leite...**mas** o horário para mim era ruim... [D2 SP 360] (PEZATTI; LONGHIN-THOMAZI, 2008, p.923)

O *marcador de contra-argumentação* tem a estrutura “A + conjunção + B” como um ponto de vista argumentativo, orientada em favor de não -C. Como exemplo a seguinte ocorrência (27):

- (27) L1 - [...] não tem a maturidade... não é ainda... claro... tem onze anos só para nos julgar... **mas** se sente a... a própria... juiz... sabe? porque é uma tarefa assim... muito seria o de encaminhá-la... para o... caminho certo...[D2 SP 360] (PEZATTI; LONGHIN-THOMAZI, 2008, p. 924).

Em (27), a informação do enunciado A sugere a conclusão de que a menina é muito jovem para emitir julgamentos, já a informação B sugere conclusão contrária, de que ela julga; ou seja, o locutor faz uma conclusão prévia e depois a descarta em favor da conclusão contrária.

Por fim, o *marcador de diferença* marca que o contraste sinalizado pela conjunção é fundamentado em uma comparação de igualdade entre dois elementos: inicialmente o falante apresenta as similaridades existentes entre eles, para então cancelar as expectativas criadas por essas similaridades. Os dados do português falado, nos estudos realizados pelas autoras, indicam que esse uso é mais frequente com a conjunção *só que*:

- (28) D: É. Você pode pensar numa, assim, e tentar descrever uma bicicleta?  
I: Bom, a bicicleta é muito semelhante à motocicleta, inclusive na maneira de andar, **só que** o meio de... vamos dizer, a unidade motriz dela é o próprio passageiro. [DID SSA 277] (PEZATTI; LONGHIN-THOMAZI, 2008, p. 925).

Nas construções adversativas de ato de fala, a relação de contraste existente é de natureza discursivo-pragmática, como observamos em (29):

- (29) Não quero ser indelicada, **mas** você me deve alguns reais. (PEZATTI; LONGHIN-THOMAZI, 2008, p. 926).

Para Pezatti e Longhin-Thomazi (2008), o contraste feito pelo falante é “fruto da oposição que o falante cria ao não querer ser indelicado, por um lado, mas tomar uma atitude verbal que pode ser interpretada como indelicada, por outro”.

Nessas construções adversativas, segundo as autoras, a atenuação trazida pelo enunciado A, que funciona como uma preparação para o conteúdo posterior – enunciado B - , pode ser apresentada na forma de um elogio, uma restrição, uma ressalva ou até mesmo uma indicação de falha do próprio falante.

Para Lang (2000, p.238), os três níveis propostos por Sweetser (1990) não bastavam para descrever todas as propriedades da oração. A sugestão de Lang (2000) é de que a distinção de três níveis que fora proposta deve ser complementada por outro nível - chamado de "progressão textual" ou "perspectiva do discurso" - que não está localizado dentro da hierarquia de Sweetser (1990).<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> the three-level distinction proposed by Sweetser must be supplemented by another level - provisionally called "textual progression" or "discourse perspective" - which is not located within the Sweetsterian hierarchy of levels but cuts across them. (Lang, 2000, p. 238)

Hengeveld e Mackenzie (2008) concebem o uso de jutores adversativos (*but*) em contextos narrativos, utilizados pelo falante para efetuar digressões, quando seu uso volta-se para o discurso, como se verá no decorrer deste trabalho.

Como se observa, o uso de jutores adversativos envolve as noções de contraste, inferência e pressuposição, as mesmas utilizadas em contextos tradicionalmente concessivos, cujo nexos prototípico no espanhol é *aunque*. A relação entre adversidade e concessão é tratada por vários autores, conforme discorreremos na próxima seção.

### 2.2.1 A adversidade e a concessão

A literatura espanhola mostra várias relações entre concessão e adversidade, já que ambas expressam um contraste, uma oposição. As orações coordenadas adversativas e as subordinadas concessivas são formadas por estruturas bimembres que contrapõem duas ideias, e essa aproximação semântica torna possível, muitas vezes, a alternância entre uma e outra, principalmente entre as conjunções prototípicas apresentadas pelas gramáticas normativas do espanhol: o jutor *aunque* para as orações concessivas e o jutor *pero* para as adversativas, como mostra (30) e (31)

(30) Pepe estuvo muy enfermo, **pero** fue a trabajar. (BOSQUE; DEMONTE, 1999, p. 3809)  
[Pepe estava muito doente, **mas** foi trabalhar.]

(31) **Aunque** Pepe estuvo muy enfermo, fue a trabajar. (BOSQUE; DEMONTE, 1999, p. 3809)  
[**Embora** Pepe estivesse muito doente, foi trabalhar.]

A fim de compreender a natureza desta aproximação, tomemos como exemplo os esquemas de *p pero q* e *Aunque p, q* (Flamenco García, 1999, 3812):

(30a) Pepe estuvo muy enfermo, pero fue a trabajar  
p q

(31b) Aunque Pepe estuvo muy enfermo, fue a trabajar.  
p q

No primeiro exemplo temos uma oração coordenada adversativa, em que a oração principal está representada por *p* e se contrapõe à oração adversativa, representada por *q*,

introduzida pelo juntor *pero*. O falante expressa que Pepe estava muito doente, mas mesmo assim foi trabalhar, sendo essa última, a informação comunicativamente mais relevante. No segundo exemplo, há uma oração subordinada concessiva, em que o falante apresenta na oração subordinada concessiva (p), *Pepe estuvo muy enfermo*, precedido por *aunque*, um possível obstáculo para o que está por vir, na oração principal (q), *fue a trabajar*, informação que, para ele, é a mais relevante.

Para Flamenco García (1999), a equivalência entre os jutores *pero* e *aunque* se deve ao fato de que essas duas orações, adversativa e concessiva, expressam a mesma ideia de contraste ou oposição entre os dois membros, mas apresentam uma distinção nos propósitos comunicativos:

em uma construção concessiva, *aunque* impõe o processamento do primeiro membro como uma causa inoperante, introduzindo um conteúdo que podemos chamar de pressuposto<sup>9</sup>; por outro lado, em uma construção adversativa, a inferência não é gerada imediatamente, mas a partir do segundo membro liderado por *pero*, introduzindo neste caso um conteúdo declarado. Essa maneira diferente de processar informações é condicionada, portanto, por sua estrutura informacional diferente. (FLAMENCO GARCÍA, 1999, p. 3813)<sup>10</sup>

A relação entre esses dois tipos, fenômeno conhecido como *sobreposição semântica* (RAE, 1931; CASCÓN MARTÍN, 2000; FLAMENCO GARCÍA, 2000; entre outros) pode ser observada ainda em (32) e (33) a seguir:

- (32) Era puro y bien intencionado su celo; **pero** en vez de corregir irritaba. (ALARCOS LLORACH, 1999, p.37)  
[Seu ciúme era puro e bem intencionado, **mas** ao invés de corrigir, irritava.]
- (33) **Aunque** era puro y bien intencionado su celo, en vez de corregir irritaba. (ALARCOS LLORACH, 1999, p.37)  
[**Embora** seu ciúme fosse puro e bem intencionado, ao invés de corrigir, irritava.]

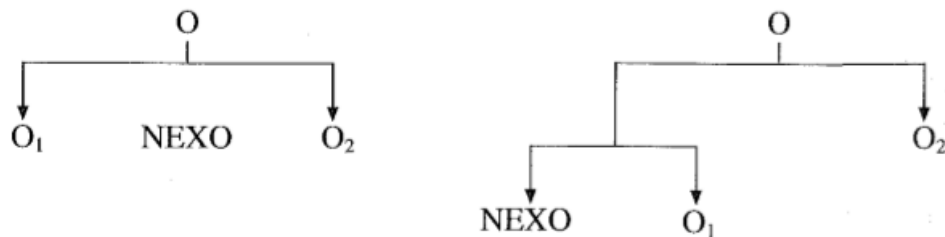
---

<sup>9</sup> Neste trabalho, utilizamos o termo *pressuposto* para denominar uma suposição prévia.

<sup>10</sup> en una construcción concesiva aunque impone el procesamiento del primer miembro como causa inoperante, introduciendo un contenido que podemos llamar presupuesto; en cambio, en una construcción adversativa no se genera la inferencia de un modo inmediato, sino a partir del segundo miembro encabezado por pero, introduciéndose en este caso un contenido aseverado. Este distinto modo de procesar la información viene condicionado, pues, por su distinta estructura informativa. (BOSQUE; DEMONTE, 1999, p. 3813)

Para Alarcos Llorach (1999), a similaridade entre *pero* e *aunque* é semântica, pois ambas expressam uma "contraposição". Nos dois exemplos a intenção do falante é dizer que o ciúme de alguém era puro e bem intencionado, mas que irritava. No entanto, para o autor, a distinção entre elas existe e está no plano sintático: enquanto as orações com *aunque* mostram a contrariedade entre uma oração principal e uma oração subordinada, as que são introduzidas por *pero* apresentam duas orações coordenadas. Embora trate da *sobreposição semântica* entre *pero* e *aunque*, destaca que as duas estruturas sintáticas são diferentes e não podem ser igualadas. Essa distinção foi representada por Flamenco García (1999, p.314) no seguinte diagrama:

Figura 2 - Posição dos nexos das orações adversativas e concessivas



Fonte: adaptado de FLAMENCO GARCÍA, 1999, p. 3814

O primeiro representa um esquema típico de coordenação, com o primeiro elemento seguido de um nexo, e o segundo elemento. Ou seja, o juntor *pero* relaciona dois elementos situados no mesmo nível de estrutura sintática, em uma posição central. Em contraposição, o segundo esquema, segundo Flamenco García (1999, p.315), “tenta refletir um esquema de subordinação”<sup>11</sup>, em que o juntor *aunque* encabeça uma oração concessiva.

Para Crevels (2000, p.48), a escolha do falante entre o uso da adversativa (coordenação) e da concessiva (subordinação) depende do grau de "proximidade" da junção. A coordenação, por exemplo, forma uma conexão mais simples e flexível do que a concessão, pois é menos enfática e mais característica da linguagem falada do que da linguagem escrita. A escolha do falante pelo uso do juntor *aunque* ou *pero* é feita de acordo com suas intenções comunicativas. Segundo a autora, o que diferencia as duas construções é a força argumentativa desempenhada dentro de cada construção contrastiva, já que ambas podem atuar em diferentes domínios.

De acordo com Crevels (2000), com base em Sweetser (1990), as concessivas com *aunque* podem atuar em quatro domínios diferentes: no domínio do conteúdo (segunda ordem),

<sup>11</sup> intenta reflejar un esquema de subordinación.



no domínio epistêmico (terceira ordem), no domínio dos atos de fala (quarta ordem) e no domínio textual (quinta ordem), à semelhança do que já mostramos com as orações com *mas*. Segundo a autora, quanto mais alto for o domínio semântico a que uma oração concessiva pertence, mais se aproximará de uma estrutura paratática, ou seja, de orações independentes, diminuindo seu grau de integração com a oração principal. Segundo a estudiosa, as concessivas dos níveis mais altos tendem a ocorrer com verbos no indicativo, enquanto as concessivas dos níveis mais baixos, com verbos no subjuntivo.

Parra (2016), ao estudar o espanhol escrito, reconhece que a predominância do modo subjuntivo ocorre nas orações concessivas de Conteúdo, enquanto os outros tipos concessivos estão com maior frequência no modo indicativo. O primeiro contexto de uso do modo subjuntivo, de acordo com a autora, nas concessivas de Conteúdo, refere-se à codificação de informações já conhecidas pelos interlocutores (factuais), como vemos em (34). O segundo contexto de uso apresenta um conteúdo desconhecido pelos interlocutores (não-factual), como podemos observar em (35). O modo indicativo, por outro lado, ocorre apenas em contextos factuais, já conhecidos, como ilustramos em (36):

- (34) E: Y viendo su afición al té/ ¿ha ido a las teterías?  
 I: **Bueno aunque tome té a la a esta hora del desayuno vamos por la mañana y a veces por la tarde** no significa que yo tenga afición al té [PRESEEA\_GRANADA\_H33\_15] (PARRA, 2016, p.97)  
 [E: e vendo o seu vício por chá, você já foi às casas de chá?  
 I: **bom, embora eu tome chá na hora do café da manhã, pela manhã e às vezes à tarde** não significa que eu seja viciado em chá]
- (35) es una casa magnífica es una casa muy antigua// muy grande con muchos patios con// grande grande una casa andaluza de esas típicas magnífica vamos y [...] y allí **aunque haya// mucha gente como que te te sientes tú sola** [PRESEEA\_GRANADA\_M33\_18] (PARRA, 2016, p.99)  
 [é uma casa magnífica é uma casa antiga, muito grande com muitos pátios com... grande grande uma casa andaluza dessas típicas, magníficas e [...] **e ali mesmo que haja muita gente você se sente sozinha**]
- (36) cuando te encuentras por Madrid a alguien de Granada es tu mayor amigo **aunque cuando lo ves por Granada a lo mejor es tu mayor enemigo** [PRESEEA\_GRANADA\_H32\_07] (PARRA, 2016, p.103)  
 [quando você encontra em Madri alguém de Granada, [esse alguém] é seu melhor amigo, **mesmo que quando o vêem em Granada talvez seja seu maior inimigo**]

Para Garcia e Felipe (2018), ao assumirem que *aunque* permite formas verbais com verbos no modo indicativo e no modo subjuntivo e *pero* permite formas verbais apenas com

verbos no modo indicativo, concluem que apenas as construções concessivas com verbo no indicativo podem ser substituídas por *pero*. Além disso, segundo as autoras, as concessivas com *aunque* atuam no domínio semântico quando se relacionam a percepções e crenças dos interlocutores, e também no domínio pragmático, quando o falante está preocupado com o processo comunicativo. Para as autoras, todo uso de *aunque* é concessivo, e o que permite uma leitura adversativa é uma questão de ordem pragmática.

Garcia e Felipe (2018) afirmam que o que a Gramática Tradicional entende como uso alternável de *pero* e de *aunque* é uma ocorrência de relação concessiva no domínio pragmático, pois os usos de *aunque* com interpretação adversativa constituem, na verdade, estratégias para o alcance dos objetivos do falante na interação.

Embora reconheça a discernibilidade dos níveis nos quais a sentença é interpretada, Lang (2000, p.235-256) afirma que a interpretação correta das conexões intraoracionais depende não da forma, mas de uma escolha pragmaticamente motivada.

Notamos, então, que todos esses usos do juntor *pero* tratam-se de um conjunto de diversas relações semânticas entre as orações, que se estabelece tanto no conteúdo do que está sendo dito, como no desenvolvimento da argumentação. Sendo assim, a interpretação das conexões entre duas orações depende não da forma, mas de uma escolha pragmática e motivada.

Na próxima seção, apresentamos distintos usos do juntor *pero* na língua espanhola.

### 2.3 *Pero* na literatura

*Pero* é considerado na literatura conjunção coordenativa adversativa. Segundo a Nueva Gramática de la Lengua Española (2009, p. 603- 604), as conjunções coordenadas são um “grupo sintático que possui a mesma categoria gramatical dos elementos coordenados e pode realizar as mesmas funções sintáticas que cada um deles”.<sup>12</sup>

Ainda de acordo com a NGLE (2009), *pero* é utilizado para limitar o que foi mencionado no primeiro elemento, como em (37):

- (37) Es extranjero, **pero** habla español como un nativo. (MATTE BON, 2009, p. 103)  
[É estrangeiro, **mas** fala espanhol como um nativo.]

---

<sup>12</sup> el resultado de la coordinación es un grupo sintático que posee la misma categoría gramatical de los elementos coordinados y puede realizar las mismas funciones sintáticas que cada uno de ellos.

No exemplo (37), observamos que a primeira oração declara que a pessoa é estrangeira. A crença do interlocutor é a de que, por ser estrangeiro, não fala a língua espanhola fluentemente. No entanto, o falante usa *pero* para contrastar com a crença de seu interlocutor. Por isso, declara que ele é estrangeiro, mas fala espanhol como um nativo. O falante, como se observa, estabelece um contraste entre um fato (ser estrangeiro) e as possíveis expectativas de seu interlocutor.

Como discutido na seção 2.2, o juntor *pero* pode expressar uma restrição ou a ampliação de uma informação, enquanto o *sino* restringe-se apenas à exclusão de um elemento que foi apresentado anteriormente. Báez San José e Moreno Martínez (1977, p.118), no entanto, ampliam os usos de *pero*, pois, para os autores, além de restringir e ampliar informações, esse juntor também pode excluir.

Para os autores, nos casos excludentes, podemos utilizar os seguintes esquemas: *A pero no B*, *No A pero sí B*, *No A sino B*. Em contrapartida, os usos que não excluem uma informação são denominados *restritivos* e *ampliativos* (Báez San José; Moreno Martínez, 1977). Os usos *ampliativos* admitem uma inversão das orações sem afetar a oração coordenada adversativa, como em (38) e (39) a seguir:

(38) Es pobre **pero** honrado. (BÁEZ SAN JOSÉ; MORENO MARTÍNEZ, 1977, p.118)

A    pero    B

(39) Es honrado **pero** pobre. (BÁEZ SAN JOSÉ; MORENO MARTÍNEZ, 1977, p.118)

B    pero    A

Na estrutura gramatical da Língua Espanhola, admitimos tanto *Es pobre pero honrado* quanto *Es honrado pero pobre*.

Diferentemente dos usos *ampliativos*, as coordenações adversativas *restritivas* se dividem entre *especificativas* e as *não especificativas*. A diferença sintática entre elas é que as *não especificativas* admitem a transformação *A pero no B* ou *No B pero sí A*, mas essa troca não pode ocorrer nas *especificativas*. Veja em (40):

(40) Quiero un libro pero (quiero que sea) bueno. (BÁEZ SAN JOSÉ; MORENO MARTÍNEZ, 1977, p.118)

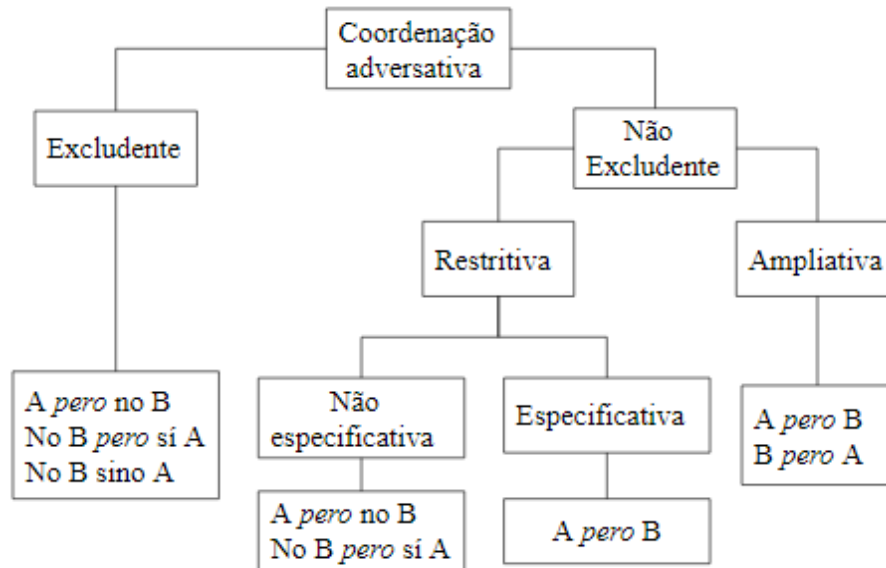
[Quero um livro mas quero que seja bom.]

(40a) \*Quiero que el libro sea bueno, pero quiero un libro. (BÁEZ SAN JOSÉ; MORENO

MARTÍNEZ, 1977, p.118)  
 [Quero que o livro seja bom, mas quero um livro.]

Para representar essas estruturas apresentadas pelos autores, apresentamos o esquema a seguir:

Figura 3 - Possíveis usos de *pero* na coordenação adversativa



Fonte: adaptado de BÁEZ SAN JOSÉ; MORENO MARTÍNEZ, 1977, p.119

Montolío (2001) questiona a simples nomeação do juntor *pero* no rol das conjunções adversativas, sem que os compêndios gramaticais refletissem sobre a adversidade propriamente dita. A autora questiona: Seria a adversidade um simples contraste? Para ela, quando temos um enunciado sem o nexa *pero* (41), o ouvinte pode esperar qualquer continuação conclusiva. No entanto, quando acrescentamos um nexa, como *pero*, as conclusões por parte do ouvinte podem variar, já que a presença de *pero* nos leva a esperar que algo possa se opor ao que já foi dito, como em (42).

(41) Es mi pareja. (Montolío, 2001, p. 30)  
 É meu parceiro.

(42) Es mi pareja, **pero**... (Montolío, 2001, p. 30)  
 É meu parceiro, **mas**...

Segundo a autora, quando utilizamos o nexos *pero*, imediatamente pensamos que “o que vem a seguir contrasta com a informação precedente”<sup>13</sup>, sendo comum a ocorrência de uma continuação como a de (43):

- (43) Es mi pareja **pero** a veces tiene reacciones que me desconciertan.  
(Montolío, 2001, p. 30)  
É meu parceiro, **mas** às vezes tem reações que me desconcertam.

Segundo a autora, esse tipo de uso de *pero* é diferente de outros usos que apenas contrastam a informação do primeiro elemento, pois “ter reações que me desconcertam” não contrasta diretamente com “é meu parceiro”. Nesse caso, temos uma contra argumentação que contém uma informação implícita. Montolío (2001) chama esse tipo de contraste de *informação inferencial*. Em outras palavras, a oposição está na mente do falante.

Esses casos mostram que *pero* pode ser utilizado para “expandir” uma informação, pois o falante poderia ter se limitado ao uso do primeiro elemento, “Es mi pareja”.

Nesse sentido, Jubran (2015) observa que conjunções contrastivas [‘mas’] podem ser utilizadas para ampliar uma informação, que é dada na forma de um parêntese. Na perspectiva textual interativa, um *parêntese* pode apresentar diferentes funções, como as de exemplificação, detalhamento de uma informação, ressalva, retoque e correção (JUBRAN, 2015, p. 302-3).

De acordo com Jubran (2015), “o caráter elucidativo dos enunciados topicamente relevantes, que os parênteses assumem, indicia objetivos interacionais de criar mecanismos facilitadores da compreensão dos enunciados tópicos” (JUBRAN, 2015, p. 304).

A literatura apresenta outros usos de *pero*. De acordo com Matte Bon (2009), *pero* pode ser utilizado, ainda, em contextos de repetição de um elemento já mencionado anteriormente, com o intuito de intensificar a fala. Nesses casos *pero* não é considerado propriamente adversativo, pois não opõe duas ideias, mas expressa ênfase, como representam (44) e (45) a seguir:

- (44) Es tan bonito... **pero** tan bonito. (MATTE BON, 2009, p. 104)  
[É tão bonito... **mas** tão bonito.]
- (45) Conduce rápido, **pero** rápido, rápido. (MATTE BON, 2009, p. 293)  
[Dirige rápido, **mas** rápido, rápido.]

---

<sup>13</sup> Lo que viene a continuación contrasta con la información precedente.

Em (44), o Falante quer expressar a beleza de algo, dizendo que é bonito, mas julga que o interlocutor pode não ter dimensão de tamanha beleza, por isso enfatiza. O mesmo recurso é utilizado em (45), quando o falante quer expressar que alguém dirige rápido, mas mais rápido do que o interlocutor está pensando. Segundo Matte Bon (2009) o falante usa uma palavra e a reutiliza imediatamente depois, para assinalar ênfase.

Outro caso com fins enfáticos é o da estrutura *pero (que) muy*. Para a NGLE (2009, p.616), este uso enfatiza o que já foi mencionado anteriormente. Veja o exemplo (46):

- (46) La comida está rica, pero (que) muy rica. (NGLE, 2009, p.616)  
[A comida está muito boa, mas muito boa.]

A possibilidade de alternância nos usos de *pero que muy* e *pero muy* pode ser observada no espanhol peninsular ou americano, no entanto, o primeiro é mais utilizado no espanhol da América, como em (47):

- (47) Está muy pero que muy enamorado. (NGLE, 2009, p.617)  
[Está muito, mas muito apaixonado]

O uso enfático dos jutores adversativos parece não ser exclusividade do espanhol. De acordo com Pezatti e Garcia (no prelo), *mas* pode ser utilizado na língua portuguesa como um operador de ênfase para indicar o comprometimento do falante no reforço de um sentimento de admiração ou surpresa.

Outro uso possível, comum na língua falada, mas não tão recorrente no cópuz, é o uso do *pero sin embargo*. A partícula *sin embargo* é equivalente a *no entanto*, *entretanto*, da língua portuguesa. Considerada conjunção adversativa pela gramática tradicional do espanhol, mas advérbio jectivo nos compêndios linguísticos, é utilizada, segundo Matte Bon (2009), quando um falante quer, depois de dar uma informação, introduzir uma nova que contrasta com o que foi falado anteriormente, resultando em: *pero sin embargo* + verbo conjugado (MATTE BON, 2009), como em (48):

- (48) Sí, está nevando, **pero** sin embargo no hace nada de frío. (MATTE BON, 2009, p. 216)  
[Sim, está nevando, **mas** no entanto não está frio.]

O uso do jutor *pero* com a locução adversativa *sin embargo* pode ser considerado um pleonismo por terem o mesmo valor semântico. No entanto, é possível ocorrer em determinados contextos de intensificação de uma ideia adversativa na língua falada, como um reforço

enfático. Para Longhin, Pezatti e Novaes-Marques (2019), advérbios juntivos no português, como *porém*, *no entanto*, *contudo*, *entretanto*, *todavia*, têm a propriedade de junção, mas ainda preservam traços da construção adverbial de origem.

*Pero* e *sin embargo*, segundo Alarcos Llorach (1999, p. 285), desempenham funções distintas, sendo que o primeiro atua como uma conjunção adversativa e o segundo, como um advérbio. O autor ainda descarta todas as unidades que funcionam como advérbios do rol de conjunções, como o caso do *sin embargo* (no entanto), *además* (ademais), *no obstante* (não obstante). Esse uso comprova que a única conjunção adversativa é *pero*, pois *sin embargo* funciona apenas como advérbio.

O juntor *pero*, segundo a NGLE (2009) pode também atuar como conector discursivo quando ocorre no início de um período. Nesse caso, segundo a obra, ainda há uma interpretação adversativa, mas uma parte da informação necessária para estabelecer seu significado precisa ser resgatada a partir da situação prévia, como demonstra (49) a seguir:

- (49) **Pero** ¿cómo puedes tener tanta fantasía? (NGLE, 2009, p. 616)  
[Mas como você pode ter tanta fantasia?]

Do ponto de vista funcionalista, a possibilidade de reação do interlocutor é observada quando há relações entre porções maiores, que não mais se referem a conteúdos, mas sim ao contexto discursivo e às situações de interação.

Esses casos são encontrados por Neves (1984) também no português e são concebidos como responsáveis por acrescentar um novo tema (nos termos da autora). Segundo a autora, esses casos se caracterizam por apresentarem elementos lexicais exortativos, neste caso, que estimulam o ouvinte a falar sobre determinado assunto, que pode já ter sido mencionado ou não anteriormente, e por elementos lexicais de função fática

Nesta seção, apresentamos o conceito de coordenação, já que as orações com *pero* são tradicionalmente classificadas como coordenadas adversativas. Tendo essa classificação em vista, discorreremos sobre os tipos de orações adversativas propostos por diferentes autores (Pezatti; Longhin-Thomazi (2008)) com base em Sweetser (1990): de conteúdo, epistêmica e de ato de fala, classificação que, de acordo com Lang (2000) não seria suficiente para recobrir todos os usos das orações com *pero*, já que esse juntor atua também para além do domínio da oração.

Segundo Jiménez (2016), as orações com *pero* deram origem a interessantes propostas de classificação que indicam sua proximidade com as subordinadas, no entanto, elas se

comportam tipicamente como uma estrutura coordenada. Segundo Crevels (2000), as orações adversativas (com *pero*) se aproximam das concessivas (com *aunque*), porque ambas as relações se baseiam em inferências e pressuposições.

Essa relação entre os usos de *pero* ('but') e *aunque* ('although') também é considerada pela Gramática Discursivo-Funcional, arcabouço que fornece subsídios teóricos para distingui-los, conforme se aborda na próxima seção.



### 3 PRECEITOS DA GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL

Esta seção apresenta os conceitos teóricos que embasam esta pesquisa. Antes, no entanto, apresentamos os principais postulados da abordagem funcionalista e alguns pressupostos da Gramática Funcional de Dik (1997), modelo no qual se baseiam Hengeveld e Mackenzie (2008), precursores da Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF), para propor o modelo que fundamenta a presente investigação.

#### 3.1 A abordagem funcionalista

O funcionalismo leva em conta os contextos de uso e suas motivações para a configuração da gramática, considerando que a linguagem não deve ser analisada independentemente de seu uso. Para Dik (apud Neves, 1997), a língua é concebida como um instrumento de interação social, com propósitos comunicativos. Por esse motivo, as expressões linguísticas devem ser consideradas em circunstâncias efetivas de interação verbal. De acordo com Neves (1997), entende-se por gramática funcional:

uma teoria da organização gramatical das línguas naturais que procura integrar-se em uma teoria global da interação social. Trata-se de uma teoria que assenta que as relações entre as unidades e as funções das unidades têm prioridade sobre seus limites e sua posição, e que entende a gramática como acessível às pressões do uso. (NEVES, 1997, p.15)

Neves (1997) afirma que os modelos funcionalistas se preocupam mais com as relações (ou funções) entre a língua como um todo e as diversas modalidades de interação social, e não tanto com as características internas da língua.

É importante destacar que não existe um único modelo funcionalista, mas sim diversos grupos de estudiosos que embora divergem entre si, possuem princípios em comuns e que se completam. Segundo Butler (2003a, 2003b), há três importantes modelos funcionalistas: (i) a *Gramática Sistêmico-Funcional* (HALLIDAY e MATTHIESSEN 2004; (ii) a *Gramática de Papel e Referência* (VAN VALIN e LA POLLA, 1997) e (iii) a *Gramática Funcional* (DIK, 1997a, 1997b), a qual deu origem à *Gramática Discursivo-Funcional* (HENGEVELD;

MACKENZIE, 2008). Embora haja outros modelos<sup>14</sup>, nos atemos a esses três principais também mencionados por Mackenzie (2016).

Para Neves (1997, p.2), há diversas similaridades que unem esses distintos modelos de funcionalismo. Dentre elas, o modo como os falantes usam a língua para se comunicar, levando em consideração a situação e a intenção discursiva, ressaltando a questão do contexto social na compreensão da natureza das línguas.

A Gramática Funcional (DIK, 1997) apresenta a *oração* como uma unidade máxima de análise, e sua principal característica é a concepção desta como estrutura hierárquica. Nesta vertente, todos os predicados são semanticamente interpretados como designadores de propriedades ou de relações, e diferentes categorias de predicados se distinguem, de acordo com suas propriedades formais e funcionais, considerando que: a importância está nas relações funcionais em todos os níveis da gramática; a língua é vista como tendo uma função comunicativa; e a gramática é tipológica, isto é, propõe-se ser aplicável a todas as línguas. A teoria de Dik foi a base para o desenvolvimento da Gramática Discursivo-Funcional, proposta por Hengeveld e Mackenzie (2008).

A Gramática Discursivo-Funcional, modelo de análise que fundamenta a presente pesquisa, permite uma descrição além dos limites oracionais, operando com dimensões discursivas maiores. A organização e os preceitos deste modelo são abordados na seção que segue.

### **3.2 A Gramática Discursivo-Funcional**

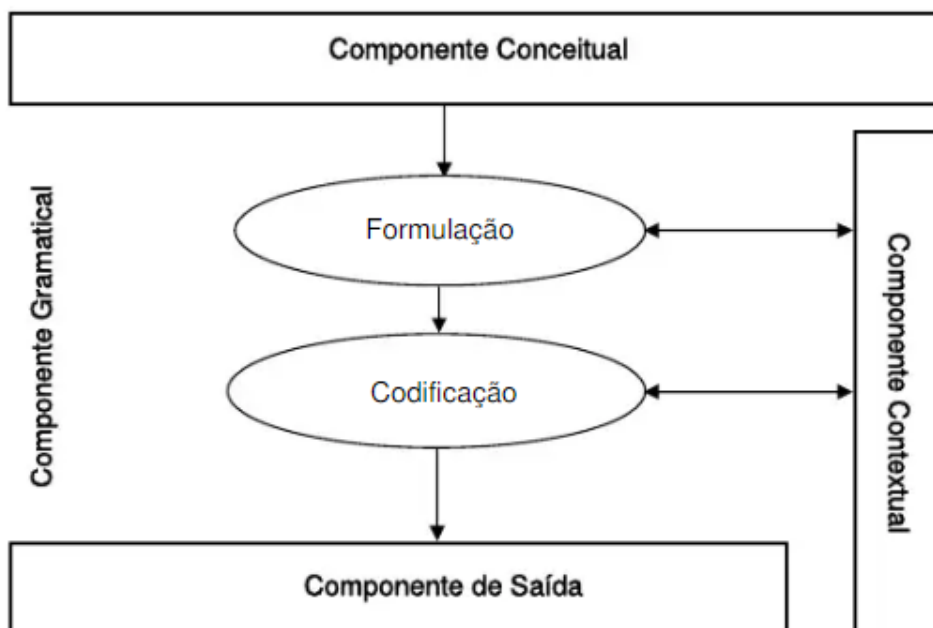
A Gramática Discursivo-Funcional é um modelo *top down* (descendente), que parte da intenção comunicativa do falante, no Nível Interpessoal, e percorre o Nível Representacional (semântico), o Morfossintático e o Fonológico, chegando ao componente de saída, responsável pela articulação das expressões linguísticas.

A teoria da Gramática Discursivo-Funcional apresenta um Componente Gramatical e três Componentes não-Gramaticais: o Conceitual, o Contextual e o de Saída. Esses três últimos interagem com o Componente Gramatical, como é possível observar na Figura (4) a seguir:

---

<sup>14</sup> Podemos acrescentar, também, a Linguística Funcional Centrada no Uso. Essa linha toma o fenômeno linguístico como processo e produto da interação humana, da atividade sociocultural, e as estruturas da língua são moldadas em termos dos usos a que servem na interação verbal. Seus principais autores são Givón (1995), Hopper (1998) e Bybee (2006). Ver mais em Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013).

Figura 4 - Os componentes da Gramática Discursivo-Funcional



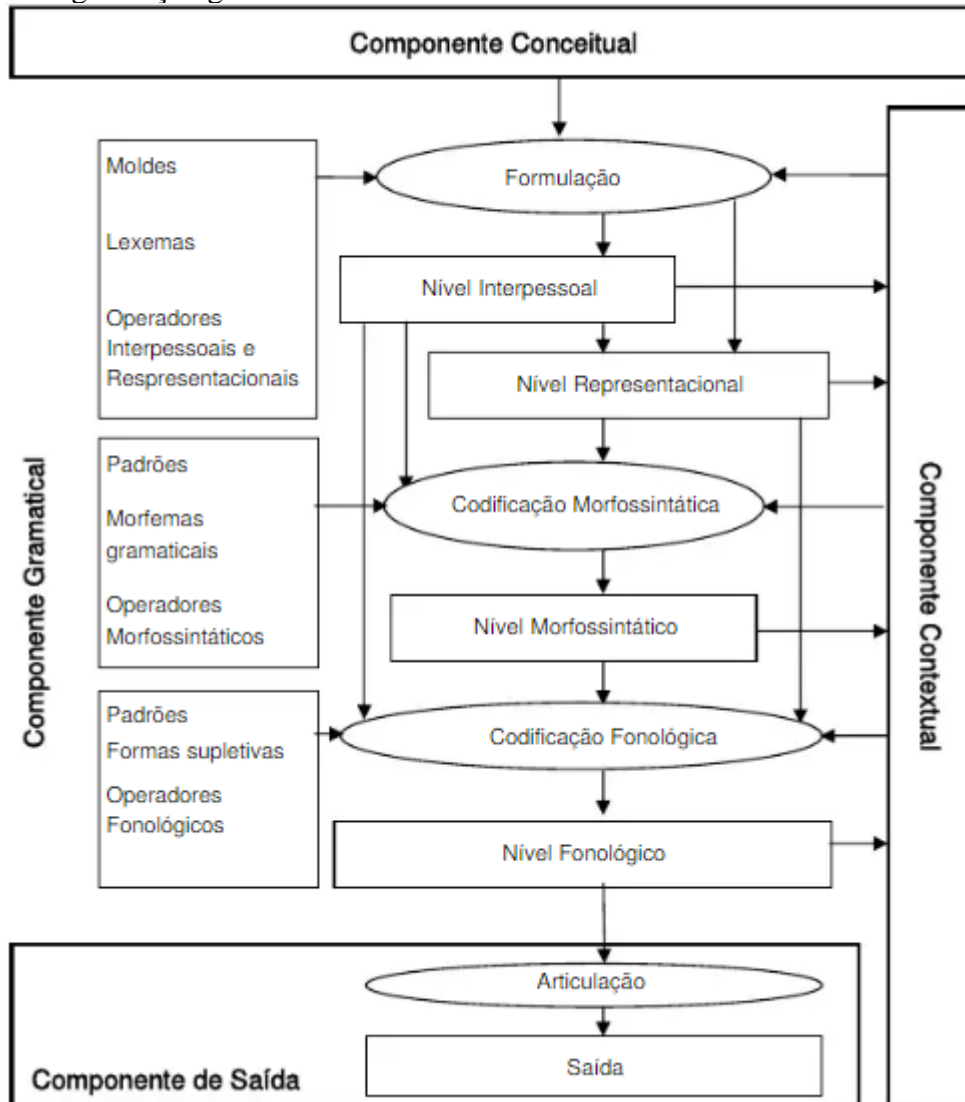
Fonte: adaptado de Hengeveld e Mackenzie (2008, p.6)

O primeiro componente, o *Conceitual*, é aquele que, segundo Keizer (2015, p.21) contém as informações pré-linguísticas relevantes para a análise e é considerado como a força motriz por trás da Gramática. O *Componente Contextual*, por sua vez, corresponde à descrição do conteúdo, isto é, contém informações não linguísticas sobre o contexto discursivo imediato que afeta a forma de um enunciado linguístico. Por fim, o *componente de saída*, por sua vez, transforma a saída do componente gramatical em sinais acústicos ou ortográficos.

A GDF é o Componente Gramatical de um modelo tipológico de interação verbal. Como observado na Figura 1, esse Componente interage com os componentes não gramaticais (Componente Conceitual, Componente de Saída e Componente Contextual) por meio das operações de Formulação e de Codificação. De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008, p.6), a Formulação diz respeito às regras que determinam as representações semânticas e pragmáticas em uma língua, enquanto a Codificação diz respeito às regras que convertem essas representações semânticas e pragmáticas em representações morfossintáticas e fonológicas. Desse modo, a Gramática Discursivo-Funcional propõe que tanto a Formulação como a Codificação são processos específicos de cada língua.

Essa teoria diferencia níveis de organização linguística: o Interpessoal (relacionado à pragmática), o Representacional (relacionado à semântica), o Morfossintático (relacionado à morfossintaxe) e o Fonológico (relacionado à fonologia), sendo todos eles de natureza puramente linguística. Para melhor ilustrar a representação dos níveis e camadas do modelo teórico, apresentamos a seguir a arquitetura da Gramática Discursivo-Funcional:

Figura 5 - Organização geral da Gramática Discursivo-Funcional



Fonte: Adaptado de Hengeveld e Mackenzie (2008, p.13)

Como será mostrado nas próximas subseções, cada nível é organizado de distintas maneiras, mas todos são hierarquicamente ordenados em camadas. De modo geral, a forma máxima das estruturas das camadas é representada por (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 14):

$$(\pi v_1: [\text{núcleo } (v_1)\Phi] : [\sigma (v_1)\Phi])\Phi$$

$v_1$  representa a variável da camada em questão, que é restringida por um núcleo, que pode ser restringida por um modificador ( $\sigma$ ). A camada pode ter um operador ( $\pi$ ) e ter uma função ( $\Phi$ ), sendo que os núcleos e os modificadores representam elementos do léxico, enquanto operadores e funções representam elementos gramaticais. A diferença entre operadores e funções é que as

funções se relacionam entre a unidade inteira e outras unidades na mesma camada, enquanto os operadores se aplicam apenas à própria unidade.

Hengeveld e Mackenzie (2009) definem *alinhamento* como o termo que é usado para designar o mapeamento de unidades pragmáticas, semânticas e fonológicas em unidades morfossintáticas. Os autores reconhecem três tipos de alinhamento: o primeiro deles é o *alinhamento interpessoal*, quando a organização morfossintática reflete a organização do Nível Interpessoal no que diz respeito às funções pragmáticas (Tópico, Foco, etc.) e às propriedades referenciais (identificabilidade, especificidade, etc.); o segundo é o *alinhamento representacional*, pois a organização morfossintática reflete a organização do Nível Representacional no que diz respeito às funções semânticas (Ator, Paciente, etc.) e à designação (oposição animado/inanimado, pessoa gramatical, etc.); por fim, o *alinhamento morfossintático*, que exibe sua própria organização e “diz respeito quer às já mencionadas funções sintáticas (Sujeito, Objeto) quer à complexidade dos constituintes” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2009, p. 186).

Partindo do princípio de que todos esses níveis estão hierarquicamente organizados em camadas, a organização do Nível Morfossintático reflete a organização dos níveis Interpessoal e Representacional, respectivamente, em termos de funções pragmáticas e de funções semânticas. Os quatro níveis serão tratados nas subseções que seguem.

### 3.2.1 Nível Interpessoal

O Nível Interpessoal trata dos aspectos formais da unidade linguística que refletem a interação entre Falante e Ouvinte. Em uma interação, cada participante tem um objetivo em mente e o Falante moldará seu discurso para obter o seu propósito comunicativo.

O Nível Interpessoal (NI) apresenta o Movimento (M) como sua maior unidade. Em termos de estatuto interpessoal, o Movimento é definido como uma contribuição autônoma para a interação em desenvolvimento. O que o caracteriza é a possibilidade de ser ou desencadear uma reação, tendo assim um efeito perlocutório (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 50). O Movimento pode ser composto por apenas um ou mais Atos Discursivos.

O Ato discursivo é a unidade básica de análise do modelo e é sempre parte de um Movimento. São exemplos de Atos Discursivos as frases conversacionais, como *Parabéns!* e *Boa viagem!*, as respostas em situação de interação como: A: Onde ela mora? B: Em São Paulo; e, por fim, vocativos, como *Doutor!*

Quando essas unidades constituem um conteúdo completo de sentido para a comunicação, são consideradas Atos Discursivos. Cada Ato Discursivo contém uma Ilocução (F<sub>i</sub>), que especifica uma relação entre seus Participantes (P), o Falante (S) e o Ouvinte (A), e um Conteúdo Comunicado (C).

O Conteúdo Comunicado (C) corresponde à totalidade do que o Falante deseja evocar na sua comunicação com o Destinatário e contém um número variável de Subatos Atributivos (T) e Referenciais (R). Os primeiros constituem tentativas do Falante de evocar uma propriedade que se aplica a entidades; já os Referenciais são tentativas do Falante de evocar um referente, ou seja, um conjunto (nulo, único ou múltiplo) de entidades.

Os Atos Discursivos podem ser de diferentes tipos. O primeiro, o Ato Expressivo, emite uma expressão direta aos sentimentos do Falante, como em *Droga!*. O segundo tipo, Ato Interativo, ocorre quando um Falante executa uma ação comunicativa, mas a expressão é fática, ou seja, a expressão linguística serve como uma função social ou do discurso, mas nenhum conteúdo é transferido (KEIZER, 2015, p. 57). Tais declarações consistem em expressões personalizadas e invariáveis que geralmente ocorrem no início ou no final de uma construção, como *Parabéns!* ou *Obrigado!* (HENGEVELD; MACHENZIE, 2008, p.77). O terceiro tipo, Ato Ilocutivo, envolve um Conteúdo Comunicado e uma ilocução lexical ou abstrata (F<sub>i</sub>), como em *Prometo que estarei lá amanhã*.

Nesse Nível, as unidades em cada camada podem ter uma função pragmática ou retórica. Interessam-nos neste estudo essas últimas.

As funções retóricas consistem em como os Falantes moldam suas mensagens para influenciar seus Ouvintes. Elas ocorrem entre Atos de estatuto diferente, um Nuclear e outro Subsidiário. Para Hengeveld e Mackenzie (2008, p.53), um Ato Subsidiário pode ter diversas funções retóricas, as quais podem ser *Motivação*, *Orientação*, *Correção*, *Aposição* e *Concessão*, apresentadas em detalhes na seção 3.3.

A organização hierárquica deste nível está representada a seguir:

$$(M_1: [(A_1: [(F_1) (P_1)S (P_2)A (C_1: [(T_1)\{\_ \} \dots (T_{1+N})\{\_ \} (R_1) \{\_ \} \dots (R_{1+N})\{\_ \}]) (C_1)\{\_ \}]) (A_1) \dots (A_{1+N})\{\_ \}]) (M_1))$$

Para melhor compreensão de sua estrutura em camadas, apresentamos o esquema de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 49):

$(\pi M_1: [$	Movimento
$(\pi A_1: [$	Ato Discursivo
$(\pi F_1: \text{ILL } (F_1): \Sigma (F_1))$	Ilocução
$(\pi P_1: \dots (P_1): \Sigma (P_1))_\Phi$	Falante
$(\pi P_2: \dots (P_2): \Sigma (P_2))_\Phi$	Ouvinte
$(\pi C_1: [$	Conteúdo Comunicado
$(\pi T_1: [ \dots ] (T_1): \Sigma (T_1))_\Phi$	Subato de Atribuição
$(\pi R_1: [ \dots ] (R_1): \Sigma (R_1))_\Phi$	Subato de Referência
$] (C_1): \Sigma (C_1))_\Phi$	Conteúdo Comunicado
$] (A_1): \Sigma (A_1))_\Phi$	Ato Discursivo
$] (M_1): \Sigma (M_1))$	Movimento

De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), todas as camadas podem ser modificadas lexicalmente. Os Movimentos, por exemplo, podem ser modificados por elementos do léxico que especificam o papel dessa camada no discurso. Esses modificadores aparecem em posição como em (50):

$$(50) \quad (M_1: [ \dots ] (M_1): \Sigma(M_1))$$

Os movimentos também podem ser modificados gramaticalmente, caso em que os elementos gramaticais são representados por um operador na posição  $\pi$  em (51):

$$(51) \quad (\pi M_1: [ \dots ] (M_1))$$

Assim, como modificadores da camada do Movimento, são usados itens de natureza lexical que indicam contraste (*entretanto*) ou sumário (*em resumo*); para a camada do Ato, propriedades estilísticas (*brevemente*), estatuto do Ato dentro do Movimento (*além disso*), ou atos enfáticos que expressam raiva (*caramba*). Para melhor compreensão do uso dos modificadores, observemos os exemplos (52) e (53), que mostram o uso de modificadores de Movimento e de Ato, respectivamente:

$$(52) \quad \textbf{To cut a long story short}$$
, I'm still considering it, *but* I doubt very much I'll get there (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 59)

[**Em resumo**, eu ainda estou considerando isso, *mas* eu duvido muito que eu conseguirei chegar.]

$$(53) \quad \text{Answer me } \textbf{dammit!}$$
 (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 64)

[Responda-me, caramba!]

Os modificadores, em suma, ajudam a verificar o estrato de constituição das unidades. Neste trabalho, interessam-nos os modificadores das camadas em que encontramos os usos de *pero*.

### 3.2.2 Nível Representacional

O Nível Representacional se relaciona aos aspectos semânticos da unidade linguística. Neste domínio, as estruturas linguísticas são descritas em termos da denotação que fazem de uma entidade *e*, portanto, a diferença entre as unidades desse nível é feita em termos da categoria denotada.

O Conteúdo Proposicional é a camada mais alta do Nível Representacional e exprime um constructo mental, marca um desejo ou até mesmo uma crença do Falante. Organizados de forma hierárquica, os Conteúdos Proposicionais (*p*) apresentam Episódios (*ep*).

Os Episódios podem ser constituídos por um ou mais Estado-de-Coisas. Estados-de-Coisas são entidades localizadas no espaço e no tempo, que podem ser reais ou não reais. Segundo Keizer (2015), cada Estado-de-Coisas é caracterizado por uma Propriedade (ou seja, um predicado), um ou mais Indivíduos (*x*) e, possivelmente, expressões que designam um Espaço (*l*) ou uma unidade Temporal (*t*). Vejamos em (54) um Conteúdo Proposicional consistindo em apenas um Episódio (usado independentemente ou como argumento de algum verbo) e em (55) um Conteúdo Proposicional que consiste em dois Episódios (localizados em diferentes momentos no tempo):

(54) (we knew that) it was probably inevitable. (KEIZER, 2015, p.112)  
 [(sabíamos que) provavelmente era inevitável.]

(55) For all he knows, the food was poisoned and will kill him instantly. (KEIZER, 2015, p.112)  
 [Pelo que ele sabe, a comida foi envenenada e o matará instantaneamente.]

Em (56) a seguir, vemos alguns exemplos, dados por Keizer (2015, p.124), que designam diferentes tipos de Estados-de-Coisas, como ação (*reunião, ataques a bomba*), evento ( *festa*), processo ( *chegada*) e estado ( *doença*):

(56) a. The play-reading group are currently reading An Inspector Calls and **the next**



**meeting** is on Thursday at 14 Candleford Gate at 10 a.m. (KEIZER, 2015, p. 124)<sup>15</sup>  
 [O grupo de leitura lúdica está atualmente lendo “An Inspector Calls” e **a próxima reunião** é na quinta-feira, às 14 horas, em Candleford Gate, às 10 horas.]

b. She had timed **her arrival** for half an hour after **the party** was due to commence. (KEIZER, 2015, p. 124)  
 [Ela havia programado **sua chegada** para meia hora após o início da **festa**.]

c. **Immediate bombing attacks** were expected, and when these did not take place the evacuees began to trickle back. (KEIZER, 2015, p. 124)  
 [Ataques imediatos de bombardeios eram esperados e, quando não ocorreram, os evacuados começaram a voltar.]

d. **Mozart’s final illness** lasted 15 days. (KEIZER, 2015, p. 124)  
 [A **doença final de Mozart** durou 15 dias.]

Na GDF, os Estados-de-Coisas são caracterizados por uma ou mais propriedades ( $f_1$ ), que podem conter descrições de Indivíduos ( $x$ ) e outras propriedades ( $f_2$ ). Observe as camadas hierarquicamente organizadas, de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 142), a seguir:

$(\pi p_1):$	Conteúdo Proposicional
$(\pi ep_1):$	Episódio
$(\pi e_1):$	Estado-de-Coisas
$[(\pi f_1): [$	Propriedade Configuracional
$(\pi f_1: \blacklozenge (f_1): [\sigma (f_1) \Phi])$	Propriedade Lexical
$(\pi x_1: \blacklozenge (x_1): [\sigma (x_1) \Phi]) \Phi$	Indivíduo
$] (f_1): [\sigma (f_1) \Phi]$	Propriedade Configuracional
$(e_1)\Phi]: [\sigma (e_1) \Phi])$	Estado-de-Coisas
$(ep_1): [\sigma (ep_1) \Phi])$	Episódio
$(p_1): [\sigma (p_1) \Phi])$	Conteúdo Proposicional

Subclasses de categorias que entram na configuração de uma Propriedade Configuracional ainda são acrescentadas pela GDF. Essas subclasses são relevantes para a gramática de uma língua e podem ser observadas no quadro a seguir:

Quadro 1 - Categorias semânticas

Categoria	Variável	Exemplo
Propriedade	f	Cor
Indivíduo	x	Cadeira

<sup>15</sup> Os inquéritos de a a d foram retirados de KEIZER (2015), mas fazem parte do Córpus Nacional Britânico - doravante BNC (British Nacional Corpus), da Brigham Young University (BYU).

Estado-de-Coisas	e	Encontro
Conteúdo Proposicional	p	Ideia
Localização	l	Topo
Tempo	t	Semana
Episódio	ep	Incidentes
Modo	m	Maneira
Razão	r	Razão
Quantidade	q	Litro

Fonte: Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 136)

De acordo com a categoria, podemos reconhecer as seguintes camadas: Conteúdo Proposicional (p), Episódio (ep), Estados-de-Coisas (e) e Propriedade Configuracional (f). As relações hierárquicas das camadas são representadas em:

$$(p_1: [(ep_1: [(e_1: [(f_1: [(f_2)_n (x_1)_{...}(x_{1+n}) \_] (f_1)) \dots (f_{1+n}) (e_1)_{...}]]) \dots (e_{1+n})\{\_\}] (ep_1)) \dots (ep_{1+n})\{\_\}] (p_1))$$

Para o Nível Representacional, utilizam-se itens lexicais que são modificadores de Conteúdo Proposicional, isto é, especificam atitudes proposicionais (*provavelmente; evidentemente; indubitavelmente; aparentemente*), como apresentado em (57) e modificadores de Estados-de-Coisas que podem indicar espaço, tempo, frequência, realidade, causa, propósito e modo, como indicado em (58) a seguir:

(57) Probably/evidently/undoubtedly Sheila is ill.  
[Provavelmente/evidentemente/indubitavelmente/aparentemente Sheila está mal.] (adaptado de HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.151).

(58) a) Sheila works in **London**. (Location)  
[Sheila trabalha em **Londres**.] (Localização)

b) Sheila went out **before** dinner. (Relative Time)  
[Sheila foi embora **antes** do jantar.] (Tempo Relativo)

c) Sheila goes to London **frequently**. (Frequency)  
[Sheila vai a Londres **frequentemente**.] (Frequência)

d) Sheila is **actually** a guy. (Reality)  
[Sheila é **de fato** um rapaz.] (Realidade)

e) Sheila fell ill **because of the heavy rainfall**. (Cause)  
[Sheila ficou doente **por causa do forte temporal**.] (Causa)

f) Sheila stayed home **so that she could watch television**. (Purpose)  
[Sheila ficou em casa **para poder ver TV**.] (Propósito)

g) John **stupidly** answered the question.  
[João respondeu **estupidamente** a pergunta.] (Modo)

Na próxima subseção, apresentamos as principais propriedades do terceiro nível da GDF, o Nível Morfossintático.

### 3.2.3 Nível Morfossintático

O Nível Morfossintático trata da Codificação do que é expresso no Nível Interpessoal e no Nível Representacional. Sua função é receber o *input* dos dois níveis e compor uma única representação estrutural.

As camadas pertencentes a esse nível são: Expressão Linguística (Le), Oração (Cl), Sintagmas (Xp) e Palavras (Xw). Observe as camadas na representação genérica a seguir:

$$(Le_1: [(Xw_1) (Xp_1) (Cl_1: [(Xw_2) (Xp_2): [(Xw_3) (Xp_3) (Cl_3)] (Xp_2))\{\_ \} (Cl_2)\{\_ \} (Cl_1)]) (Le_1))$$

As Expressões Linguísticas (Le) formam a camada mais alta no Nível Morfossintático e consistem em várias unidades morfossintáticas de cada camada inferior (como a Oração, os Sintagmas ou as Palavras), mas também podem conter apenas uma dessas unidades, desde que possam ser usadas de forma independente.

A segunda camada do Nível Morfossintático é a Oração, que é composta por uma combinação de Palavras (Xw), Sintagmas (Xp) e outras Orações, que podem ocorrer mais de uma vez em uma única Oração.

A terceira camada é formada a partir da combinação sequenciada de Palavras (Xw), Sintagmas (Xp) e Orações incorporadas, todas as quais podem ocorrer mais de uma vez. Por

fim, a última camada é a Palavra ( $X_w$ ), que pode ser simples (consistindo de um único morfema) ou complexa (composta por mais de um morfema).

Para melhor compreensão da hierarquia das camadas deste nível, observe o esquema de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 291) a seguir:

( $Le_1$ :		Expressão Linguística
	( $Cl_1$ :	Oração
		Sintagma
	( $Xp_1$ :	Palavra
		Raiz
	( $Xw_1$ :	Afixo
		Palavra
	( $Xs_1$ )	Sintagma
	( $Aff_1$ )	Oração
	( $Xw_1$ ))	Expressão Linguística
	( $Xp_1$ ))	
	( $Cl_1$ ))	
( $Le_1$ ))		

Interessam-nos, neste nível, os diferentes processos que podem ocorrer entre as unidades que compõem a Expressão Linguística, os quais podem ser de *equiordenação*, *coordenação* e *cosubordinação*, como mostram respectivamente (59), (60) e (61), exemplos extraídos de Hengeveld e Mackenzie (2008):

- (59) The disciple is as the teacher. (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 308)  
[O discípulo é como o professor.]
- (60) I threw it carefully and it didn't break. (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 308)  
[Eu joguei cuidadosamente e não quebrou.]
- (61) Celtic won and Rangers lost. (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 308)  
[Os Celtas ganharam e os Rangers perderam.]

Em (59) ocorre o fenômeno da *equiordenação*. Neste caso, nenhuma das unidades podem ser utilizadas independentemente. O exemplo (60) ilustra a *cosubordinação*. Observamos que a primeira oração, *Eu joguei cuidadosamente*, não pode ocorrer por si só, mas precisa da segunda oração *não quebrou* para ter seu sentido completo, no entanto, a segunda oração poderia ocorrer independentemente da primeira. Por fim, o exemplo (61) ilustra a *coordenação*, pois cada unidade pode ocorrer independentemente uma da outra. O esquema geral apresentado pelos autores para tal construção é:

$$(Le_1: [(Cl_1) (Cl_{n-1}) (Gw_1) (Cl_n)]^{Le})$$

A ordenação de constituintes, na Gramática Discursivo-Funcional, relaciona-se ao Nível Morfossintático e mapeia as escolhas feitas no Nível Interpessoal e no Representacional. Nessa perspectiva, três posições<sup>16</sup> absolutas são consideradas: P<sup>I</sup>, P<sup>M</sup> e P<sup>F</sup>, e a elas podemos acrescentar outras posições, que são relativas, como podemos observar abaixo:

<b>P<sup>I</sup></b>	<b>P<sup>I+1</sup></b>	<b>P<sup>I+n</sup></b>	<b>P<sup>2</sup></b>	<b>P<sup>2+1</sup></b>	<b>P<sup>M-n</sup></b>	<b>P<sup>M-1</sup></b>	<b>P<sup>M</sup></b>	<b>P<sup>M+1</sup></b>	<b>P<sup>M+n</sup></b>	<b>P<sup>F-n</sup></b>	<b>P<sup>F-1</sup></b>	<b>P<sup>F</sup></b>
----------------------	------------------------	------------------------	----------------------	------------------------	------------------------	------------------------	----------------------	------------------------	------------------------	------------------------	------------------------	----------------------

Se considerarmos, no entanto, a camada da Expressão Linguística, temos outra configuração, com duas posições prosodicamente salientes. A primeira, a posição inicial, antecede a Oração (P<sup>pre</sup>); a segunda, na posição central, está designada para a Oração propriamente dita (P<sup>centro</sup>), que terá suas próprias posições; por fim, a posição final, que segue a Oração (P<sup>pos</sup>), como vemos no quadro a seguir:

Quadro 2 - Posição dos constituintes nas camadas da Oração e da Expressão Linguística

Expressão Linguística	P <sup>pre</sup>   P <sup>centro</sup>   P <sup>pos</sup>
Oração	P <sup>I</sup> P <sup>M</sup> P <sup>F</sup>

Fonte: adaptado de Pezatti (2014, p.83)

Como mostra o quadro, a posição central da Expressão Linguística é expandida, abrindo os membros coordenados.

### 3.2.4 Nível Fonológico

O último Nível proposto pela teoria, o Fonológico, é específico de cada língua e contém representação fonológica do discurso. Suas camadas, em uma representação hierárquica decrescente, são: Enunciado (U), Sintagma Entonacional (IP), Sintagma Fonológico (PP), Sintagma Fonológico (PW), Pé (F) e Sílabas (S). Observe a seguir a representação da hierarquia:

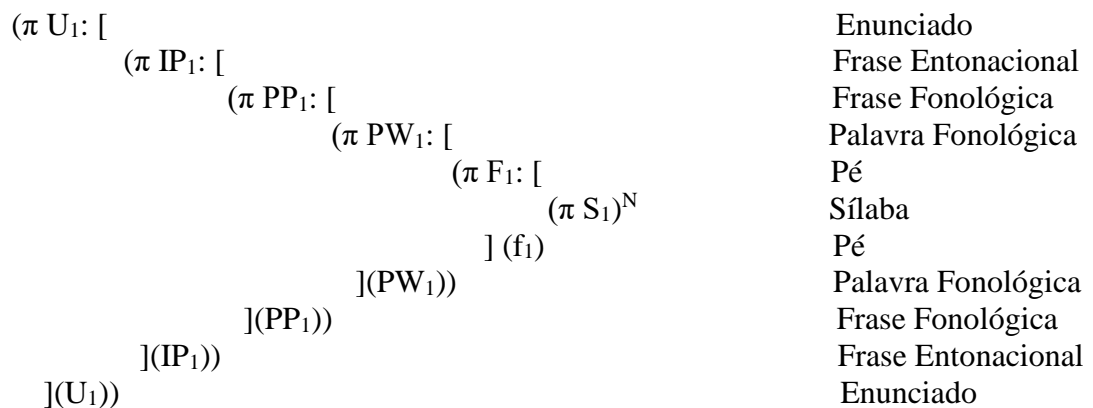
$$(U_1: [(IP_1: [(PP_1: [(PW_1)] (PP_1))] (IP_1))] (U_1))$$

<sup>16</sup> Para o português, Pezatti (2014) estabelece quatro posições para explicar a linearização de constituintes: P<sup>I</sup> para a posição inicial, P<sup>2</sup> que segue a inicial, P<sup>M</sup> como posição medial e P<sup>F</sup> para a posição final.

O Enunciado (U) é o maior trecho de discurso abrangido pelo Nível Fonológico. A Frase Entonacional é caracterizada por um núcleo e é normalmente separada de outra por uma pausa menor do que aquela entre os Enunciados, podendo facilitar a diferenciação entre eles. Quanto ao Sintagma Fonológico, em línguas acentuais, como o português e o espanhol, contém uma sílaba que é mais fortemente acentuada do que as outras.

A Palavra Fonológica (PW) pode estar relacionada ao número de segmentos, aos recursos prosódicos ou ao domínio das regras fonológicas. Uma das principais funções do Nível Fonológico é converter todos os marcadores de posição de outros níveis na forma fonológica e integrá-los em uma Palavra Fonológica. Essas são divididas em Sílabas que, em línguas acentuais (com sílabas acentuadas e não-acentuadas), agrupam-se em Pés.

Para melhor compreensão da hierarquia dividida em camadas, apresentamos o esquema de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 428) a seguir:



Tendo apresentado os níveis e camadas que compõem a estrutura da GDF, a próxima seção está dedicada às funções retóricas, noções importantes para compreender os resultados deste estudo.

### 3.3 Funções Retóricas

A retórica está relacionada à maneira que o falante ordena seu discurso para atingir seus objetivos comunicativos. Na Gramática Discursivo-Funcional, a função desempenhada pela retórica na comunicação é chamada de *função retórica*, que se aplica, como vimos, à camada do Ato Discursivo, no Nível Interpessoal, e reflete nas ações de organização do discurso com o objetivo de auxiliar a compreensão do ouvinte.

A GDF reconhece as seguintes funções retóricas: *Motivação*, *Orientação*, *Esclarecimento* (também reconhecida como *Correção*), *Aposição* e *Concessão*. A seguir, apresentaremos cada uma delas.

A função retórica de *Motivação* é orientada para advertir ou prevenir o Ouvinte. Essa estratégia é implementada através da emissão de dois Atos Discursivos distintos em sucessão, um com uma Ilocução Imperativa e outro com uma Ilocução Declarativa. Conforme observamos em (62), a intenção comunicativa determina que o segundo Ato (*porque haverá pegadinhas no exame*) é entendido como subsidiário:

(62) Watch out, because there will be trick questions in the exam (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 54)  
[Cuidado, porque haverá pegadinhas no exame.]

(62a) (M<sub>I</sub>: [(A<sub>I</sub>: –watch out– (A<sub>I</sub>)) (A<sub>J</sub>: – there will be trick questions in the exam– (A<sub>J</sub>))<sub>Motiv</sub>] (M<sub>I</sub>))

A função retórica *Orientação*, conforme Pezatti e Camacho (2017), se aplica a “um Ato Discursivo para indicar ao destinatário a intenção do Falante de introduzir um referente no discurso, que é importante para a interpretação do Ato Discursivo seguinte, proporcionando, assim, uma interação coerente”, conforme (63), representado em (63a):

(63) My brother, I promise not to betray him (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 55)  
[Meu irmão, eu prometo não traí-lo.]

(63a) (M<sub>I</sub>: [(A<sub>I</sub>: –my brother– (A<sub>I</sub>))<sub>Orient</sub> (A<sub>J</sub>: –I promise not to betray him– (A<sub>J</sub>))] (M<sub>I</sub>))

Quando o Falante está proferindo um Ato Discursivo de autocorreção, instruindo o Ouvinte a substituir algum elemento, trata-se de um Ato Discursivo que corrige ou esclarece o Ato Discursivo principal, como no caso de (64), cuja função retórica é denominada *Esclarecimento ou Correção*, por seu *status* de modificação de um Ato anterior.

(64) I’d like to give your mother - your sister (I mean) - her book back. (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 56)  
[Eu gostaria de devolver para sua mãe - sua irmã (quer dizer) - os livros.]

(64a) (M<sub>I</sub>: [(A<sub>I</sub>: –I’d like to give your mother her book back– (A<sub>I</sub>)) (A<sub>J</sub>: –your sister I mean– (A<sub>J</sub>))<sub>Cor</sub>] (M<sub>I</sub>))

A função retórica *Aposição* (*Aside*), conforme Pezatti e Camacho (2017), fornece uma informação de fundo, adicional, sobre um indivíduo introduzido no primeiro Ato. Um critério adicional é o de que cada Conteúdo Comunicado nos dois Atos Discursivos deve conter um Subato Referencial evocando a mesma entidade no Nível Representacional. Na forma de uma oração adjetiva, atua como um aposto do sintagma nominal, como exemplificamos em (65):

- (65) Did the students, who after all had worked very hard, pass the exam?  
(HENGEVELD e MAKENZIE, 2008, p. 58).  
[Os estudantes, que depois de tudo trabalharam muito, passaram no exame?]

- (65a) (M<sub>I</sub>: [(A<sub>I</sub>: –did the students pass the exam– (A<sub>I</sub>)) (A<sub>J</sub>: –who after all had worked very hard– (A<sub>J</sub>))<sub>Aside</sub>] (M<sub>I</sub>))

A função retórica *Concessão*, por fim, sobre a qual recai o foco de interesse deste trabalho, expressa uma objeção possível ao que está sendo apresentado no Ato Discursivo anterior, conforme (66):

- (66) The work was fairly easy, **although it took me longer** than expected (HENGEVELD; MAKENZIE, 2008, p. 54).  
[O trabalho foi razoavelmente fácil, **embora tenha demorado** mais do que o esperado.]

- (66a) (M<sub>I</sub>: [(A<sub>I</sub>: –the work was fairly easy– (A<sub>I</sub>)) (A<sub>J</sub>: –it took me longer than expected– (A<sub>J</sub>))<sub>Conc</sub>] (M<sub>I</sub>))

Em (66), o Ato Discursivo Subsidiário *tenha demorado mais do que o esperado* ocorre como uma objeção possível por parte do Ouvinte ao que o Falante apresenta no Ato Discursivo Nuclear *the work was fairly easy*; em outras palavras, o Falante antecipa, no Ato Discursivo Subsidiário, um possível contra-argumento que poderia ser utilizado por seu Ouvinte com relação ao que foi apresentado no Ato Nuclear. De acordo com Keizer (2015, p.55), o Ato Subsidiário, que apresenta a Concessão (Conc), é utilizado pelo Falante quando ele julga que o conteúdo apresentado no primeiro Ato, o Nuclear, não era esperado pelo Ouvinte.

A Concessão não se limita a constituir-se como função retórica. Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), pode ocorrer também entre dois Conteúdos Propositionais (p), camada mais alta do Nível Representacional, mas nesse caso não mais se observa uma função retórica, e sim, semântica, conforme exemplifica (67) e sua representação (67a) a seguir:

- (67) **Although** the work took longer than expected it was easy. (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 55).  
[**Embora** o trabalho tenha demorado mais do que o esperado, foi fácil.]



(67a) (p<sub>i</sub>: the work was easy: (p<sub>j</sub>: the work took longer than expected (p<sub>j</sub>))<sub>Conc</sub> (p<sub>i</sub>))

A conclusão da oração principal *the work was easy* constitui o Conteúdo Proposicional principal (p<sub>i</sub>), enquanto a informação que contém a oração subordinada *the work took longer than expected* (p<sub>j</sub>), corresponde ao Conteúdo Proposicional que atua como modificador de (p<sub>i</sub>), apresentando a função semântica de concessão.

A diferença de atuação, quando na camada do Conteúdo Proposicional, quando na camada do Ato Discursivo, se reflete diretamente na posição da oração concessiva com relação à principal, respectivamente, Ato Subsidiário e Nuclear, consequência do alinhamento entre os níveis. Note que, quando a concessão configura função retórica, entre Atos Discursivos, a concessiva ocorre posposta à principal (cf. 66). Quando, por outro lado, configura função semântica, entre dois Conteúdos Proposicionais (p), a concessiva ocorre anteposta à principal (cf. 67).

Podemos observar, portanto, que a posição da oração na GDF é um fator a ser observado, pois nos fornece pistas importantes do que ocorre nos níveis mais altos.

A concessão enquanto Função Retórica, como já observado, se dá entre um Ato Nuclear e um Subsidiário. Em termos de estatuto comunicativo, o Nuclear é aquele que apresenta as informações mais relevantes e o Subsidiário, aquele que apresenta informações menos relevantes do ponto de vista comunicativo, mas que guiam o Ouvinte durante o processo de comunicação. É o Ato Subsidiário que veicula a função retórica Concessão (Conc), a qual é codificada, no Nível Morfossintático, pelo juntor (*although* no inglês, equivalente a *aunque* no espanhol e *embora* no português).

As concessivas enquanto função retórica, para Hengeveld e Mackenzie (2008), apresentam relação intrínseca com as adversativas, vejamos os exemplos e as respectivas representações a seguir:

(68) The work was fairly easy, **although it took me longer** than expected (HENGEVELD; MAKENZIE, 2008, p. 54).

[O trabalho foi razoavelmente fácil, **embora tenha demorado** mais do que o esperado.]

(68a) (M<sub>I</sub>: [(A<sub>I</sub>: –the work was fairly easy– (A<sub>I</sub>)) (A<sub>J</sub>: –it took me longer than expected– (A<sub>J</sub>))<sub>Conc</sub>] (M<sub>I</sub>))

(69) The work took longer than expected, **but it was easy**. (HENGEVELD; MAKENZIE, 2008, p. 55).

[O trabalho levou mais tempo que o esperado, **mas foi fácil**.]

(69a) M<sub>I</sub>: [(A<sub>I</sub>: –the work took longer than expected– (A<sub>I</sub>)<sub>Conc</sub> (A<sub>J</sub>: it was easy (A<sub>J</sub>))] (M<sub>I</sub>)

Observemos que em (68), repetido aqui por conveniência, o Ato Nuclear é o primeiro (A<sub>I</sub>) e o Subsidiário (A<sub>J</sub>), o segundo, que apresenta a função retórica Concessão (Conc). Isso significa que, para o Falante, o primeiro Ato *o trabalho foi razoavelmente fácil* contém a informação comunicativamente mais relevante, e o segundo *tenha demorado mais do que o esperado*, a informação secundária, mas que monitora a comunicação. Note que, na representação, é esse Ato o que veicula a Concessão (Conc).

Em (69), diferentemente, de acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 55), o primeiro Ato (A<sub>I</sub>) *o trabalho levou mais tempo que o esperado* é o Subsidiário, e o segundo *foi fácil* (A<sub>J</sub>), o Nuclear. Note que, neste caso, a função retórica Concessão (Conc), diferentemente de (68), é assinalada no primeiro Ato, o subsidiário, e o juntor *but (mas)* codifica o estatuto de nuclearidade do segundo Ato, o nuclear.

Vale a pena ressaltar a diferença entre a oração introduzida por *although* e a prefaciada por *but* na representação de (68) e de (69). Note que em (68) a função retórica Concessão é apresentada no segundo Ato, enquanto em (69), no primeiro Ato, sendo os dois Subsidiários. Assim, em (68), o primeiro Ato é o Nuclear enquanto em (69), o Nuclear é o segundo.

A GDF explica dessa forma a proximidade semântica reconhecida na literatura entre as tradicionais concessivas e adversativas.

Como descrito na seção 2, essas duas relações contrastivas, de acordo com Bosque e Demonte (1999), fazem referência a domínios nocionais muito próximos, o que permite paráfrases como (70) e (71):

(70) Pepe estuvo muy enfermo, **pero** fue a trabajar. (BOSQUE; DEMONTE, 1999, p. 3809)

[Pepe estava muito doente, **mas** foi trabalhar.]

(71) **Aunque** Pepe estuvo muy enfermo, fue a trabajar. (BOSQUE; DEMONTE, 1999, p. 3809)

[**Embora** Pepe estivesse muito doente, foi trabalhar.]

Do ponto de vista discursivo-funcional, o que diferencia (70) de (71) é o estatuto dos Atos Discursivos, pois a oração introduzida por *pero (mas)* marca o Ato Nuclear, informacionalmente mais importante do que o Ato Subsidiário, enquanto a oração introduzida por *aunque (embora)* assinala um Ato Subsidiário, informacionalmente menos importante do que o Ato Nuclear.

A oração introduzida por *but* (*mas*), de acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 52), pode ocorrer também em sequências narrativas, quando o Falante julga necessário fornecer informações adicionais para que seu Ouvinte seja capaz de acompanhar a conversação, o que resulta em algumas interrupções. Essas interrupções são estrategicamente determinadas e correspondem a Movimentos no Nível Interpessoal. Geralmente são acompanhadas por *pero*, considerado pelos autores um *push marker*, responsável por abrir um novo tópico no discurso, conforme (72) a seguir:

- (72) a: but we had a seamstress  
 b: and we were calling her Mietje  
 c: **But** I think we were calling everyone Mietje back then  
 d: you know, I don't know why,  
 e: but anyway,  
 f: so that was also a Mietje  
 (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 51-52)  
 [a: mas nós tínhamos uma costureira  
 b: e nós chamávamos ela de “Mariazinha”  
 c: **mas** eu acho que chamávamos todo mundo de “Mariazinha”  
 d: você sabe, eu não sei por quê  
 e: mas de qualquer forma  
 f: essa foi mais uma “Mariazinha”.]

A conversa que apresenta a costureira Maria é interrompida duas vezes com a finalidade de acrescentar comentários sobre a história principal. O narrador percebe a necessidade de fornecer mais informações ao destinatário e utiliza um marcador *push* (*but*), como um Movimento de abertura.

Como se pode observar, do ponto de vista da Gramática Discursivo-Funcional, a *função* é sempre relacional. Stassi-Sé (2012), ao estudar as orações adverbiais no português, propõe as Funções Interacionais, uma relação entre dois Movimentos que se configura quando o falante impulsiona o discurso, uma relação que se dá na camada do Discurso (D), proposta pela autora, no domínio pragmático. Para Stassi-Sé e Pezatti (2014, p.288), a função interacional é aquela que:

ocorre na camada mais alta do NI, ou seja, na camada do M, e representa os aspectos discursivos das unidades linguísticas. Construções que apresentam esse tipo de função refletem uma dada orientação discursiva, manifestada na materialidade do texto por meio de pistas sinalizadoras que ora organizam o discurso, ora monitoram a interação. Observa-se, assim, uma relação de dependência discursiva entre Ms que, ao contribuir para o avanço da interação, desempenham diferentes Funções Interacionais, que podem ser de “Organização do Discurso” ou de “Monitoramento da Interação”.

Dentre as funções propostas por Stassi-Sé (2012), cabe destacar a função interacional *Adendo*. Para ela, essa função ocorre entre dois Movimentos que inserem uma nova informação, considerada importante pelo falante não só por preservar sua própria face, mas também para acrescentar informação contrastiva sobre o conteúdo introduzido por ele no discurso, codificadas no Nível Morfossintático pelas conjunções *embora* (que), *apesar de* (que) e *mesmo* (que) – como no exemplo (73) a seguir, extraído da autora, e sua representação em (73a):

- (73) então, ah, você perde esse referencial. então quem te guia realmente ali dentro são os mapas, não é, que foi a primeira coisa que nós fizemos quando chegamos lá, procurar onde era o serviço de turismo para poder pegar, pegar os mapas e tal, não é, ah, ver a questão de prá[...], de, do, d[...], assim, ah, ah, o quanto dete[...], ah, **pelo menos para mim foi diferente ver assim como eles valorizam aquela cidade, como eles, embora Porto Alegre seja uma cidade bem grande, não é**, você vê como eles valorizam, como um, um turista chega lá, eles querem te mostrar "olha o rio Guaíba que co[...], passa ali, o nas[...], po[...], o nascer do sol é super, o poente é superlindo", não é. Brasil, surpresas da fotografia (STASSI-SÉ, 2012, p.187).
- (73a) (D<sub>I</sub>: [(M<sub>I</sub>,- pelo menos para mim foi diferente ver assim como eles valorizam aquela cidade, como eles- (M<sub>I</sub>)) (M<sub>J</sub>: - Porto Alegre seja uma cidade bem grande, não é? - (M<sub>J</sub>)) *Adendo*] (D<sub>I</sub>))

Como se pode observar, a perspectiva discursivo-funcional concebe a expressão linguística como fruto de uma intenção comunicativa, possibilitando análises linguísticas em diferentes línguas, o que parece ser bastante adequado para o estudo da adversidade em espanhol e nos permite olhar para esse fenômeno também em outras línguas.

Nesta seção apresentamos brevemente os pressupostos teóricos do Funcionalismo e seus diferentes modelos. Passamos rapidamente pelos pressupostos da Gramática Funcional (GF), de Dik, em que se baseiam Hengeveld e Mackenzie para proporem a Gramática-Discursivo Funcional, teoria que fundamenta esta pesquisa.

A próxima seção está dedicada aos aspectos metodológicos que norteiam a investigação deste trabalho. Para tanto, identificamos os objetivos, descrevemos o *cópus* adotado e apresentamos os fatores de análise utilizados.

## 4 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA INVESTIGAÇÃO DAS ORAÇÕES

### INRODUZIDAS POR *PERO*

Esta seção apresenta os aspectos metodológicos adotados na elaboração deste trabalho. Para tanto, em 4.1 apresentamos os objetivos, a hipótese e as perguntas de pesquisa que motivam esta investigação. Posteriormente, no item 4.2, descrevemos o *córpus* adotado e os procedimentos de coleta. Após a apresentação do universo de investigação e das devidas explicações sobre a coleta das ocorrências, em 4.3 descrevemos os fatores de análise adotados para determinar as propriedades funcionais das orações introduzidas por *pero*.

#### 4.1 Objetivos e perguntas de pesquisa

A Gramática Discursivo-Funcional, conforme discutido na seção 3, é a base teórica que fundamenta a presente pesquisa. Esse modelo visa descrever e, na medida do possível, explicar as propriedades formais (sintáticas, morfológicas e fonológicas) do Ato Discursivo em contextos reais de comunicação, o que parece ser bastante adequado para o estudo de diversos fenômenos em contextos reais de comunicação.

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), em uma relação assinalada por *but*, que equivale ao *pero* na língua espanhola, observa-se a ocorrência da função retórica Concessão, em que o Ato Subsidiário é o primeiro, e o Nuclear, marcado pelo *juntor*, o segundo. Há, assim, uma relação entre dois Atos Discursivos, em que um é Subsidiário com relação ao outro.

À luz da Gramática Discursivo-Funcional, esta pesquisa tem como objetivo investigar as motivações funcionais das estruturas oracionais introduzidas por *pero* em dados do espanhol peninsular falado, extraídos do *córpus* do projeto PRESEEA, exemplificadas a seguir:

- (74) I: por donde yo vivo huele mal **pero** es más o menos soportable. (ALCA\_H23\_007)  
[Onde eu moro cheira mal, **mas** é mais ou menos suportável.]
- (75) I: que yo yo vivía en Cuenca lo que pasa es que a los nueve años me vine aquí a Granada y pues lo típico lo que hace un niño yo lo que pasa es que estaba todo el día en la calle metido y poco más  
E: **pero** ¿tú naciste aquí?  
I: yo nací aquí. (GRAN\_H12\_021)  
[I: que eu eu vivia em Cuenca o que acontece é que aos nove anos eu vim aqui para Granada e bom o típico que faz uma criança eu eu estava todo o dia metido na rua e pouco mais  
E: **mas** você nasceu aqui?]

I: sim eu nasci aqui]

A hipótese que subjaz esta investigação é a de que *pero* relaciona construções que atuam predominantemente no Nível Interpessoal. Essa hipótese é apoiada ao considerarmos que, para a GDF, o falante ordena os componentes do discurso visando influenciar o Ouvinte a aceitar seus propósitos comunicativos. Dessa forma, o uso de orações introduzidas por *pero* configuraria estratégias do falante para alcançar seus objetivos na comunicação, destacando o que, para ele, é comunicativamente mais importante.

Para nortear as análises, três perguntas de pesquisa foram propostas, conforme apresentamos a seguir:

1. em que nível e camada ocorrem as orações introduzidas por *pero*? Elas se limitariam às camadas do Ato Discursivo e ao Nível Interpessoal?
2. que tipo de processo morfossintático é engendrado na codificação dessas orações? Seria o processo da Coordenação, como tradicionalmente é concebido?
3. quais são as características morfossintáticas da codificação das orações com *pero*? O que diferencia as orações com *pero* das orações com introduzidas por juntores tipicamente concessivos como *aunque*, por exemplo, já que ambas constituem função retórica Concessão?

Acreditamos que essas perguntas de pesquisa podem ser adequadamente respondidas com base no modelo adotado e com base no universo de investigação utilizado, o qual será apresentado a seguir.

## 4.2 O Córpus

O córpus escolhido para a realização desta pesquisa foi o projeto PRESEEA (*Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y de América*), coordenado pelo professor Francisco Moreno, da Universidade de Alcalá de Henares (Espanha). O projeto propõe o estudo e a formação de um córpus de língua falada, representativo do mundo hispânico, em sua variedade social e geográfica. Atualmente, o PRESEEA tem cerca de 40 equipes de investigação sociolingüística em diferentes países, como Espanha, Chile, Argentina, Colômbia, México, Peru, entre outros. O córpus é composto por entrevistas realizadas com falantes do mundo hispânico. Essas entrevistas são organizadas conforme o nível de

escolaridade (primário, médio e superior)<sup>17</sup>, a faixa etária média de 20 a 60 anos, dividida em três variáveis (geração I: de 20 a 34 anos; geração II: de 35 a 54 anos; geração III: mais de 55 anos) e o sexo.

Como se trata de um projeto de grande dimensão, o recolhimento dos dados ainda não está completo em todos os países. Desta maneira, restringimo-nos aos inquéritos coletados em duas cidades, Alcalá de Henares e Granada, na Espanha. A seleção dessas cidades se deve ao fato de que os inquéritos coletados nesses dois locais já estão transcritos e parcialmente disponibilizados no site do PRESEEA. O projeto contempla a transcrição escrita completa das entrevistas, mas disponibiliza somente por volta de dez minutos de áudio de cada entrevista. O tempo de áudio foi, assim, um critério de recorte das ocorrências, pois consideramos apenas as orações introduzidas por *pero* que apresentam tanto a transcrição como o áudio, e descartamos as ocorrências que não apresentassem a possibilidade de serem ouvidas.

Para identificar as ocorrências, etiquetamos cada uma conforme orientações do documento *Marcas y etiquetas mínimas obligatorias* disponibilizado na página oficial do PRESEEA. Observamos que nem todas as cidades seguem o padrão pré-determinado pelo projeto, portanto, etiquetamos todas as ocorrências conforme as orientações. A identificação das ocorrências neste trabalho contém, respectivamente, as seguintes informações:

- 1) Quatro primeiros caracteres de identificação da cidade estudada (por exemplo, ALCA: Alcalá de Henares);
- 2) Sexo: H<sup>18</sup>(masculino) ou M<sup>19</sup>(feminino);
- 3) Faixa etária: 1 (de 20 a 34 anos), 2 (de 35 a 54 anos) ou 3 (mais de 55 anos);
- 4) Nível de escolaridade: 1 (primário), 2 (médio) ou 3 (superior);
- 5) O número da entrevista, em três dígitos, quando disponível.<sup>20</sup>

Essas informações estão representadas no final de cada ocorrência e estão exemplificadas a seguir, em que se identifica uma ocorrência realizada na cidade de Alcalá de Henares (ALCA), com um entrevistado do sexo masculino (H). O entrevistado está na faixa etária número 2 (entre 35 a 54 anos) e seu nível de escolaridade é 3 (superior). Por fim, o número da entrevista (007).

Por donde vivo huele mal, pero es más o menos soportable. (ALCA\_H23\_007)  
[Onde eu moro cheira mal, mas é mais ou menos suportável.]

<sup>17</sup> Os níveis de escolaridade apresentados correspondem ao sistema educacional da Espanha e equivalem ao Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior do Brasil.

<sup>18</sup> A letra “H” corresponde à palavra *hombre* (homem), no espanhol.

<sup>19</sup> A letra “M” corresponde à palavra *mujer* (mulher), no espanhol.

<sup>20</sup> Nem todos os arquivos informam o número da entrevista. Portanto, as etiquetas apresentarão os últimos três dígitos sempre que forem disponibilizados pelo cópuz.

A primeira busca nos inqueritos selecionados revelou mais de 900 ocorrências introduzidas por *pero*, as quais incluíam elementos oracionais, sintagmáticos e contextos de natureza diversa.

A esse trabalho interessam, como se sabe, apenas os casos oracionais introduzidos por *pero*, o que significa que os outros usos deste juntor foram descartados. Um dos casos de descarte é do juntor *pero* acompanhando Sintagmas, como se observa em (76) a seguir, em que *pero* introduz o Sintagma Adverbial *un poquito más*.

- (76) y entonces vamos de viaje y tenemos que llevar el aire acondicionado apagado ya solamente cuando no aguantamos más aunque sea con las ventanas abiertas hay que enchufarlo porque más donde vamos a veranear allí a Murcia aquello es insuportable es como el calor de estos días **pero un poquito más** y con un agobio tremendo entonces llega un momento en que aunque sea con las ventanas abiertas algo de fresco te tiene que entrar porque si no te quedas pajarito. (ALCA\_H23\_007)

[E então viajamos e temos que ir com o ar condicionado desligado e somente quando não aguentamos mais, ainda que seja com as janelas abertas, tem que ligar porque ainda mais onde vamos passar o verão, em Murcia, aquilo é insuportável é como o calor desses dias **mas um pouquinho mais** e com uma agonia insuportável, então chega um momento em que ainda que seja com as janelas abertas um pouco de ar tem que entrar porque senão você morre.]

Outro caso de descarte foi o de *pero sí* e *pero no*, pois tampouco configuram orações. Geralmente retomam o que já foi dito anteriormente e representam o retorno do falante ao ponto central de sua declaração. Em (77), o entrevistador pergunta se o bairro sobre o qual estão falando é uma zona de edifícios altos. O informante diz que sim, mas faz um parêntese, acrescentando a informação de que ao lado está a cidade antiga, onde se encontram casas baixas, mas retoma sua afirmação, isto é, volta a falar que sim, é uma zona de edifícios altos. Em (78), por sua vez, o entrevistador pergunta se a informante pratica esportes. A informante diz que depende, mas explica seus motivos e dá exemplos do que considera como exercícios físicos. No final, retoma e diz que não faz o que deveria. Observe as ocorrências (77) e (78):

- (77) E: ¿y es zona de edificios altos?  
 I: sí  
 E: (hm) (hm)  
 I: bueno al lado está lo que era la Alcalá antigua que son casas bajas **pero sí**  
 E: muy bien. (ALCA\_M12\_023)  
 [E: é uma zona de edifícios altos?  
 I: sim  
 E: hm hm  
 I: bom ao lado tem o que era a Alcalá antiga que são casas baixas **mas sim**  
 E: muito bem.]



(78) E: ¿y deporte haces deporte?

I: pues depende cuando estoy más cansada no y luego también si viene alguna amiga me motivo más que no es algo que lo hago yo todos los días que a lo mejor me puede dar una temporadilla por hacer pero me da la temporada por tumbarme en el sofá no suelo hacer mucho poco lo que suelo a lo mejor es andar porque cuando a lo mejor salgo del trabajo me voy a a casa de Concha sí pues me voy andando luego cuando ya salgo de casa de de Concha pues me voy pues a lo que es ¿adónde? al Palacio de Congresos pues ya por lo menos ando media hora cuarenta minutos intento andar rápido para que se convierta un poco como en deporte no me paro a ver tiendas que de una manera o otra intento hacer deporte no es que debería de irme a correr y hacer algo más duro o meterme a lo mejor en un gimnasio pero **pero no**. (GRAN\_M13\_023)

[E: E esporte você pratica?

I: bom depende quando estou mais cansada não ,também, se vem alguma amiga, eu me motivo mais, não é algo que faço todos os dias, às vezes, em uma temporada, tenho mais motivação para praticar, mas em outra temporada, só quero me deitar no sofá. Não costumo fazer, muito pouco, o que costumo fazer é andar porque quando saio do trabalho vou na casa da Concha e vou andando, então, quando saio da casa da Concha vou ao Palacio de Congresos pelo menos ando meia hora, quarenta minutos, tento andar rápido para que seja como um esporte não paro para ver lojas, então de uma maneira ou outra tento praticar esporte, não é? eu deveria ir correr e fazer algo mais difícil ou ir para a academia mas **mas não**.]

Outros casos também descartados são os de elementos linguísticos tais como *pero claro*, *pero vamos* e *pero bueno*, os quais, para Cortéz Rodríguez (1991, p. 13), não se encaixam em nenhuma categoria semântica nem sintática. Essas estruturas são conhecidas como palavras vazias, expletivos ou enlaces extra oracionais. Observamos alguns casos em que os uso de *pero claro*, *pero vamos* e *pero bueno* ocorrem em contextos que configuram um apoio à interação, já que poderiam ser excluídos do contexto sem prejuízo de significado. Esses casos, configuram, na GDF, Atos Interativos, responsáveis pela manutenção da interação verbal entre os interlocutores, tratando-se de uma estratégia do falante para chamar a atenção do Destinatário ou para monitorar a interação, conforme exemplificam as ocorrências a seguir.

(79) I: era mi entrenador de baloncesto

E: ¡qué buen fichaje! o sea que tienes un marido alto

I: sí no

E: no excesivamente

I: buen es eeh sí uno ochenta y dos **pero vamos**

E: bueno oye no está mal

I: y bueno pues ahí nos conocimos

E: ¿cómo os conocisteis? (ALCA\_M22\_028)

[I: era meu treinador de basquete

E: que bom negócio! Ou seja, você tem um marido alto

I: sim, não

E: não excessivamente

I: bom, é, sim, um e oitenta e dois, **mas tudo bem**

E: olha, nada mal

I: e, bom, então, nos conhecemos aí

E: como vocês se conheceram?]

- (80) E: o sea que te toca ir a Meco a vivir  
 I: me toca sí  
 E: ¿y qué te parece la idea?  
 I: pues fatal **pero bueno**  
 E: ¿conoces Meco? bueno has estado allí  
 I: sí conozco mucho Meco. (ALCA\_M13\_005)  
 [E: ou seja, você terá que morar em Meco  
 I: sim, terei  
 E: e o que você acha da ideia?  
 I: nossa, terrível, **mas tudo bem**  
 E: você conhece Medo? Bom, já estive ali  
 I: sim, conheço muito Meco.]

Em (79) e (80), o uso de *pero vamos* e *pero bueno*, respectivamente, é utilizado para finalizar o turno e evitar um vazio no final de sua fala. Esse expletivo poderia ser retirado da oração sem sofrer qualquer modificação no entendimento do Ouvinte e no propósito comunicativo do falante.

Embora o sentido das expressões *pero vamos* e *pero bueno* sejam utilizados como muletas discursivas (*muletilla*), típico da modalidade falada, também encontramos casos em que essa estrutura é utilizada com sentido adversativo. Cortéz Rodríguez (1991, p. 84) afirma que os termos *claro*, *vamos* e *bueno* são utilizados também como um reforço adverbial do juntor *pero*. Para Cortéz Rodríguez (1991, p. 39) o uso de expletivos nesses casos, por parte do falante, tem como objetivo manter a conexão do discurso, evitando lacunas e vazios na fala.

Em (81), por exemplo, um garçom (A1), está servindo o entrevistador (E) e o informante (I). Enquanto um pede uma fanta laranja, o outro pede um café com leite. Embora o entrevistador queira pedir um café com leite quente, ele usa a expressão *pero vamos* expressando uma conformidade pelo fato de saber que não virá tão quente como ele gostaria. Observe:

- (81) A1: ¿una fanta de limón o de naranja?  
 I: de naranja  
 A1: ¿y tú? ¿te importa en botella? la botella ¿no te importa que sea la botella?  
 E: mmm yo prefiero un café un café con leche bien calentito bueno bien calentito no va a venir **pero vamos** como como sea con con leche  
 A1: vale ¡hasta luego!  
 I: vale ¡hasta luego! (ALCA\_H12\_019)  
 [A1: Uma fanta limão ou de laranja?  
 I: de laranja  
 A1: e você? pode ser de garrafa, você não se importa que seja de garrafa?  
 E: mmm eu prefiro um café um café com leite bem quentinho, bom, bem quentinho não vai vir **mas tudo bem** se tiver leite  
 A1: Tá bom, até logo!  
 I: Até logo]

Outro uso adversativo pode ser observado em *pero claro* que, segundo Cortés Rodríguez (1991, p. 70), tem um uso restritivo. Em (82), o informante utiliza *pero claro* para acrescentar uma informação que considera relevante, dizendo que embora sinta muito frio, costuma manter o aquecedor ligado durante todo o dia, já que o Ouvinte poderia entender que ele sente frio porque não tem aquecedor:

- (82) I: llego con el abrigo de piel de invierno o el chaquetón y y mi sobrino dice ¿por qué no te pones el chaquetón? digo pues porque hace aquí más calor es que no se puede poner saco trajes de chaquetas y los días que hace viento sí hace un viento de sobre todo a la caída de la tarde sopla la ventolera y dice ¡qué frío hace! pues no no hace frío no pero  
 E: uhum  
 I: pero sin embargo me gusta más eh y soy muy friolera **pero claro** tengo la calefacción de día y de noche  
 E: ¿incluso en este tiempo? (ALCA\_M33\_018)  
 [I: chego com o casaco de pele de inverno ou com a jaqueta e meu sobrinho diz: “Por que não coloca a jaqueta?” Digo, pois, é porque aqui faz mais calor, é que não não se pode colocar casacos e nos dias que venta sim, ainda mais no fim da tarde o vento sopra e diz “Que frio!” Bem, não está frio, mas  
 E: uhum  
 I: mas no entanto eu gosto mais e sou muito friorenta **mas claro** tenho o aquecedor ligado de dia e de noite  
 E: Inclusive nesse tempo?]

O sentido adversativo de (82) também pode ser observado em (83), em que *pero bueno* é utilizado para introduzir uma oração contrastiva com relação à oração anterior:

- (83) E: Cuéntame algún viajecillo que hayas hecho tú por ahí algún sitio que te haya gustado  
 I: La verdad es que no he hecho muchos viajes **pero bueno** con mi antigua novia estuvimos el año pasado en Mallorca // con mi ex// y bien/// estuvimos viendo toda la parte de Mallorca centro. (GRAN\_H13)  
 [E: Conte-me sobre uma pequena viagem que você fez lá em algum lugar que você gostou  
 E: A verdade é que não fiz muitas viagens, **mas bem** com minha antiga namorada estivemos no ano passado em Mallorca com minha ex e bem, estávamos vendo toda a parte do centro de Mallorca.  
 E: Eu não conheço.  
 E: Você não o conhece bom, o típico a catedral a parte do centro que não foi apenas uma viagem de praia e caminhada E, mas fizemos de tudo e, assim, fora da Espanha, Coruña também estive, **mas** sair da Espanha não, eu não fiz muitas viagens.]

Visto que nos interessam apenas os contextos oracionais que expressam contraste, os casos (82) e (83) fazem parte do rol de ocorrências analisadas, mas os casos representados de (76) a (81) foram descartados.

O nosso universo de investigação conta, assim, com 147 ocorrências de orações introduzidas por *pero* em contextos contrastivos.

### 4.3 Fatores de análise

Como mencionado na seção 3 deste trabalho, em português, a conjunção adversativa *mas* articula dois membros, em uma construção coordenada adversativa sentencial que apresenta o seguinte padrão: *A, conjunção-B*, em que A e B são os membros coordenados. Na língua espanhola, Hernández Alonso (1996, p.300) propõe que esta coordenação bimembre possui duas estruturas habituais: *A pero B*, que equivaleria ao esquema do português, e também *no A pero sí B*.

Para Hengeveld e Mackenzie (2008), esses dois elementos A e B configuram Atos Discursivos, e a relação contrastiva se dá no Nível Interpessoal. Tendo essas considerações em vista, a fim de atingir os objetivos de pesquisa apresentados, todas as ocorrências são analisadas com base em cinco fatores de análise:

- 1) Níveis de atuação dos elementos: Interpessoal (NI) / Representacional (NR)
- 2) Camadas de atuação: NI (M, A, C) / NR (p, ep, e, f) / NM (Le, Cl, Nf, W) / NF (U, IP, PP, F, S).
- 3) Tempo e modo verbal da primeira oração
- 4) Tempo e modo verbal da segunda oração
- 5) Ordenação das orações introduzidas por *pero*

É importante ressaltar que o fator norteador desta pesquisa é o segundo critério, isto é, camadas em que as unidades se constituem dentro da GDF, pois pretendemos verificar se no espanhol falado há, de alguma maneira, atuação em diferentes camadas e favoritismo por alguma camada e, conseqüentemente, níveis específicos.

O terceiro e o quarto fator de análise, tempo e modo verbal das estruturas envolvidas, nos ajudarão a descobrir uma possível predileção modo-temporal das orações envolvidas na relação contrastiva. Espera-se que o processo de codificação morfossintática com *pero* tenha predomínio de verbos no indicativo, o que as distinguiria dos casos concessivos com *aunque*, os quais, como se sabe, ocorrem predominantemente com subjuntivo.

Pretende-se, assim, fazer uma descrição de quais tempos são utilizados predominantemente com o juntor *pero* e qual é a correlação mais frequente entre as orações, a fim de verificar qual é a relação entre o processo da formulação e da codificação. As ocorrências

(84) e (85) a seguir exemplificam algumas das possibilidades de correlação entre a oração com *pero* e a que toma como escopo no esquema *A pero B*.

- (84) I: saqué buena nota **pero me dijo que me podía haber extendido un poco más.**  
(ALCA\_M21\_04)  
[I: Tirei uma nota boa, **mas me disse que eu poderia ter me esforçado um pouco mais.**]
- (85) I: y ahora que no tengo exámenes **pero ya he empezado a estudiar para septiembre.**  
(ALCA\_M12\_023)  
[I: E agora não tenho provas, **mas já comecei a estudar para setembro.**]

Em (84) o falante usa verbos no pretérito indefinido, do modo indicativo, nos dois elementos (saqué/dijo). Em (85), no entanto, o falante usa diferentes tempos verbais: um verbo no presente do indicativo (tengo) no primeiro elemento e um verbo no pretérito perfeito (he empezado) no segundo elemento.

O último fator de análise, a ordenação, nos permite verificar se a oração com *pero* é posposta à oração que toma como escopo em uma relação *A pero B*, tipicamente contrastiva, ou se essa oração ocorre em um contexto específico, tal como em um único turno, independentemente sintática e semanticamente de outra oração.

Concluída a apresentação dos fatores de análise e dos aspectos metodológicos deste trabalho, apresentamos, na próxima seção, a análise dos dados de acordo com cada fator preliminarmente estabelecido e aqui descrito.

## 5 ANÁLISE DAS ORAÇÕES COM *PERO*

Na presente seção apresentamos a análise das construções introduzidas por *pero* no espanhol peninsular falado. Conforme apresentado na seção 4, o corpus utilizado para esta análise é o PRESEEA, base de dados de língua espanhola disponível *online*, que contém entrevistas orais realizadas por falantes cuja língua materna é o espanhol. A fim de cumprir o objetivo de analisar as motivações funcionais das orações com *pero*, foram analisadas 147 ocorrências extraídas de contextos reais de interação.

O fator norteador da análise é a camada de atuação da construção com *pero*, ou seja, a camada em que se dá a relação das estruturas unidas pelo juntor. Ao abordar a camada como fator norteador, abordamos, conseqüentemente, o nível em que essas relações se estabelecem, já que as camadas são organizadas hierarquicamente dentro de cada nível. Os dados mostram que as orações introduzidas por *pero* podem ser de dois tipos distintos.

O primeiro tipo contrasta uma informação ou acrescenta uma informação que o falante julga importante para atingir seus propósitos comunicativos, conforme exemplifica a ocorrência (86). O segundo, por sua vez, diferentemente do primeiro, impulsiona a conversação e pode introduzir assuntos que se relacionam contrariamente ao que vinha sendo dito, como se observa em (87).

- (86) E: ¿Tenéis pensado dónde vais a ir este verano?  
 I: Este verano me gustaría ir a muchísimos sitios sí bueno vamos a ir seguro a Galicia vamos a ir a Galicia porque ya tenemos reservado para para los primeros días de agosto y nos gustaría haber ido unos días a la playa **pero el tema económico este año me parece que no va a estar muy muy boyante** (GRAN\_H23)  
 [E: vocês têm pensado aonde vão esse verão?  
 I: esse verão eu gostaria de ir a muitos lugares, sim, bom, com certeza vamos à Galícia porque já fizemos a reserva para os primeiros dias de agosto e gostaríamos de ter ido uns dias na praia **mas acredito que a questão econômica este ano não vai estar muito próspera**].
- (87) I: ¿estás cansado?  
 E: las personas adultas hombre el trabajo efectivamente eeh cansa agota luego si te tienes que meter a estudiar por la noche y acudir a  
 I: sí que sí que sí  
 E: a clase y todo esto pues eeh hay que llevarlo con digamos con cierta con cierta ilusión porque si no no y con ciertas ganas hay que tener ganas de hacerlo si no es es perder el tiempo  
 I: **¿pero tienes tienes que pedir permiso en el trabajo para**  
 E: no no no  
 I: **venir aquí o?**  
 E: no me atengo a me atengo a  
 I: ¿te coinciden bien los horarios?

E: es que yo tengo un horario mmm flexible ¿sabes? (ALCA\_H13\_001)

[I: Você está cansado?

E: As pessoas adultas, cara, o trabalho realmente cansa, esgota, assim, se você tem que se submeter a estudar à noite e assistir

I: claro claro

E: aula e tudo isso, então tem que fazer digamos com certa vontade, porque senão não e com certa vontade tem que ter vontade de fazer isso senão é perder tempo

I: **mas você tem que pedir autorização no trabalho para**

E: não não não

I: **vir aqui ou?**

E: eu não me atendo a me atendo a

I: Os horários coincidem bem?

E: é que tenho um horário flexível, sabe?]

Em (86), observamos que a contraposição se dá entre os elementos *nos gustaría haber ido unos días a la playa* e *el tema económico este año me parece que no va a estar muy muy boyante*. Ao falar sobre o destino de suas férias, o informante contrapõe o desejo de ir para a praia à impossibilidade de realização da viagem devido a questões econômicas, uma oposição que pode ser resumida da seguinte forma: ‘quero viajar’ *versus* ‘não tenho dinheiro’. Essa oposição não é daquelas do tipo ‘quente’ *versus* ‘frio’, que poderia ser explicada em termos semânticos, mas precisa ser explicada com base em inferências e pressuposições do falante, pois o mesmo parte do pressuposto de que para viajar, é necessário ter dinheiro.

Em (87), por sua vez, *¿pero tienes que pedir permiso en el trabajo para venir aquí o...?* não se relaciona a um outro elemento, mas sim a todo o contexto anterior. Como se observa, *pero* introduz uma pergunta do informante (I), que se relaciona ao que vinha sendo descrito nos turnos anteriores, em que o entrevistador (E) contava como é árdua a rotina das pessoas que precisam trabalhar e estudar. Ao lançar uma pergunta introduzida por *pero*, o falante, nesse caso, o informante, lança algo que, para ele, poderia configurar um possível obstáculo com relação ao que vinha sendo dito pelo ouvinte, neste caso, o entrevistador, ou seja, o falante dá ao ouvinte a oportunidade de resposta, o que impulsiona a interação.

Como se pode notar, os dois casos são de naturezas diferentes, o que significa que, na perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional, ocorrem em camadas diferentes. Nesse modelo teórico, no entanto, não há distinção entre o que é discursivo e o que é pragmático, pois o nível pragmático diz respeito às intenções e às estratégias de que dispõe o falante para alcançar seus objetivos. A pragmática, conforme apresentado na seção 3, tem primazia sobre a semântica, e essa, por sua vez, sobre a morfossintaxe.

É com base nesse modelo *top down* que os dois casos de *pero* são abordados nesta seção, que apresenta em 5.1 os usos desse juntor no Nível Interpessoal, em 5.2, esses usos no Nível

Representacional e em 5.3, os usos no Nível Morfossintático. A seção 5.4 trata das questões de alinhamento entre os níveis Interpessoal, Representacional e Morfossintático. Por último, a seção 5.5 aponta as principais considerações a respeito das orações com *pero* e com *aunque* a fim de apresentar as contribuições da Gramática Discursivo-Funcional ao denominado *parentesco lógico* (GILI GAYA, 2000; FLAMENCO GARCÍA, 1999), entre as tradicionais orações adversativas e concessivas.

### 5.1. Estruturas oracionais com *pero* no Nível Interpessoal

O Nível Interpessoal, relacionado à pragmática, apresenta o Movimento (M) como sua maior unidade. Em termos de estatuto interpessoal, o Movimento é definido como uma contribuição autônoma para a interação em desenvolvimento. Um Movimento pode conter um ou mais Atos Discursivos (A) combinados entre si, temporalmente ordenados. A relação entre os Atos pode ser de equipolência ou de dependência, havendo, nesse caso, um Ato Nuclear e um Subsidiário que apresenta uma função retórica. A última camada deste nível é o Conteúdo Comunicado, que segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), contém o que o falante deseja evocar em sua comunicação.

Esse nível trata das relações entre falante e ouvinte, das estratégias de que dispõem os falantes para alcançarem seus objetivos na comunicação. Nesse sentido, observamos que, ao usar uma estrutura com *pero*, o falante recorre a uma estratégia argumentativa.

O uso de *pero* no espanhol falado assinala, como vimos na seção 2, uma relação de oposição, de contraste entre dois elementos, o que caracteriza esse juntor como típico de relações binárias, que se enquadram no esquema consagrado *A pero B* (cf. Flamenco Garcia, ano; Dik, 1997; Pezatti e Longhin-Thomazi, 2008). Essa relação binária pode ser observada nas ocorrências (88) e (89) a seguir:

- (88) I: ¿te importa que fume?  
 E: ¡ah! no por supuesto que no  
 I: ¿qué quieres? bueno  
 E: yo desde luego no fumo **pero tampoco me molesta.** (ALCA\_H12\_019)  
 [I: Você se importa que eu fume?  
 E: Ah, claro que não!  
 I: O que você quer? Bom...  
 E: Eu certamente não fumo, **mas também não me incomoda.**]



- (89) E: yo el año pasado también estuve aquí **pero estuve con F.** (ALCA\_M21\_047)  
 [E: no ano passado eu também estive aqui, **mas estive com F.**]

Em (88), os elementos envolvidos na relação *A pero B* são *no fumo e tampoco me molesta*. Esses elementos não são, por si só, opostos ou contraditórios, mas são apresentados pelo falante como contrários. Em outras palavras, é a partir da visão do falante, dos seus conhecimentos de mundo, de suas pressuposições e inferências que ele coloca esses elementos em contraste. Assim, para compreender *no fumo e tampoco me molesta* como contrastantes, o falante precisa estar em um contexto específico em que o ouvinte, por exemplo, oferece-lhe um cigarro e segura outro na mão, dando sinais de que deseja fumar. O falante, por sua vez, agradece, recusa o cigarro, e deixa o ouvinte à vontade, dando-lhe permissão para que fume.

Em (89), por sua vez, os elementos unidos por *pero* são *estuve aquí e estuve com F.* Assim como na ocorrência anterior, não são opostos por si só, mas são colocados em contraste pelo falante, que concebe o fato de ter estado aqui e estar com alguém (com F) como opostos.

Nos dois casos, os elementos configuram unidades de informação que precisam das inferências e das pressuposições do falante, do conhecimento de mundo e do conhecimento partilhado entre falante e ouvinte, informações advindas do Componente Contextual, para que sejam concebidos como contrastantes. São unidades de sentido dotadas de Ilocução, Conteúdo Comunicado, Falante e Ouvinte, o que caracteriza, na Gramática Discursivo-Funcional, um Ato Discursivo, camada do Nível Interpessoal.

Atos Discursivos são unidades que podem variar em termos de sua complexidade, podendo ser mais ou menos complexo. Contêm Falante (S); Ouvinte (A); participantes (P<sub>1</sub> e P<sub>2</sub>), elementos que são essenciais para a interação, Ilocução (F<sub>1</sub>) e Conteúdo Comunicado. A Ilocução diz respeito às propriedades formais e lexicais do Ato Discursivo que podem ser atribuídas a um uso interpessoal, já convencionalizado para representar uma intenção comunicativa. O Conteúdo Comunicado, por sua vez, apresenta tudo aquilo que o falante deseja evocar, podendo apresentar uma informação nova e ou já conhecida pelo ouvinte.

Na ocorrência (88) o falante tem a intenção de esclarecer, no primeiro Ato Discursivo, *yo no fumo*, porque não aceita o cigarro oferecido pelo ouvinte e, em seguida, no segundo Ato Discursivo, *tampoco me molesta*, dá a permissão para que ele fume. Há, assim, dois Atos Discursivos com Ilocução declarativa que manifestam intenções diferentes. Como se observa, essas unidades unidas por *pero* voltam-se para a interação, o que caracteriza essas ocorrências no Nível Interpessoal. Em (89), também há dois Atos Discursivos com Ilocução declarativa, *yo el año pasado también estuve aquí e estuve con F*, que representam a intenção do falante em acrescentar uma informação que julga relevante para o contexto. Os dois informantes estão

falando sobre as aulas na escola. O entrevistador ressalta que no ano passado também teve aulas naquele lugar, mas teve com o professor F, e por esse motivo quis ter aulas novamente, para aprender mais, pois, na sua concepção, o professor F deixava a desejar, o que invalida sua estadia.

O estatuto de Ato pode ser comprovado mediante o uso de modificadores. Testes com modificadores que expressam ênfase ou irritação, tais como *joder* (88a) ou “caramba” (89a) podem confirmar a atuação de *pero* nesta camada, conforme vemos a seguir:

(88a) yo desde luego no fumo **joder** pero tampoco me molesta *caramba*

(89a) yo el año pasado también estuve aquí **joder** pero estuve con F *caramba*.

O Conteúdo Comunicado dos dois Atos envolvidos contém a totalidade do que o falante deseja evocar e pode ser totalmente novo para seu ouvinte ou pode ser uma informação já conhecida. Em (88), *yo no fumo e tampoco me molesta* são informações novas, pois, ao oferecer o cigarro, o ouvinte não sabia que o falante não fumava e também não sabia se ele se importava que fumassem naquele local. O falante, no segundo Ato, autoriza que seu ouvinte fume, e é essa, do ponto de vista dele, a informação comunicativamente mais relevante. Essa estratégia revela uma relação de desigualdade, em termos de estatuto, entre os Atos Discursivos envolvidos. O primeiro Ato apresenta um conceito que é secundário, ou seja, é o Ato Discursivo cujo Conteúdo Comunicado é considerado menos importante pelo Falante do ponto de vista da comunicação, enquanto o segundo Ato Discursivo apresenta Conteúdo Comunicado considerado por ele como mais importante, pois permite que o ouvinte fume, o que caracteriza esse Ato como Nuclear.

Se o Falante apresenta Atos com estatutos diferentes, não podemos dizer que a relação entre eles é de equipolência, mas, sim, de dependência, o que caracteriza a existência de uma função retórica. Funções retóricas são estratégias de que dispõe o falante para alcançar seus objetivos na comunicação. Nesse caso, o falante *concede* uma informação ao ouvinte para prepará-lo para o que virá em seguida, o que caracteriza a função retórica Concessão. O Falante apresenta ou *concede*, no primeiro Ato, o Subsidiário, alguma informação ao seu Ouvinte e, imediatamente depois, no segundo Ato, apresenta a informação que considera mais importante do ponto de vista comunicativo. Contextualizando essas considerações na ocorrência (88), podemos dizer que o Falante considera o primeiro elemento *yo desde luego no fumo* como algo que poderia ser um possível obstáculo para o que virá em seguida, ou seja, comunicativamente menos relevante, uma informação secundária, o que caracteriza o Ato como Subsidiário, que

servirá de base e preparará o ouvinte para a informação comunicativamente mais relevante, contida, por sua vez, no Ato Nuclear, *tampoco me molesta*, pois é esse Ato o que autoriza que o ouvinte fume.

Essa relação entre dois Atos Discursivos de estatuto desigual pode também ser observada em (89). Nesse contexto, vemos que a contraposição se dá entre *yo el año pasado también estuve aquí*, que é um Ato Subsidiário, com a informação menos expressiva, e *estuve con F*, que é o Ato Nuclear, que acrescenta uma informação contrastiva que o Falante considera relevante, já que, compartilha com o ouvinte a informação de que o professor F não é desejado pelos alunos.

Observamos, portanto, que, ao usar uma estrutura oracional com *pero*, o Falante acrescenta uma informação que considera contrária e, ao mesmo tempo, importante para atingir seus propósitos comunicativos, seja o de permitir que o Ouvinte fume, seja para estar em determinado lugar novamente. Isso configura uma relação desigual entre Atos Discursivos, (A<sub>i</sub>) e (A<sub>j</sub>) que compõem um único Movimento (M), havendo, no primeiro Ato Discursivo, o Subsidiário (A<sub>i</sub>), a função retórica Concessão (Conc), conforme mostram as representações (88a) e (89a) a seguir:

(88a) (M<sub>I</sub>: [(A<sub>i</sub>: -yo desde luego no fumo- (A<sub>i</sub>))<sub>Conc</sub> (A<sub>j</sub>: -tampoco me molesta- (A<sub>j</sub>))]) (M<sub>I</sub>)

(89a) (M<sub>I</sub>: [(A<sub>i</sub>: -yo el año pasado también estuve aquí- (A<sub>i</sub>))<sub>Conc</sub> (A<sub>j</sub>: -estuve con F- (A<sub>j</sub>))]) (M<sub>I</sub>)

Em alguns contextos, pode haver o encadeamento de vários Atos Discursivos que se relacionam, mas o estatuto de cada um pode variar. Vejamos as ocorrências (90), (91) e (92) a seguir:

(90) E: Cuéntame algún viajecillo que hayas hecho tú por ahí algún sitio que te haya gustado  
I: La verdad es que no he hecho muchos viajes pero bueno con mi antigua novia estuvimos el año pasado en Mallorca con mi ex y bien estuvimos viendo toda la parte de Mallorca centro.

E: Yo no lo conozco.

I: No lo conoces bueno pues lo típico la catedral la parte del centro que no fue sólo un viaje así de de playa y de marcha E sino que tuvimos para todo ahí he estado y así fuera de España Coruña he estado también **pero salir fuera de España no**, no he hecho muchos viajes. (01, H, G, 29, S)

[E: Conte-me sobre uma pequena viagem que você fez lá em algum lugar que você gostou

E: A verdade é que não fiz muitas viagens, mas bem com minha antiga namorada estivemos no ano passado em Mallorca com minha ex e bem, estávamos vendo toda a parte do centro de Mallorca.

E: Eu não conheço.

E: Você não o conhece bom, o típico a catedral a parte do centro que não foi apenas uma viagem de praia e caminhada E, mas fizemos de tudo e, assim, fora da Espanha, Coruña também estive, **mas** sair da Espanha não, eu não fiz muitas viagens.]

- (91) E: ¿hay mucha delincuencia en Alcalá?  
 I: la verdad es que sí la hay lo que pasa es que no o sea no nos llegamos a enterar casi ni de la mitad de las cosas **pero yo creo que sí que la hay**. (ALCA\_M12\_023)  
 [E: Tem muita delinquência em Alcalá?  
 I: Na verdade sim, tem, o que acontece é que não, ou seja, não chegamos a saber quase nem a metade das coisas, **mas eu acredito que sim, tem.**]
- (92) E: ¿Cuánto tiempo viviste en los así en los pueblos?  
 I: Pues yo he estado viviendo en pueblos hasta los quince años o así estuve diez en mi pueblo y luego estuve otros cinco en Alcalá la Real y después ya me vine aquí aunque he estado viviendo en otros sitios **pero ha sido algo esporádico** ¿no? circunstancial como el servicio militar que he estado quince meses en Canarias. (GRAN\_H23)  
 [E: Quanto tempo você morou nas assim nas vilas?  
 I: Então, eu morei em vilas até os quinze anos ou assim estive dez na minha vila e depois estive outros cinco em Alcalá la Real e depois já vim pra cá, embora tenha morado em outros lugares, **mas foi algo esporádico, né?** circunstancial como o serviço militar eu estive quinze meses nas Ilhas Canárias.]

Em (90), observamos o encadeamento de pelo menos quatro Atos Discursivos, que compõem um único Movimento. O primeiro *ahí he estado*, o segundo, *Coruña he estado también*, o terceiro, *salir fuera de España no*, e, por fim, o quarto, *no he hecho muchos viajes*. Os Atos relacionados por *pero* são o segundo e o terceiro, os quais apresentam estatutos diferentes. O segundo *Coruña he estado* é o Ato Subsidiário e *salir fuera de España no*, o Nuclear, pois essa informação é, do ponto de vista do falante, a mais importante. O falante deseja especificar, ao ouvinte, exatamente para quais lugares já viajou, já que, no Ato anterior, o Subsidiário, dá informações gerais sobre os lugares onde foi, dentro da Espanha, e especifica, ao final, que nunca saiu do país.

Em (91), há também o encadeamento de quatro Atos Discursivos, respectivamente, *la verdad es que sí la hay*, *lo que pasa es que no*, *o sea no nos llegamos a enterar casi ni de la mitad de las cosas* e *pero yo creo que sí que la hay*, os quais compõem um Movimento. O entrevistador faz uma pergunta sobre a existência de delinquência na cidade de Alcalá de Henares, uma cidade pequena próxima a Madri taxada de tranquila. O falante responde rotundamente que sim, há delinquência na cidade. No entanto, pondera, posteriormente, dizendo que a população da cidade não tem conhecimento sobre esse problema, o que coloca nos dois Atos que seguem, *lo que pasa es que no* e *o sea no nos llegamos a enterar casi ni de la mitad de las cosas*, ou seja, pondera sua afirmação apresentada no primeiro Ato, mas reafirma

o que pensa, que há delinquência em Alcalá de Henares, no último Ato do Movimento, o que apresenta estatuto de Nuclear com relação ao terceiro, o Subsidiário. O falante, portanto, abre e fecha o Movimento com Atos Discursivos que apresentam o mesmo Conteúdo Comunicado, sim, há delinquência em Alcalá, ou seja, para concluir seu turno, o falante se preocupa em fechá-lo repetindo sua afirmação de que tem delinquência em Alcalá de Henares. Desta maneira, ele retoma o que foi dito anteriormente, enfatizando o que julga mais relevante para a interação, já que, do ponto de vista comunicativo, para ele, o conteúdo do último Ato, o Nuclear, é o mais relevante.

A ocorrência (92) é similar às duas anteriores no que diz respeito à existência de um único Movimento composto por vários Atos Discursivos, havendo contraste entre dois deles. Neste caso, interessam-nos os três últimos Atos: *y después ya me vine aquí, he estado viviendo en otros sitios* e *ha sido algo esporádico*. Na ocorrência é possível notar a presença dos jutores *aunque* e *pero*, respectivamente, em *he estado viviendo en otros sitios* e *ha sido algo esporádico*. Esses dois jutores marcam morfossintaticamente, conforme abordamos na seção 3, uma relação desigual entre os Atos. Há, assim, duas relações que envolvem três Atos. A primeira relação ocorre entre os Atos *y después ya me vine aquí* e *he estado viviendo en otros sitios*, sendo o primeiro, o Nuclear, e o segundo, Subsidiário, que veicula a função retórica Concessão; essa relação é marcada morfossintaticamente pelo jutor *aunque*. Já a segunda relação ocorre entre *he estado viviendo en otros sitios* e *ha sido algo esporádico*, sendo o estatuto desse último confirmado pela presença do Ato Interativo *¿no?*, em que o primeiro Ato é Subsidiário e veicula a função retórica Concessão, e o segundo, Nuclear; essa relação é marcada morfossintaticamente pelo juto *pero*. Como se nota, o mesmo Ato, *he estado viviendo en otros sitios*, é subsidiário em uma relação e nuclear em outra, isso porque o falante organiza seu discurso a fim de atingir seus propósitos comunicativos.

As representações (90a), (91a) e (92a) mostram essa distinção entre os estatutos dos Atos envolvidos, já que a Função retórica Concessão é veiculada pelo Ato Subsidiário (A<sub>I</sub>):

(90a) (M<sub>I</sub>: [(A<sub>I</sub>: -Coruña he estado también- (A<sub>I</sub>))<sub>Conc</sub> (A<sub>J</sub>: -salir fuera de España no- (A<sub>J</sub>))]) (M<sub>I</sub>)

(91a) (M<sub>I</sub>: [(A<sub>I</sub>: -o sea no nos llegamos a enterar casi ni de la mitad de las cosas- (A<sub>I</sub>))<sub>Conc</sub> (A<sub>J</sub>: - yo creo que sí que la hay - (A<sub>J</sub>))]) (M<sub>I</sub>)

(92a) (M<sub>I</sub>: [(A<sub>I</sub>: -he estado viviendo en otros sitios- (A<sub>I</sub>))<sub>Conc</sub> (A<sub>J</sub>: - ha sido algo esporádico- (A<sub>J</sub>))]) (M<sub>I</sub>)

Nas ocorrências de (88) a (92) apresentadas acima, verificamos uma relação desigual entre os dois Atos Discursivos, sendo o primeiro o Ato Discursivo Subsidiário, que veicula a função retórica Concessão (Conc), e o segundo, o Nuclear, argumentativamente mais relevante. O Ato Nuclear, apresenta um conteúdo que o falante julga necessário esclarecer com relação ao Ato Discursivo anterior, o subsidiário. É, portanto, uma estratégia usada quando o Falante julga que pode haver falta de clareza com relação à referência de algum componente do Conteúdo Comunicado.

As ocorrências analisadas até agora mostram que *pero* relaciona dois elementos que são concebidos pelo falante como incompatíveis. Esses elementos são unidades de informação de complexidade variada, que contêm os participantes, Falante e Ouvinte, Ilocução e Conteúdo Comunicado, o que caracteriza dois Atos Discursivos. O estatuto desses Atos é diferente, pois no primeiro, o falante concede uma informação para, em seguida, apresentar o que realmente julga relevante, contido no segundo Ato, o Nuclear. Há entre eles, portanto, uma relação de dependência entre dois Atos Discursivos com estatutos desiguais, sendo que o primeiro concede uma informação que é corrigida, limitada ou reelaborada no segundo Ato, o que assinala a função retórica Concessão.

Os dados mostram ainda que Atos relacionados por *pero* podem estar em turnos diferentes, conforme exemplifica a ocorrência (93) a seguir:

- (93) E: ¿eres de Alcalá?  
 I: no, nací en Valencia **pero**  
 E: uhum  
 I: **toda la familia de mi madre es de Alcalá.** (ALCA\_M23\_010)  
 [E: Você é de Alcalá?  
 I: não, nasci em Valência **mas**  
 E: uhum  
 I: **toda a família da minha mãe é de Alcalá.**]

Nesse caso, o informante contrasta os elementos *nací en Valencia* e *toda la familia de mi madre es de Alcalá*, que estão, como se observa, em turnos diferentes. A diferença de turnos não altera o estatuto dos Atos envolvidos, pois o primeiro Ato *nací en Valencia* é o Ato Subsidiário, que apresenta a função retórica Concessão, e o segundo, *toda la familia de mi madre es de Alcalá*, é o Nuclear, o comunicativamente mais importante do ponto de vista do falante, que respondia à pergunta do entrevistador *Você é de Alcalá de Henares?*. Dessa forma, o falante afirma, no primeiro Ato, que não nasceu em Alcalá, no entanto, afirma, no segundo Ato, o que para ele é o mais importante, que se pode dizer que ele tem forte ligação com a cidade, pois a família da sua mãe é de lá.

Observamos, no entanto, ocorrências em que *pero* não relaciona dois Atos Discursivos, mas relaciona porções textuais que se voltam para a interação, como mostram (94) e (95) a seguir:

- (94) E: ¿Cómo has pasado este verano?  
 I: Este verano/ pues este verano ha sido relajado porque hasta mayo estuve en el Juan XXIII trabajando luego continué con las clases particulares que le doy a una niña/ de Secundaria y a otro muchacho más/ y entonces estuve hasta mediados de junio con las clases particulares y luego ya el verano lo he pasado en la hípica  
 E: **Pero ¿qué haces allí en la hípica?**  
 I: Pues la hípica se supone que es para montar a caballo. (GRAN\_H13)  
 [E: E como você passou nesse verão?  
 I: Esse verão foi tranquilo porque até maio estive no Juan XXIII trabalhando e depois continuei com aulas particulares que dou a uma menina do Ensino Médio e a outro menino/ e então estive até meados de junho com as aulas particulares e depois o verão passei lá na hípica.  
 E: **Mas o que você faz na hípica?**  
 I: Bom, na hípica se supõe que é para montar a cavalo.]
- (95) I: Tengo mala memoria pero sí que me acuerdo me acuerdo que iba vestido de de almirante creo que iba de almirante y son cuatro cosillas muy puntuales ¿no? casi nada el lugar el lugar donde tuvo vamos aconteció la celebración y tal ¿no?/ pero poco más yo es que tengo muy mala memoria.  
 E: **Sí pero cuéntame ¿qué hiciste?**  
 I: ¿Aquel día?  
 E: Sí. (GRAN\_H23)  
 [E: Eu tenho uma memória ruim, mas lembro que estava vestido de almirante, acho que era de almirante e há quatro coisas muito específicas, né? Quase nada, o lugar onde ocorreu a celebração e tal né? / mas pouco mais é que tenho uma memória muito ruim.  
 E: Sim, **mas me diga, o que você fez?**  
 Eu: naquele dia?  
 E: sim]

Em (94), a pergunta do entrevistador *pero ¿qué haces allí en la hípica?* é lançada após o informante contar brevemente o que fez no verão, mencionando que esteve na hípica. O entrevistador, ao observar que o falante não falaria nada mais sobre a hípica, lança uma pergunta para estimulá-lo a narrar sua estadia no local. A contrariedade, como se observa, se estabelece no âmbito interacional, como se o entrevistador dissesse: “você parou de narrar, mas prossiga”.

Em (95), por sua vez, observamos a presença de elementos léxicos de função fática, em que o falante instiga seu ouvinte, por meio do elemento exortativo *cuéntame*, equivalente a *me fala, me conta* em português, a descrever o que ele fez naquele dia, já que ele dizia ter péssima memória e não conseguir prosseguir com a narração sobre o dia de sua primeira comunhão.

Em (94) e (95), como se pode observar, unidade prefaciada por *pero* ocorre, portanto, em um único turno e representa uma tentativa do falante de lançar um tema correlacionado ao

contexto anterior a fim de estimular o ouvinte a dar continuidade à narrativa que estava em desenvolvimento.

Por abrirem a possibilidade de uma reação por parte do ouvinte e por impulsionarem o discurso, esses casos caracterizam, na Gramática Discursivo-Funcional, Movimentos, camada mais alta do Nível Interpessoal, definidos como uma “contribuição autônoma para uma interação em andamento” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 50).

Essa camada se caracteriza pela possibilidade de ser ou de desencadear uma reação por parte do ouvinte, isto é, apresenta um efeito perlocutório, que é a propriedade de fazer o outro reagir. Como visto na seção 3, por ser a menor unidade livre do discurso, ele é capaz de integrar uma estrutura de turnos. Os turnos de (94) e de (95) prefaciados por *pero*, respectivamente, *Pero ¿qué haces allí en la hípica? e pero cuéntame ¿qué hiciste?* configuram Movimentos de abertura, pois inserem um novo assunto e permitem que o ouvinte apresente, em seguida, um Movimento de fechamento.

Esse estatuto pode ser comprovado pela inserção de modificadores específicos. De acordo com Keizer (2015), os modificadores na camada do Movimento fornecem informações adicionais sobre o papel do Movimento no discurso em andamento (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 58–9), como *en resumen*, equivalente a *em resumo* em português, conforme atestam (94a) e (95a) a seguir:

(94a) E: ¿Cómo has pasado este verano?

I: Este verano/ pues este verano ha sido relajado porque hasta mayo estuve en el Juan XXIII trabajando luego continué con las clases particulares que le doy a una niña/ de Secundaria y a otro muchacho más y entonces estuve hasta mediados de junio con las clases particulares y luego ya el verano lo he pasado en la hípica

E: **En resumen** ¿qué haces allí en la hípica?

I: Pues la hípica se supone que es para montar a caballo. (GRAN\_H13)

[E: E como passou esse verão?

I: Esse verão foi relaxado porque até maio estive no Juan XXIII trabalhando e depois continuei com aulas particulares que dou a uma menina do Ensino Médio e a outro menino/ e então estive até meados de junho com as aulas particulares e depois o verão passei ali na hípica.

E: **Em resumo** o que você faz na hípica?

I: Bom, na hípica se supõe que é para montar a cavalo.]

(95a) I: Tengo mala memoria pero sí que me acuerdo me acuerdo que iba vestido de de almirante creo que iba de almirante y son cuatro cosillas muy puntuales ¿no? casi nada el lugar el lugar donde tuvo vamos aconteció la celebración y tal ¿no? pero poco más yo es que tengo muy mala memoria.

E: Sí **en resumen** cuéntame ¿qué hiciste?

I: ¿Aquel día?

E: Sí. (GRAN\_H23)



[E: Eu tenho uma memória ruim, mas lembro que estava vestido de almirante. Acho que era almirante e há quatro coisas muito específicas, né? Quase nada onde aconteceu a celebração e tal né? mas pouco mais é que tenho uma memória muito ruim.

E: Sim, **em resumo**, me diga o que você fez?

Eu: naquele dia?

E: sim]

Os Movimentos podem ser constituídos por um único ou por mais Atos Discursivos. Em (94), o Movimento *¿qué haces allí en la hípica?* É constituído por um único Ato com Ilocução interrogativa. Já em (95), podemos observar um Movimento composto por dois Atos Discursivos, cada um com sua própria Ilocução, uma imperativa, *cuéntame*, e outra interrogativa, *¿qué hiciste?*, conforme representa o esquema geral a seguir e conforme mostram as representações em (94a) e (95a):

( $\pi$  M<sub>I</sub>: [(A<sub>I</sub>)...(A<sub>I</sub> + N)

(94a) (M<sub>I</sub>: [(A<sub>I</sub>: -qué haces allí en la hípica- (A<sub>I</sub>))])

(95a) (M<sub>I</sub>: [(A<sub>I</sub>: -cuéntame- (A<sub>I</sub>) (A<sub>J</sub>: -qué hiciste- (A<sub>J</sub>))] ( M<sub>I</sub>))

Como se observa nas representações, em (94a), o Movimento é formado por um único Ato, diferentemente de (95a), em que o Movimento é composto por dois Atos. Nos dois casos, no entanto, os Movimentos são inseridos para pedir detalhes sobre uma narrativa que vinha sendo contada pelo entrevistado, e *pero* é utilizado para prefaciar um novo assunto, o que o caracteriza como um *push marker*, que tem por função introduzir uma digressão que pode chegar a suspender um Movimento anterior a fim de inserir um novo tópico. Esse uso de *pero* volta-se para a interação, ou seja, o falante o utiliza a fim de guiar o ouvinte para que a interação prossiga.

Os dados mostram, em resumo, que a relação de oposição, como já sinalizavam Montolío (2001) e a Nueva Gramática de la Lengua Española (2009), não contrasta elementos em direções opostas, como, por exemplo, ‘bem’ *versus* ‘mal’, ou elementos em relações de polaridade (sim X não / não X sim), mas coloca em contraste elementos que o falante concebe como incompatíveis a fim de atingir seus objetivos comunicativos. Ao unir elementos oracionais por meio de *pero*, o falante se utiliza de estratégias interpessoais que se voltam para o ouvinte, o que caracteriza uma relação do Nível Interpessoal. Nesse nível, esses elementos podem se constituir em duas diferentes camadas, a do Ato Discursivo e a do Movimento, com predomínio para a primeira, conforme podemos ver na tabela (1) a seguir, que resume os resultados numéricos.

Tabela 1 - Camadas de atuação no Nível Interpessoal

<b>Camada</b>	<b>Frequência</b>	<b>Porcentagem</b>
Ato Discursivo	135	91,3
Movimento	12	8,17
Total	147	100%

Fonte: autoria própria

Conforme apresenta a Tabela (1), os resultados mostram que as estruturas oracionais com *pero* no espanhol falado podem ocorrer entre dois Atos Discursivos de estatuto desigual, o qual será marcado pelo juntor no domínio morfossintático ou podem configurar um Movimento composto por um ou mais Atos Discursivos. Na grande maioria das ocorrências analisadas, *pero* estabelece uma relação entre Atos. Os resultados mostram, que as relações com *pero* ocorrem exclusivamente no Nível Interpessoal, pois o falante concebe os conteúdos de cada Ato envolvido como incompatíveis ou volta-se para o monitoramento da interação, fazendo um lance na interação por meio de um *push marker*.

A relação de concessão com *pero*, portanto, caracteriza-se no Nível Interpessoal, mas os elementos envolvidos nessa relação se configuram como camadas específicas nos outros níveis da teoria, o Representacional e o Morfossintático. O Nível Representacional será abordado na seção a seguir.

## 5.2 Estruturas oracionais com *pero* no Nível Representacional

Como já apresentado na seção 3, os aspectos semânticos da unidade linguística são tratados no Nível Representacional. A camada mais alta deste nível é o Conteúdo Proposicional (p), seguido pelas camadas do Episódio (ep) e Estados-de-Coisas (e). O núcleo de um Estado-de-Coisas é uma Propriedade Configuracional (f), uma combinação de categorias que não apresentam relações de hierarquia: Propriedade Lexical (F), Indivíduo (x), e, em razão de sua adequação tipológica, a GDF reconhece ainda as categorias de Lugar, Tempo, Modo, Quantidade e Razão.

Os dados mostram que os elementos oracionais introduzidos por *pero* são contraditórios por si só, mas são apresentados em relação de oposição pelo falante com base em suas crenças e percepções, como vemos em (96) e (97) a seguir:

- (96) E: ya ya ya ya ya ya ¿y te gusta vivir en?  
 I: no, me cambié porque estaba camino del colegio y porque la casa era nueva porque a mi marido y a mi hija les gustaba **pero yo estaba más a gusto en Juan de Austria que vivía antes** (ALCA\_M23\_010)  
 [E: E você gosta de morar em...?  
 I: Não, eu me mudei porque estava perto do colégio e porque a casa era nova porque meu marido e minha filha gostavam, **mas eu estava mais à vontade em Juan de Áustria que vivia antes.**]

Em (96), a contraposição se estabelece entre *a mi marido y a mi hija le gustaba* e *yo estaba más a gusto en Juan de Austria*. No Nível Representacional, esses elementos configuram construtos mentais, pois podem ser avaliados em termos de sua verdade, em termos de sua atitude proposicional, observada no gosto do marido e da filha e na preferência da informante por algo, por sentir-se à vontade. Na perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional, esses elementos configuram dois Conteúdos Proposicionais, a camada mais alta do Nível Representacional.

A constituição dessa ocorrência na camada do Conteúdo Proposicional pôde ser comprovada por meio da aplicação de modificadores específicos. Os modificadores de Conteúdos Proposicionais, *evidentemente* e *probablemente*, relacionam-se à especificação de atitudes proposicionais, isto é, afirmações passíveis de comprovação ou não, conforme mostra a paráfrase (106a):

- (96a) E: ya ya ya ya ya ya ¿y te gusta vivir en?  
 I: no, me cambié porque estaba camino del colegio y porque la casa era nueva porque a mi marido y a mi hija le gustaba **pero evidentemente** yo estaba más a gusto en Juan de Austria que vivía antes. (ALCA\_M23\_010)

Em (97), apresentamos uma oração introduzida por *pero* que também configura um Conteúdo Proposicional no Nível Representacional:

- (97) I: al final haces un trabajo más o menos burocrático aunque yo siempre digo una cosa que como yo a mí no se me puede olvidar lo que tengo que saber para ejercer de lo que soy que es analista de aplicaciones yo todos los años tengo que hacer tres programas cuando llegue final de año yo tengo que haber hecho tres programas y los hago ¿eh?  
 E: **Pero ¿porque te lo piden o por que tú quieres?**  
 I: Porque yo quiero hacerlo porque a mí no se me puede olvidar lo que es la base de mi trabajo. (GRAN\_H23)  
 [I: no final você faz um trabalho mais ou menos burocrático ainda que eu sempre fale uma coisa que eu não posso esquecer é o que tenho que saber para exercer o que sou que é analista de aplicações, todos os anos eu tenho que fazer três programas quando chega o final do ano eu tenho que ter feito três programas e eu faço, hein?  
 E: **Mas porque pedem ou porque você quer?**  
 I: Porque eu quero fazer porque eu não posso me esquecer da base do meu trabalho.]

Em *Pero ¿porque te lo piden o por que tú quieres?*, observamos que pedir e querer fazer os programas dependem da vontade do falante, são construtos mentais que passam pelo crivo do falante, e que configuram relações entre Conteúdos Proposicionais.

Os dados mostram ainda que, no Nível Representacional, todas as ocorrências são Conteúdos Proposicionais e suas outras categorias semânticas podem estar contidas nas camadas interiores admitidas pela Gramática Discursivo-Funcional neste nível, como Episódio, Estado-de-coisas, Propriedade Lexical, Indivíduo, Lugar, Tempo, Maneira, Quantidade, Razão. Veja (98) a seguir:

- (98) E: uhum uhum ¿y de dónde es tu marido?  
 I: mi marido nació en Melilla **pero al cuando tenía una semana vino a Alcalá.**  
 (ALCA\_M23\_010)  
 [E: Uhum uhum e de onde é seu marido?  
 I: meu marido nasceu em Melilla, **mas quando tinha uma semana veio à Alcalá.**]

Na ocorrência (108), o contraste se estabelece entre *mi marido nació en Melilla* e *cuando tenía una semana vino a Alcalá*. Esses dois elementos, como se observa, podem ser localizados no espaço, *em Melilla*, e no tempo relativo, *cuando tenía una semana*, o que configura, na GDF, Estados-de-Coisas (e). Cada Estado-de-Coisas, por sua vez, faz parte de um único Episódio (ep), que, então, faz parte da constituição de um Conteúdo Proposicional (p), como mostra a representação a seguir:

(p<sub>I</sub>: [(past ep<sub>I</sub>: [(e<sub>I</sub>: [(fc<sub>I</sub>: [(f<sub>I</sub>: nacer (f<sub>I</sub>)) (x<sub>I</sub>: –mi marido– x<sub>I</sub>))U] (fc<sub>I</sub>)) (e<sub>I</sub>): [(l<sub>I</sub>)Loc (e<sub>I</sub>)]]) (ep<sub>I</sub>) (p<sub>I</sub>)) (p<sub>J</sub>: [(past ep<sub>J</sub>: [(e<sub>J</sub>: [(fc<sub>J</sub>: [(f<sub>J</sub>: venir (f<sub>J</sub>)) (x<sub>J</sub>)A (l<sub>J</sub>)L] (fc<sub>J</sub>)) (e<sub>J</sub>): [(p<sub>k</sub>: –cuando tenía una semana– (p<sub>k</sub>)) (e<sub>J</sub>)]]) (ep<sub>J</sub>)]]) (p<sub>J</sub>))

Na representação apresentada, o primeiro membro da coordenação, codificado por l<sub>I</sub> (Melilla), é um modificador de Locação do Estado de Coisas; enquanto no segundo membro, "Alcalá", é codificado por l<sub>J</sub>. Para melhor visualização de como as duas orações fazem parte da coordenação, utilizaremos a seguinte representação constituindo um Conteúdo Proposicional, como em (98a):

- (98a) (p<sub>I</sub>: –mi marido nació en Melilla– (p<sub>I</sub>)) (p<sub>J</sub>: – cuando tenía una semana vino a Alcalá– (p<sub>J</sub>))

A localização espacial também pode ser observada na ocorrência (99), e em que em *mas você nasceu aqui?* localiza-se no espaço por meio do elemento dêitico *aquí*, o que configura um Estado-de-Coisas, que integra um Episódio (ep), que integra, por sua vez, um Conteúdo Proposicional (p), como vemos em (99) e sua representação em (99a):

- (99) I: que yo yo vivía en Cuenca lo que pasa es que a los nueve años me vine aquí a Granada y pues lo típico lo que hace un niño yo lo que pasa es que estaba todo el día en la calle metido y poco más  
 E: **pero ¿tú naciste aquí?**  
 I: yo nací aquí. (GRAN\_H12\_021)  
 [I: que eu eu vivia em Cuenca o que acontece é que aos nove anos eu vim aqui para Granada e bom o típico que faz uma criança eu eu estava todo o dia metido na rua e pouco mais  
 E: **mas você nasceu aqui?**  
 I: sim eu nasci aqui]

(99a) (p<sub>I</sub>: [ ... (I<sub>I</sub>: -tú naciste aquí- (I<sub>I</sub>))<sub>{Φ}</sub> ... ]

As ocorrências (100) e (101), que serão representadas a seguir, exemplificam casos em que o Estado-de-Coisas recebe localização temporal.

- (100) ahora ya hay oficinas eeh por todos los sitios y bancos **pero hasta hace hasta hace unos años el centro era el cogollito donde estaba todo.** (ALCA\_H32\_033)  
 [Agora tem escritórios por todos os lugares e bancos **mas até uns anos atrás o centro era o ponto principal, onde estava tudo.**]
- (101) ¿cuánto me vais a cobrar? dice bueno pues el año pasado estábamos cobrando nueve **pero este año hemos bajado mil pesetas** o sea que te va a costar ocho. (ALCA\_H23\_007)  
 [Quanto você vai me cobrar? Disse bom o ano passado estábamos cobrando nove, **mas esse ano baixamos mil pesetas**, ou seja, vai te custar oito.]

Em (100) e em (101) o contraste se estabelece em torno das marcações temporais. Em (100) o falante descreve como é a distribuição dos escritórios atualmente e compara com a situação deles de alguns anos atrás, quando somente o centro continha escritórios e comércio. Os elementos utilizados para estabelecer o contraste são *ahora* (agora) e *hace unos años* (faz alguns anos), ou seja, são marcas de tempo relativo que caracterizam os dois Estados-de-Coisas respectivamente. Em (101), por seu turno, o falante conta que no ano passado cobrava um determinado valor e este ano cobra um valor menor, e, assim, os elementos que marcam o contraste são *hace unos años* (faz alguns anos) e *el año pasado* (o ano passado), ou seja, marcações temporais relativas que se referem aos Estados-de-Coisas envolvidos.

Essas marcações temporais são, portanto, relativas, e modificam o Estado-de-Coisas que faz parte da constituição de um Conteúdo Proposicional (p), como mostram as representações em (100a) e (101a) a seguir:

(100a) (p<sub>I</sub>: -ahora ya hay oficinas por todos los sitios- (p<sub>I</sub>)) (p<sub>J</sub>: -hasta hace hasta hace unos años el centro era el cogollito- (p<sub>J</sub>))

(101a) (p<sub>I</sub>: –el año pasado estábamos cobrando nueve– (p<sub>I</sub>)) (p<sub>J</sub>: - este año hemos bajado mil pesetas– (p<sub>J</sub>))

O contraste pode se estabelecer ainda entre elementos que apresentam marcação de lugar, como em (102) a seguir:

(102) I: pues yo nací en Granada **pero rápidamente nos mudamos a un a un pueblo cerquita**. (GRAN\_H12\_019)  
[pois eu nasci em Granada **mas rapidamente nos mudamos a uma vila perto**.]

Em (102), o falante diz que nasceu em Granada, mas que se mudou para um povoado perto, ou seja, as marcações de lugar *en Granada* e *un pueblo cerquita* restringem os Estados-de-Coisas envolvidos na relação de contraste. Cada Estado-de-Coisas se insere, então, em um Conteúdo Proposicional, como mostra a representação em a seguir:

(102a) (p<sub>I</sub>: – yo nací en Granada – (p<sub>I</sub>)) (p<sub>J</sub>: **-rápidamente nos mudamos a un a un pueblo cerquita** – (p<sub>J</sub>))

Podemos dizer, dessa forma, que a camada de atuação dos elementos envolvidos na relação contrastiva é o Conteúdo Proposicional.

Vemos, dessa forma, que constituição das relações concessivas com *pero* é diferente em cada nível. No Nível Interpessoal, a camada de constituição, como vimos, é o Ato Discursivo, e no Nível Representacional, é o Conteúdo Proposicional, como mostram as ocorrências (98) e (99), repetidas aqui por conveniência em (103) e (104), a fim de esboçar o alinhamento entre NI e NR, representadas em (103a) e (104a):

(103) E: uhum uhum ¿y de dónde es tu marido?  
I: mi marido nació en Melilla **pero al cuando tenía una semana vino a Alcalá** (ALCA\_M23\_010)  
[E: Uhum uhum e de onde é seu marido?  
I: meu marido nasceu em Melilla, **mas quando tinha uma semana veio à Alcalá**]

(103a) NI: (M<sub>I</sub>: [(A<sub>I</sub>: -mi marido nació en Melilla- (A<sub>I</sub>)<sub>Conc</sub> (A<sub>J</sub>: -al cuando tenía una semana vino a Alcalá- (A<sub>J</sub>))] (M<sub>J</sub>))

NR: (p<sub>I</sub>: – mi marido nació en Melilla – (p<sub>I</sub>)) (p<sub>J</sub>: – al cuando tenía una semana vino a Alcalá– (p<sub>J</sub>))

(104) I: que yo yo vivía en Cuenca lo que pasa es que a los nueve años me vine aquí a

Granada y pues lo típico lo que hace un niño yo lo que pasa es que estaba todo el día en la calle metido y poco más

E: **pero ¿tú naciste aquí?**

I: yo nací aquí. (GRAN\_H12\_021)

[I: que eu eu vivia em Cuenca o que acontece é que aos nove anos eu vim aqui para Granada e bom o típico que faz uma criança eu eu estava todo o dia metido na rua e pouco mais

E: **mas você nasceu aqui?**

I: sim eu nasci aqui.]

(104a) NI: (M<sub>I</sub>: [(A<sub>I</sub>: -tú naciste aquí- (A<sub>I</sub>)])  
NR: (p<sub>I</sub>: -tu nasciste aquí- (p<sub>I</sub>))

Em (103), no Nível Interpessoal, temos um Movimento composto por dois Atos Discursivos que se contrapõem, enquanto no Nível Representacional há dois Conteúdos Proposicionais formados, cada qual, por um Estado-de-Coisas.

Em (104), temos um Movimento de abertura no nível Interpessoal, que impulsiona uma conversação, composto, por sua vez, por um único Ato Discursivo com Ilocução interrogativa. No Nível Representacional, há um Conteúdo Proposicional com um modificador de lugar de um Estado-de-coisas (*aquí*). Vale ressaltar que o ponto de interrogação, é apenas um expediente gráfico para expressar a Ilocução interrogativa do Ato Discursivo, por esse motivo não é representado no NR.

No Nível Representacional, portanto, encontramos Conteúdos Proposicionais que podem apresentar outras categorias semânticas, tais como a de Estado-de-Coisas.

Tendo observado a atuação das estruturas oracionais com *pero* no Nível Representacional, apresentamos as características morfossintáticas dessas orações.

### 5.3 Estruturas oracionais com *pero* no Nível Morfossintático

O propósito do Nível Morfossintático é tomar o *input* dos Níveis Interpessoal e Representacional e criar uma representação estrutural que será convertida em um constructo fonológico no próximo nível (Nível Fonológico), que, finalmente será *input* para o Componente de Saída. A camada mais alta é a Expressão Linguística (Le), um conjunto de pelo menos uma unidade utilizada de modo independente. Como vimos na seção 3, as unidades oracionais que compõem a Expressão Linguística podem combinar-se de maneiras diferentes podendo configurar os processos da *equiordenação*, em que duas unidades são mutuamente dependentes, *cossubordinação*, em que uma das unidades não pode ocorrer sozinha, pois é dependente da

outra, ou seja, uma estrutura pode ser independente, mas a outra, não, e, por fim, a *coordenação*, em que as unidades envolvidas podem ocorrer independentemente.

Observamos que nas ocorrências (105) e (106) a seguir, os elementos relacionados por *pero* configuram Orações, conjunto sequenciado de Palavras que se estrutura em torno de um verbo. Nesse sentido, há dois elementos, que configuram Atos Discursivos de estatuto desigual no Nível Interpessoal e que são codificados por Orações no Nível Morfossintático. Essa diferença de estatuto se reflete no processo de codificação, em que a Palavra Gramatical (Gw) *pero* garante que o ouvinte interprete o segundo Ato como comunicativamente mais relevante.

(105) E: ¿eres de Alcalá?

I: no, nací en Valencia **pero**

E: uhum

I: **toda la familia de mi madre es de Alcalá.** (ALCA\_M23\_010)

[E: Você é de Alcalá?

I: não, nasci em Valência **mas**

E: uhum

I: **toda a família da minha mãe é de Alcalá]**

(106) E: Descríbeme cómo era la casa de la calle Elvira

I: Pues la verdad es que si la tengo que describir ahora cuando la vi después es curioso porque de mayor me parecía horroroso una casa vieja **pero cuando yo estaba viviendo allí me parecía una casa pues muy cómoda.** (GRAN\_M23)

[E: Descreva como era a casa da rua Elvira

I: Bom, na verdade é que se tenho que descrever agora quando vi depois de muito tempo é curioso porque quando adulto eu achei horrível uma casa velha **mas quando eu estava morando lá eu achava uma casa muito confortável.]**

A ocorrência (105) apresenta relação de independência entre *nací en Valencia* e *toda la familia de mi madre es de Alcalá*, pois um elemento pode ser usado independentemente do outro, o que caracteriza o processo da *coordenação*.

Essa relação de independência também pode ser observada em (106), pois os elementos *de mayor me parecía horroroso una casa vieja* e *cuando yo estaba viviendo allí me parecía una casa pues muy cómoda* podem ser utilizados separadamente, não exercendo nenhuma função sintática em relação ao outro.

Como se observa, as duas Orações, (Cl<sub>1</sub>) e (Cl<sub>2</sub>), que compõem a Expressão Linguística (Le) podem ser usadas independentemente, ou seja, sem relação e constituição entre elas. O processo da coordenação observado em (105a) e (106a) pode, assim, ser representado como segue:

(105a) (Le: [(Cl<sub>1</sub>: - nací en Valencia (Cl<sub>1</sub>)) (Gw pero (Gw)) (Cl<sub>2</sub>: - toda la familia de mi madre es de Alcalá (Cl<sub>2</sub>))] (Le))



(106a) (Le<sub>r</sub>: [(Cl<sub>r</sub>: -de mayor me parecía horroroso una casa vieja (Cl<sub>r</sub>))(Gw pero) (Cl<sub>r</sub>: -cuando yo estaba viviendo allí me parecía una casa pues muy cómoda (Cl<sub>r</sub>))] (Le<sub>r</sub>))

No Nível Morfossintático, observamos que as Orações constituem o processo da coordenação, quando os dois elementos são independentes. O Nível Morfossintático trata também dos aspectos formais das Orações, tais como tempos e modos verbais.

### 5.3.1 Tempos e modos verbais das orações com *pero*

Observamos que as Orações que se inserem após o juntor *pero* indicam constatações do falante acerca do mundo exterior, pois o mesmo parece julgar importante enfatizar ou retomar determinado argumento. Tais Orações, em espanhol, são marcadas sempre pelo modo indicativo. O uso do indicativo, segundo a RAE (2009), é comum quando o Falante pretende transmitir uma informação não-pressuposta, ou seja, informação nova para o Ouvinte. Além do tipo de informação, dada ou nova, o indicativo é atrelado por Crevels (2000) ao tipo de camada de constituição da relação, pois, para a autora, nas concessivas com *aunque*, o indicativo está atrelado às camadas mais altas, fazendo referência ao modelo da Gramática funcional de Dik (1997), pois denota maior independência sintática entre as orações envolvidas.

Os dados mostram que as orações com *pero* ocorrem sempre com verbos no indicativo, o que pode ser justificado pelo tipo de informação introduzida por *pero* e pela independência sintática entre os elementos, como mostram (107) e (108).

(107) E: Bueno vamos a pasar ahora a hablar de comidas típicas de los pueblos.

I: Vale.

E: ¿Conoces alguna?

I: El plato alpujarreño

E: A ver cuéntame.

I: Es muy graso y es muy pesado **pero está muy bueno.** (GRAN\_M13)

[E: Bom agora vamos passar a falar sobre comidas típicas das cidades

I: Tá bom.

E: você conhece alguma?

I: O prato *alpujarreño*

E: Vamos ver, me conta

I: É muito gorduroso e é muito pesado **mas é muito gostoso.**]

(108) E: Bueno pues vamos a comenzar a ver cuéntame primero cómo transcurrió tu infancia cómo cuántos erais de familia cómo vivíais en fin.

I: Yo soy el cuarto de cinco hermanos yo viví nací en Granada viví en el Albaicín

hasta que tenía trece años de modo que más que granaíno soy albaicinero y bueno del Albaicín no sé si sigue un pueblo **pero era un pueblo.** (GRAN\_H23)

[E: Bom então vamos começar me conte primeiro como passou sua infância, quantos eram na família, como viviam, enfim.

I: Eu sou o quarto de cinco irmãos, eu morei nasci em Granada morei em Albaicín até os treze anos de modo que sou mais *albaicinero* do que granadense e bom não sei se Albaicín continua sendo uma cidadezinha **mas era uma cidadezinha.**]

Em (107), as duas Orações, *es muy pesado* e *está muy bueno*, apresentam predicados nominais com verbos cópulas no *presente* do indicativo, *es* e *está*. Trata-se do informante mencionando um prato típico da cidade de Granada, que se chama *alpujareño*. Para explicar, contrasta duas informações dizendo que o prato é *muy graso y muy pesado* mas também é *muy bueno*. Ou seja, embora o prato seja gorduroso e pesado (por conter linguiça, presunto, batata, entre outros ingredientes), emite sua opinião, uma informação nova para o ouvinte, de que, para ele, o prato é muito gostoso.

Em (108) as duas Orações independentes são *no sé si sigue un pueblo* e *era un pueblo*. Os dois predicados são *saber* (sé) e *ser* (era), sendo que o primeiro ocorre no *presente* e o segundo, no *pretérito imperfeito*, ambos no modo indicativo. O informante diz que nasceu e viveu em Granada, mas que morou em Albaicín até os 13 anos, o que o leva se considerar mais de Albaicín do que de Granada. No entanto, ressalta que não sabe se Albaicín continua sendo uma cidadezinha, pois costumava ser. A dúvida do informante é relevante, pois, hoje, Albaicín é considerado apenas um bairro da cidade de Granada.

O indicativo é, portanto, uma característica das concessivas com *pero* no espanhol, o que, de acordo com Crevels (1998) se justifica pela atuação dessa relação nos domínios mais altos.

Quanto ao tempo verbal dessas concessivas, é bastante comum a presença de verbos no *presente* e no *pretérito*.

Nas relações binárias, os tempos verbais mais recorrentes encontrados são *presente*, *pretérito indefinido*, *pretérito perfeito* e *pretérito imperfeito* como exemplificam as ocorrências de (109) a (115).

(109) y es un barrio que antes *era* bastante tranquilo **pero de aquí a unos tres años hace unos tres años ha cambiado bastante.** (ALCA\_M13\_005)

[E é um bairro que antes era bastante tranquilo, **mas há uns três anos mudou bastante.**]

(110) E: ¿y qué es pequeño, grande, cómo es Meco?

I: *ha crecido* mucho **pero es un pueblecillo normal** tampoco es grande grande un pueblo. (ALCA\_M13\_005)

[E: E é pequeno, grande, como é Meco?

I: Cresceu muito, **mas é uma vila normal** não é grande grande uma vila.]

(111) I: *tenía* en mente ser profesora **pero no sabía exactamente de qué.** (ALCA\_M13\_005)

[Tinha em mente ser professora, **mas não sabia exatamente do que.**]

- (112) I: a mi amiga que llevaba un abrigo de ante se lo *robaron* le *pusieron* aquí una navaja **pero no *pasó nada***, nada así fuerte. (ALCA\_M13\_005)  
[Minha amiga que usava um casaco de camurça foi roubada, colocaram nela uma faca aqui, **mas não aconteceu nada**, nada muito forte.]
- (113) E: uhum uhum ¿y de dónde es tu marido?  
I: mi marido *nació* en Melilla **pero al cuando *tenía una semana vino a Alcalá.*** (ALCA\_M23\_010)  
[E: uhum uhum e de onde é seu marido?  
I: meu marido nasceu em Melilla, **mas quando tinha uma semana veio para Alcalá.**]
- (114) E: ¿ciencias empresariales?  
I: sí y y nunca había trabajado en una asesoría me había dedicado todo a todo menos a  
E: uhum  
I: a lo a lo mío ¿sabes? porque la verdad es que no me ha gustado mucho nunca me he sentido muy atraído por ello lo *he hecho* porque sí **pero no *me siento muy motivado con ello ¿sabes?*** (ALCA\_H13\_001)  
[E: ciências empresariais?  
I: sim, e nunca trabalhei em uma assessoria que dediquei tudo a tudo, menos  
E: uhum  
I: ao que eu gosto sabe? porque a verdade é que eu não gostei muito, nunca me senti muito atraído por isso, fiz por fazer, **mas não me sinto muito motivado**, sabe?]
- (115) I: y ahora que no *tengo* exámenes **pero ya *he empezado a estudiar para septiembre*** por la cuenta que me trae (ALCA\_M12\_023)  
I: e agora eu não tenho exames, **mas já comecei a estudar para setembro**, pois não tem jeito

Em (109), observamos uma relação binária em que o tempo verbal do primeiro elemento, *era*, é o *pretérito imperfeito* e o segundo, *ha cambiado*, é o *pretérito perfeito*, tempo que, em espanhol, assinala uma mudança recorrente e recente.

Em (110), a correlação observada é *pretérito perfeito* (ha crecido), na primeira Oração e *presente* do indicativo, *es*, na segunda, que se justifica porque, embora seja uma vila pequena, cresceu e continua crescendo.

Em (111), o falante usa o *pretérito imperfeito* (tenía/sabía) nas duas Orações em *tenía en mente ser profesora* e *no sabía exactamente de qué* para caracterizar predicados mentais no passado.

Em (112), por sua vez, o Falante utiliza o *pretérito indefinido* (pusieron/pasó), para falar de uma ação no passado que já foi concluída, quando uma colega foi assaltada em *le pusieron aquí una navaja* e *no pasó nada*.

Em (113), o Falante diz que seu marido nasceu em Melilla, mas quando tinha uma semana veio para Alcalá. Ao utilizar o *pretérito indefinido* (nació), no primeiro elemento e,

*vino*, no segundo elemento, mostra que sua intenção é dizer que o marido nasceu em Melilla (explicando uma ação passada independente de qualquer outra ação), mas foi para Alcalá ainda bebê, por isso se considera de Alcalá de Henares, já que a pergunta era referente à origem do marido. O uso desses tempos verbais mostra que a Falante quer convencer o entrevistador de que seu marido pode ser considerado de Alcalá de Henares, mesmo que tenha nascido em Melilla.

Em (114), o falante relaciona o passado com o presente, com a intenção de manifestar arrependimento, pois explica que cursa Ciências Empresariais, mas que faz sem motivação, pois não gosta desta área. Na primeira Oração, o verbo *he hecho*, ocorre no *pretérito perfecto*, e, na segunda oração, (me) *siento* é o presente do verbo *sentirse*, pronominal em espanhol.

Em oposição à ocorrência anterior, em (115) temos na primeira Oração o uso do *presente* em *no tengo* e o uso do *pretérito perfecto* na segunda Oração, *he empezado*. A intenção do Falante ao usar esses tempos verbais é expressar seu comprometimento com a escola, pois ela não está em período de provas, mas já começou a estudar para os exames. Além disso, a adversativa introduzida por *pero* pode ser vista como uma estratégia de preservação da face, pois o falante assume que não tem provas no momento, mas antecipa ao seu interlocutor que ele está estudando.

Observamos ainda casos em que ambos os elementos estão no *presente*, como ocorre em (116), em que o Falante fala sobre a carreira de seus filhos: uma filha é médica; outras duas são professoras; um estudou Economia, mas deixou o curso; o filho mais velho estuda Economia também, mas falta um ano para terminar.

- (116) I: tengo una que es médico un nefrólogo una chica y dos maestras hh el pequeño empezó económicas y lo dejé también tercero y está conmigo y [el mayor *tiene* la carrera de económicas] **pero también la tiene sin terminar le falta un año.** (ALCA\_H32\_033)  
[I: eu tenho uma que é médica uma nefrologista uma menina e duas professoras hh o menor começou a fazer Economia e deixou também no terceiro e está comigo e o mais velho fez faculdade de Economia **mas também está sem terminar falta um ano.**]

O quadro que segue resume a correlação temporal encontrada em relações binárias.

Quadro 3 - correlação temporal em relações binárias em que *pero* encabeça o segundo membro

Primeira oração	Segunda oração
Pretérito Imperfeito	Pretérito Perfeito

Pretérito Perfeito	Presente
Pretérito Imperfeito	Pretérito Imperfeito
Pretérito Indefinido	Pretérito Indefinido
Pretérito Indefinido	Pretérito Imperfeito
Pretérito Perfeito	Presente
Presente	Pretérito Perfeito
Presente	Presente

Fonte: autoria própria

Foi analisado que as orações com *pero* no espanhol ocorrem somente no Modo Indicativo, não aparecendo no Modo Subjuntivo, como acontece com as orações concessivas, que podem acompanhar verbos tanto no Indicativo como no Subjuntivo. O quadro mostra que os verbos predominam nos tempos passados, tais como o *pretérito perfecto*, o *pretérito indefinido* e o *pretérito imperfecto*, o que pode se explicar pela situação de entrevista, pois as perguntas iniciais dos inquiridos se referem, normalmente, a questionamentos sobre a vida pessoal do informante, tais como *Você sempre morou aqui?*, *Onde você nasceu?*.

Quando *pero* introduz elementos oracionais que impulsionam o discurso, por sua vez, geralmente em um único turno, os tempos verbais mais recorrentes são o *presente do indicativo* e o *pretérito indefinido*, conforme representam as ocorrências (117) e (118) a seguir:

- (117) I: y al revés también una cosa mediocre como te la vendan bien pues te entra te convencen y o sea el comercial es un trabajo la empresa nuestra se dedica a productos de salud y belleza y y si creen en el comercial si el comercial tiene credibilidad el producto te lo compran  
E: **pero ¿tú qué artimañas empleas?**  
I: Bueno  
E: ponme un ejemplo  
I: ¡hombre! yo básicamente no puedes plantear que lo tuyo es lo mejor porque productos buenos hay de otras de otras firmas también tú primero/ lo primero expones tus productos y explicas objetivamente por qué son buenos. (GRAN\_H22\_027)  
[I: e ao contrário também se te vendem bem uma coisa medíocre então você entra e te convencem ou seja o comercial é um trabalho nossa empresa se dedica a produtos de saúde e beleza e se acreditam no comercial se o comercial tem credibilidade vão te comprar o produto  
E: **mas quais estratégias você utiliza?**  
I: Bom

E: me dê um exemplo

I: Cara, eu basicamente você não pode pensar que seu produto é melhor porque tem outros produtos bons de outras empresas primeiramente você expõe seus produtos e explica obviamente porque são bons]

(118) I: pues estaba yo sentado esperando que que Don Miguel saliera y seguimos todos nos ponemos todos en nuestras sillitas y antes de de dar la palabra de la palabra de Dios el Evangelio me caigo para atrás me desmayo me desmayo y mira mira esto son de los nervios de de de yo como soy tan nervioso pues de los nervios me desmayé y liamos allí una en la iglesia que que fue

E: **¿pero perdiste el conocimiento?**

I: claro un desmayo. (GRAN\_H12\_020)

[I: pois eu estava sentado esperando que o senhor Miguel saísse e seguimos todos nos sentamos em nossas cadeirinhas e antes de dar a palavra a palavra de Deus o Evangelho eu caio para trás eu desmaio eu desmaio e olha isso são dos nervos de como sou nervoso então desmaiei de nervoso e fomos lá isso foi na igreja

E: **Mas você perdeu a consciência?**

I: Claro um desmaio.]

Após apresentar as características modo-temporais das orações com *pero*, descrevemos, a seguir, a posição dos constituintes de acordo com a Gramática Discursivo-Funcional.

### 5.3.2 Posição da oração introduzida por *pero*

Como mencionado, as orações introduzidas por *pero* analisadas neste trabalho configuram o processo de coordenação na camada da Expressão Linguística, em que as duas Orações podem ser utilizadas independentemente. Quando os membros aparecem de forma coordenada, formam uma única Expressão Linguística. Neste caso, as duas Orações se abrigam na posição  $P^{centro}$ , que se expande para abrigar dois Atos Discursivos, conforme a ocorrência (119) e o quadro 4 abaixo:

(119) la pesca de mar me gusta **pero no es lo mismo que la de río**. (GRAN\_H32\_032)

[eu gosto da pesca de mar, mas não é o mesmo que a pesca do rio]

O<sub>1</sub>

O<sub>2</sub>

Quadro 4 - Posição das orações coordenadas adversativas

<b>P<sup>pre</sup></b>	<b>P<sup>centro</sup></b> O <sub>1</sub> e O <sub>2</sub>	<b>P<sup>pos</sup></b>
------------------------	--	------------------------

Fonte: autoria própria

Em (119), a oração *pero no es lo mismo que la de río* antecipa uma objeção que o Falante prevê ser possivelmente manifestada pelo interlocutor. Antes que seu interlocutor pense ou pergunte se ele também pesca no rio, ele se antecipa estrategicamente ao destinatário. O Ato Nuclear de Concessão se manifesta, na Expressão Linguística, em posição  $P^{\text{centro}}$ , conforme o padrão estrutural representado pelo enunciado (120).

$P^{\text{centro}}$	$P^{\text{centro}}$
(120) la pesca de mar me gusta eu gosto da pesca de mar	<i>pero no es lo mismo que la de río</i> <i>mas não é o mesmo que a pesca do rio</i>

Neste caso, o Falante admite que embora goste de pescar no mar, prefere pescar no rio. Ele, então, acrescenta uma informação para evitar que o ouvinte pense que ele gosta, de fato, de pescar no mar. Na verdade, ele gosta mesmo é de pescar no rio.

A posição central também é ocupada pelas orações introduzidas por *pero* que configuram um Movimento na GDF, como mostra a seguir em (121):

$P^{\text{centro}}$
(121) Pero ¿qué haces allí en la hípica? (GRAN_H13)
<u>[mas o que você faz na hípica?]</u>

O<sub>1</sub>

#### 5.4 O alinhamento entre os níveis

Conforme descrevemos na seção 3, Hengeveld e Mackenzie (2009) utilizam o termo *alinhamento* para estabelecer o mapeamento de unidades pragmáticas e semânticas em unidades morfossintáticas. No que concerne ao alinhamento entre os níveis nas orações introduzidas por *pero*, nossas análises mostram que ocorre alinhamento entre as camadas do Nível Interpessoal, do Nível Representacional e do Nível Morfossintático. A camada de atuação das orações com *pero* é basicamente o Ato Discursivo, mesmo nos casos de Movimento, esses são compostos por um ou mais Atos. No Nível Representacional, por sua vez, a camada de constituição dos elementos por excelência é o Conteúdo Proposicional, já que os elementos não são contrastantes por si só, mas dependem das experiências e percepções do falante para que sejam colocados em contraste. Por fim, no Nível Nível Morfossintático, esses elementos se constituem na camada

da Oração, um conjunto sequenciado de Sintagmas e, possivelmente, uma Palavra gramatical, conforme apresenta a Tabela (2):

Tabela 2 - Alinhamento entre os níveis

Nível	Camada
Interpessoal	Ato Discursivo
Representacional	Conteúdo Proposicional
Morfossintático	Oração

Fonte: autoria própria

A análise mostra que as orações com *pero* no espanhol configuram uma relação entre dois Atos Discursivos, no Nível Interpessoal. A análise revela também casos em que a relação não se estabelece entre dois Atos, quando a oração com *pero* representa um lance do falante no discurso a fim de incentivar o ouvinte para que a interação prossiga. Nessas ocorrências, a oração introduzida por *pero* tem um efeito perlocutório, pois provoca uma reação, uma resposta do ouvinte, o que configura, na GDF, um Movimento. Esse Movimento pode ser composto por um ou mais Atos Discursivos e, assim, há, por exemplo, um Movimento composto por um único Ato, o que nos permite dizer que o Ato Discursivo é a camada de atuação das relações com *pero* por excelência.

No Nível Representacional, por sua vez, cada Ato Discursivo corresponde a um Conteúdo Proposicional, que pode conter, por sua vez, Episódios e Estado-de-Coisas.

Por fim, no Nível Morfossintático, cada Ato corresponde a uma Oração, havendo, portanto, uma relação entre Orações na camada da Expressão Linguística. Essas Orações apresentam relação de independência, o que assinala o processo morfossintático da *coordenação*. Observemos a ocorrência (122):

(122) E: Bueno yendo ya a un a un asunto así de carácter universitario ¿cuál es tu opinión sobre la masificación universitaria?

I: Pues creo que ya todo el mundo tiene una carrera mínimo puede todo el mundo puede ir a estudiar a la universidad porque las cosas están más más fáciles se dan más ayudas hay más becas **pero creo que el nivel está bajando mucho** (GRAN\_H13)

[E: Bom indo já a um assunto assim de caráter universitário, qual é sua opinião sobre a massificação universitária?

I: Bom eu acredito que todo mundo já tem uma carreira no mínimo todo mundo pode ir estudar na universidade porque as coisas estão mais fáceis, dão mais ajudas, tem mais bolsas de estudo, **mas acredito que o nível está baixando muito.**]

Em (122) o falante contrasta *todo el mundo puede ir a estudiar a la universidad* e *creo que el nivel está bajando mucho* para dar sua opinião sobre o cenário das universidades na Espanha. Para o Falante, embora as pessoas tenham mais facilidade para estudar atualmente,



por meio de auxílios, como bolsas de estudos, o nível do ensino está diminuindo. Ao dar sua opinião pessoal, o Falante organiza seu discurso para expressar seus propósitos comunicativos, que está relacionado ao Nível Interpessoal da GDF. Esses dois elementos constituem Atos Discursivos, os quais apresentam estatuto diferentes. O Falante expõe a informação secundária ou menos relevante no primeiro Ato, o Subsidiário, pois ele sabe que hoje os jovens possuem mais oportunidades de estudo. A informação principal, no entanto, é apresentada no segundo elemento, no Ato Nuclear. Entre esses dois Atos há a função retórica Concessão (Conc), já que o falante *concede* uma informação no Ato Subsidiário para depois reafirmar ou reconsiderar algo, no segundo Ato, como se observa na representação em (122a):

(122a) M<sub>1</sub>: [(A<sub>I</sub>:- hay más becas -(A<sub>I</sub>))<sub>Conc</sub> (A<sub>J</sub>: -creo que el nivel está bajando mucho- (A<sub>J</sub>))] (M<sub>1</sub>)

Cada Ato Discursivo corresponde, no Nível Representacional, a um Conteúdo Proposicional, pois o falante expõe sua opinião sobre a queda no nível de aprendizagem dos alunos. Crenças são construtos mentais, o que correspondente, na GDF, à camada do Conteúdo Proposicional. Observe a representação em (121b):

(122b) (p<sub>i</sub>: -hay más becas- (p<sub>i</sub>)) (p<sub>j</sub>: -creo que el nivel está bajando mucho- (p<sub>j</sub>))

Diferentemente do Nível Interpessoal, que leva em consideração as intenções comunicativas do falante, o Nível Morfosintático é o domínio que cuida dos aspectos estruturais de uma unidade linguística. Reconhecemos que a estrutura estudada se encontra na camada da Oração, que se constitui de uma combinação de Sintagmas, Palavras e/ou outras Orações. Nesse nível, entre Orações, a GDF reconhece os processos de *equiordenação*, *coordenação* e *cossubordinação*. De acordo com nossa análise, as Orações introduzidas por *pero* podem ser utilizadas independentes umas das outras, o que conforma o processo da *coordenação*, conforme representa (122c):

(122c) (L<sub>E</sub>: [(C<sub>I</sub>:hay más becas (C<sub>I</sub>)) (G<sub>W</sub>: pero (G<sub>W</sub>)) (C<sub>J</sub>:creo que el nivel está bajando mucho (C<sub>J</sub>))] <sup>L<sub>E</sub></sup>)

Há, ainda, casos em que a camada do Nível Interpessoal é do Ato Discursivo, mas no Nível Representacional pertence a camada do Conteúdo Proposicional com categoria semântica do Estado-de-Coisas, conforme vemos em (123):

(123) E: ¿eres nacido en Alcalá?  
I: no, nacido en Madrid vamos **pero llevo viviendo veintíun años aquí ya**

E: uhum uhum  
 I: aquí en Alcalá (ALCA\_H12\_019)  
 [E: Você nasceu em Alcalá?  
 I: Não, nasci em Madrid, **mas já moro aqui há vinte e um anos**  
 E: uhu uhum  
 I: aqui em Alcalá]

No Nível Interpessoal, notamos uma relação de contraste que ocorre entre dois Atos Discursivos, sendo o primeiro Ato Subsidiário em *nacido en Madrid* e o segundo, Ato Nuclear, em *llevo viviendo veintiún años aquí*, contendo a informação mais relevante por parte do Falante, como representado a seguir em (123a):

(123a) M<sub>I</sub>: [(A<sub>I</sub>: - nacido en Madrid - (A<sub>I</sub>))<sub>Conc</sub> (A<sub>J</sub>: - llevo viviendo veintiún años aquí - (A<sub>J</sub>))]  
 (M<sub>I</sub>)

No Nível Representacional, analisamos casos como este, que ocorrem na camada do Conteúdo Proposicional, mas que podem ser qualificados com relação às propriedades de sua ocorrência. Nesta ocorrência, temos uma modificação que se refere a um lugar de ocorrência, pois o falante explica que nasceu em Madrid, mas vive em Alcalá de Henares há vinte e um anos.

Conforme Keizer (2015), no Nível Morfossintático, a relação entre duas Orações que independem umas das outras, numa relação argumental, é de *coordenação*. Nossas análises mostram que os casos das orações adversativas introduzidas por *pero* apresentam uma relação que se estabelece na camada da Oração, constituindo um processo de coordenação, conforme (123b):

(123b) (L<sub>E</sub>): [(Cl<sub>I</sub>:nacido en Madrid (Cl<sub>I</sub>)) (Gw pero (Gw)) (Cl<sub>J</sub>:llevo veintiún años aquí (Cl<sub>J</sub>))]  
 (L<sub>E</sub>)

Observamos, em resumo, o seguinte alinhamento: Ato (NI) – Conteúdo Proposicional (NR) e Oração (NM).

Após apresentar as camadas de constituição das concessivas com *pero*, voltamo-nos para as distinções entre essas e as concessivas com *aunque*.

### 5.5 Orações com *pero* e com *aunque*: o parentesco lógico sob perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional

Vimos na seção 2 que as construções adversativas e concessivas fazem referência a domínios nocionais muito próximos, fenômeno denominado *parentesco lógico* por Flamenco García (1999, p.3809). Vários autores (Garcés, 1994; RAE, 2009) tratam dessa aproximação semântica, admitindo que a substituição de *pero* por *aunque* é possível.

A partir de uma análise discursivo-funcional, entendemos que as orações com *pero* e com *aunque* são duas estratégias de que dispõe o falante na comunicação, pois os dois jutores unem Atos Discursivos. A diferença entre eles reside no estatuto dos Atos envolvidos. Observe a ocorrência (124) e sua paráfrase em (125):

(124) I: saqué buena nota **pero me dijo [el profesor] que me podía haber extendido un poco más.** (ALCA\_M21\_047)

[I: tirei nota boa, **mas me disse que eu poderia ter me dedicado um pouco mais.**]

(125) I: Me dijo que me podía haber extendido un poco más, **aunque haya sacado / saqué buenas notas.**

[Me disse que eu poderia ter me dedicado um pouco mais, embora eu tenha tirado boa nota]

Em (124) o Falante contrapõe *saqué buena nota* e *me dijo que me podía haber extendido un poco más*, pois considera comunicativamente importante ressaltar que embora tenha tirado uma nota boa no trabalho, seu professor disse que ele poderia ter se dedicado um pouco mais. A intenção do falante é, portanto, dar maior peso comunicativo à fala do professor. Observa-se uma relação entre dois Atos Discursivos com estatuto desigual, sendo o primeiro, Subsidiário, e o segundo, Nuclear, o que apresenta maior peso argumentativo, já que o Falante pretende destacar a rigidez do professor. Nesse caso, é o primeiro Ato, o Subsidiário, que veicula a função retórica Concessão, ou seja, o falante concede uma informação no primeiro Ato para, em seguida, no segundo Ato, apresentar uma informação comunicativamente mais relevante, já que sua intenção é ressaltar a rigidez do professor.

Em (125), embora também haja uma relação entre dois Atos Discursivos, *me dijo que me podía haber extendido un poco más* e *haya sacado / saqué buenas notas*, o primeiro Ato é o Nuclear, e o segundo, Subsidiário. Isso significa que o falante apresenta uma informação comunicativamente relevante no primeiro Ato, Nuclear, para, em seguida, no segundo Ato, no Subsidiário, apresentar uma informação menos relevante, um *afterthought* (cf. Keizer, 2015, p. 56), ou seja, um “pensamento posterior”. Nesse caso, diferentemente de (124), o Ato

Subsidiário, que veicula a função retórica Concessão, é o segundo. De acordo com Keizer (2015, p. 55), o falante “usa o Ato Subsidiário para admitir que está consciente do fato de que o conteúdo apresentado no Ato precedente (o Nuclear) poderia ter sido não esperado”.

A diferença entre o estatuto dos Atos Discursivos envolvidos nos dois casos acima pode ser observada nas representações que seguem em (124a) e (125a):

(124a) (M<sub>1</sub>: [(A<sub>I</sub>: -saqué buena nota - (A<sub>I</sub>)<sub>Conc</sub> (A<sub>J</sub>: -me dijo que me podía haber extendido un poco más- (A<sub>J</sub>))] (M<sub>1</sub>))

(125a) (M<sub>1</sub>: [(A<sub>I</sub>: -me dijo que me podía haber extendido un poco más- (A<sub>I</sub>) (A<sub>J</sub>: -haya sacado buenas notas- (A<sub>J</sub>)<sub>Conc</sub> ] (M<sub>1</sub>))

Note que, na primeira representação, a função retórica é veiculada pelo primeiro Ato, enquanto na segunda, essa função é veiculada pelo segundo. Essa distinção é importante porque, no primeiro caso, como já mencionado, o Ato Nuclear, comunicativamente mais relevante, é o segundo, enquanto no segundo, o Ato Nuclear é o primeiro. Essa diferença entre o estatuto dos Atos envolvidos na relação de concessão no Nível Representacional é codificada por jutores diferentes no Nível Morfossintático.

No primeiro caso, em (124), como o Ato Nuclear é o segundo, a codificação se dá com *pero*, jutor que tem forte peso argumentativo. Já no segundo caso, como o Ato Nuclear é o primeiro, a codificação se dá com *aunque*, jutor que não apresenta peso argumentativo tão forte como *pero*, já que *aunque* introduz um conteúdo menos relevante para a comunicação (GARCIA, 2020, no prelo).

Além da escolha do jutor, outro aspecto diferente da codificação se relaciona às propriedades modo-temporais das construções. Na concessão com *pero*, os verbos ocorrem somente no indicativo. No entanto, nas concessivas com *aunque*, os verbos podem ocorrer no subjuntivo (*haya sacado*) ou no indicativo (*saqué*), como abordam trabalhos anteriores (cf. Gili Gaya (2000); Parra, 2016; Olbertz *et al.*, 2016; Garcia e Felipe, 2016). É importante dizer ainda que a paráfrase entre *pero* por *aunque* somente é possível quando o predicado do segundo Ato Discursivo ocorre no indicativo, conforme exemplifica a ocorrência (126), extraída de Felipe (2018):

(126) I: o sea no me lo puedo imaginar ni me lo quiero imaginar// pero: espero: mis padres pues vale/ pero de mis hermanos si: se tiene que morir alguien prefiero ser yo el primero///  
E: o sea ...

I: y que ellos lo pasen mal/ esa es una: actitud muy cómoda ¿no?// pero: creo que no lo soportaría// **aunque tenga amigos que se les han matado hermanos** y viven y no pasa nada ¿no?// pero:/ no me gustaría/// [15, H-AH, 3] (adaptado de FELIPE, 2018, p. 92)

[I: ou seja, não consigo imaginar, nem quero, mas espero dos meus pais [que eles morram primeiro] ... mas dos meus irmãos, se alguém tem que morrer, prefiro que eu seja o primeiro  
E: ou seja ...

I: e que eles fiquem mal ... essa é uma atitude muito cômoda, não? Mas acredito que não suportaria, embora tenha amigos cujos irmãos morreram, e eles vivem, e não acontece nada, né? Mas eu não gostaria]

(126a) Creo que no lo soportaría// **pero tengo amigos que se les han matado hermanos** y viven y no pasa nada ¿no?

[acredito que não suportaria, mas tenho amigos cujos irmãos morreram, e eles vivem, e não acontece nada, né?] (FELIPE, 2018, p. 93)

Nota-se que as orações com *aunque* configuram o processo da *cosubordinação* (ver os trabalhos de Felipe (2018) e Garcia e Felipe (2019)), isto é, processo em que uma oração é parte integrante da oração independente. Assim, a oração *creo que no lo soportaría* pode ocorrer de forma independente e a oração *tenga amigos que se les han matado Hermanos* não pode, pois depende da primeira.

Por sua vez, as orações com *pero* apresentam relação de *coordenação*, isto é, a primeira oração *creo que no lo soportaría* e a segunda oração *tengo amigos que se les han matado Hermanos* não são dependentes umas das outras, pois cada parte integrante da construção pode ser usada por si só.

Concluimos, portanto, que a concessão com *pero* e com *aunque* apresentam pesos argumentativos distintos. No primeiro caso, o Ato Discursivo que apresenta o conteúdo mais relevante é o segundo, já no segundo, o Ato Discursivo que apresenta o conteúdo mais relevante é o primeiro. A escolha do falante por uma construção concessiva com *pero* ou com *aunque* depende dos seus propósitos comunicativos.

## 6 CONCLUSÕES

A proposta deste trabalho consistiu em apresentar as principais propriedades pragmáticas, semânticas e morfossintáticas das estruturas oracionais introduzidas por *pero* no espanhol peninsular falado à luz da Gramática Discursivo-Funcional de Hengeveld e Mackenzie (2008). Esse modelo teórico, tipologicamente baseado, apresenta uma organização descendente (top-down), que parte das intenções comunicativas do Falante e se desenvolve até a articulação.

As orações com *pero* são concebidas na perspectiva tradicional e descritivista do espanhol (cf. ALARCOS LLORACH, 2001 e BOSQUE e DEMONTE, 1999), como oração coordenada adversativa, sendo *pero* um juntor que coordena duas orações independentes. Na perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional, por seu turno, essas orações são concebidas como funções retóricas Concessão, uma estratégia de que dispõe o falante para alcançar seus objetivos comunicativos.

Os resultados da análise confirmam nossa hipótese de que as estruturas introduzidas por *pero* se estabelecem nas camadas mais altas do Nível Interpessoal, isto é, no domínio pragmático.

Os dados mostram que, no Nível Interpessoal, as orações adversativas podem atuar nas camadas do Ato Discursivo e do Movimento. Na camada do Ato Discursivo, observamos a atuação de *pero* em relações binárias, quando os dois elementos envolvidos constituem Atos Discursivos, sendo o primeiro Subsidiário e o outro, Nuclear. Essa diferença de estatuto entre os Atos significa que o falante organiza seu discurso a fim de alcançar seus objetivos na comunicação. Assim, ele apresenta, no Ato Nuclear, a informação que julga comunicativamente mais relevante, e no Ato Subsidiário, a informação que considera menos relevante do ponto de vista comunicativo. Essa disposição das informações vai ao encontro da força argumentativa apresentada pelas estruturas introduzidas por *pero* (cf. NEVES, 1984). O falante, dessa forma, ordena os componentes do discurso visando influenciar o ouvinte a aceitar seus propósitos comunicativos, ou seja, trata-se de uma estratégia do Falante para que seu Ouvinte aceite seus propósitos, o que caracteriza a função retórica *Concessão*.

Em outras palavras, o falante concede, no primeiro Ato Discursivo, Subsidiário, uma informação, para em seguida, no segundo Ato, apresentar o que considera, de fato, importante. É nesse ponto que a Gramática Discursivo-Funcional consegue distinguir as concessivas com *pero* e as concessivas com *aunque*, ou as tradicionais adversativas das concessivas e explicar o *parentesco lógico* entre concessão e adversidade, tão caro à literatura. Os dados mostram

revelam ainda que os casos oracionais com *pero* não se limitam à camada do Ato Discursivo. Eles podem também atuar na camada do Movimento, quando atuam na organização do discurso, de modo que o falante impulse a comunicação, trazendo assuntos que se relacionam, do seu ponto de vista, contrariamente ao que vinha sendo dito pelo ouvinte. A relação adversativa da camada do Movimento caracteriza-se na GDF por marcadores *push*, que inserem uma informação nova ou acrescenta uma informação contrastiva acerca do conteúdo anteriormente apresentado.

Com relação aos aspectos semânticos, a atuação desses casos no Nível Representacional revela que a natureza dessas construções assinala relações nas camadas do Conteúdo Proposicional, que pode conter, eventualmente, um Episódio, e um Estado-de-Coisas. Quando atuam na camada do Conteúdo Proposicional, que é a camada mais abrangente do Nível Representacional, configuram construtos mentais, tais como conhecimento, crenças e desejos. Podem ser classificados em termos de atitudes proposicionais (certeza, dúvida, descrença) e/ou em termos de sua fonte de origem (conhecimento partilhado, inferências).

No Nível Morfossintático, por sua vez, averiguamos que as os elementos envolvidos atuam na camada da Oração, configurando o processo de *coordenação*, em que, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), duas ou mais unidades formam uma Expressão Linguística em que nenhum dos membros é constituinte um do outro e podem ocorrer por si só, mas a combinação dessas unidades forma uma única unidade formal. Ademais, verificamos que as estruturas introduzidas por *pero* se encontram na posição central da Expressão Linguística e que seus verbos ocorrem no indicativo, uma característica morfossintática que distingue as concessivas com *pero* das concessivas com *aunque*.

Assim, consideramos que a principal contribuição deste trabalho é mostrar, a partir dos resultados obtidos na análise das construções introduzidas por *pero*, que as relações contrastivas não existem por si só, mas que são colocadas em contraste pelo próprio Falante, o que caracteriza as estruturas oracionais com *pero* como tipicamente pragmáticas. Esses resultados se alinham à contestação de Lang (2000), com base em Sweetser (1990), de que o domínio do conteúdo não é ideal para que as então denominadas orações adversativas se estabeleçam, pois, para o autor, o contraste não existe por si só, ele passa a existir a partir do momento em que um falante põe em oposição dois elementos.

Embora reconheçamos a importância do Nível Fonológico na teoria, não tratamos deste nível de codificação porque o fenômeno aqui abordado se resolve no domínio morfossintático. Para uma maior caracterização das estruturas com *pero* no domínio fonológico, seria necessário

realizar análises prosódicas a fim de mostrar, por exemplo, como se dá a distinção entre as estruturas que atuam na camada do Ato Discursivo ou do Movimento.

Almejamos, portanto, ter demonstrado as possibilidades de uso das construções introduzidas por *pero* no espanhol, incentivando, assim, que surjam outros trabalhos que sigam descrevendo esse e outros juntores levando em conta a língua em uso, a partir de uma perspectiva funcionalista. Esperamos, por fim, que as discussões apresentadas possam colaborar com os estudos descritivos de língua espanhola, além de contribuir para a aplicabilidade do modelo teórico da Gramática Discursivo-Funcional.



## REFERÊNCIAS

- ALARCOS LLORACH, E. **Gramática de la lengua española**. Madrid: Espasa Calpe, 1999. (Colección Nebrija y Bello).
- BÁEZ SAN JOSÉ, V.; MORENO MARTÍNEZ, M. La oración compuesta (I): coordinación. **Millars**: Revista del Colegio Universitario de Castellón de la Plana, Castellón de la Plana, v. 4, p. 89-129, 1977.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BOSQUE, I.; DEMONTE, V. **Gramática descriptiva de la lengua española**. Madrid: Espasa Calpe; Real Academia Española, 1999. (Colección Nebrija y Bello).
- BUTLER, C. S. Focusing on focus: a comparison of functional grammar, role and reference grammar and systemic functional grammar. **Language Sciences**, Tokyo, v. 27, n. 6, p. 585-618, nov. 2005.
- CASCÓN MARTÍN, E. **Sintaxis**: teoría y práctica del análisis oracional. Madrid: Edinumen, 2000.
- CASTRO, R. **En las orillas del sar**. 3. ed. Edición de Xesús Alonso Montero. Madrid: Catédra, 1985. Disponível em: [http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/en-las-orillas-del-sar--0/html/fedc3584-82b1-11df-acc7-002185ce6064\\_4.html#PV\\_63\\_](http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/en-las-orillas-del-sar--0/html/fedc3584-82b1-11df-acc7-002185ce6064_4.html#PV_63_). Acesso em: 29 maio 2020.
- CORTÉS RODRÍGUEZ, L. **Sobre conectores, expletivos y muletillas en el español hablado**. Málaga: Ágora, 1991.
- CREVELS, E. I. **Concession**: a typological study. 2000. 191 f. Thesis (PhD) - Faculty of Humanities, University of Amsterdam, Amsterdam, 2000. Disponível em: <https://dare.uva.nl/search?identifier=66fef308-647d-4aa9-b465-56a252a86058>. Acesso em: 11 mar. 2019
- CREVELS, M. Concession in spanish. *In*: HANNAY, M.; BOLKESTEIN, A. M. **Functional grammar and verbal interaction**. Amsterdam: John Benjamin Publishing Company, 1998. v. 44, p. 129-148.
- DIK, S. C. **The theory of functional grammar**. Pt I: The structure of the clause. New York: Mouton de Gruyter, 1997a.
- DIK, S. C. **The theory of functional grammar**. Pt II: Complex and derived constructions. New York: Mouton de Gruyter, 1997b.
- DUCROT, O. **Princípios de Semântica Lingüística** (dizer e não dizer). São Paulo: Cultrix, 1977.
- FELIPE, M. A. M. P. **Entre a concessão e a adversidade**: construções com aunque no espanhol peninsular falado sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional. 2018.

Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2018.

FLAMENCO GARCÍA, L. Las construcciones concesivas y adversativas. *In*: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (org.). **Gramática descriptiva de la lengua española**. Madrid: Espasa-Calpe, 1999. p. 3805-3878. v. 3: Entre la oración y el discurso.

FUENTES RODRÍGUEZ, C. **Las construcciones adversativas**. Madrid: Arco Libros, 1998.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. *In*: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (org.) **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad; FAPERJ, 2013.

GARCÉS, M. P. **Oración compuesta en español: estructuras y nexos**. Madrid: Verbum, 1994.

GARCIA, T. S. **As relações concessivas no português falado sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional**. 2010. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, 2010.

GARCIA, T. S. Uma análise do estatuto comunicativo das orações introduzidas por ‘aunque’ à luz da Gramática Discursivo-funcional. **Revista do GEL**, 2020. (no prelo)

GARCIA, T. S.; FELIPE, M. A. M. P. Orações concessivas prefaciadas por aunque no espanhol peninsular falado: uma descrição à luz da gramática discursivo-funcional. **Revista Letras**, Curitiba, v. 93, n. 1, p. 109-130, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/43239>. Acesso em: 10 fev. 2020.

GARCÍA BERRIO, A. **Bosquejo para una descripción de la frase compuesta en español** (Sketch for a description of the compound phrase in Spanish). *Anales de la Universidad de Murcia* XXVIII(3-4), p. 209-231, 1969-1970.

GASPARINI-BASTOS, S. D.; PARRA, B. G. G. Uma investigação funcional da conjunção aunque em dados do espanhol falado peninsular. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 127-158, 2015.

GILI GAYA, S. **Curso superior de sintaxis española**. Barcelona: Spes, 1955.

GILI GAYA, S. **Curso superior de sintaxis española**. Barcelona: Vox, 2002.

GIVÓN, T. **Syntax: a functional-typological introduction**. Amsterdam: John Benjamins, 1990. v. II.

GUIMARÃES, E. **Texto e argumentação: um estudo de conjunções do português**. Campinas: Pontes Editores, 2007.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold Publishers, 1985.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **An introduction to Functional Grammar**. 3rd edition, London: Hodder Arnold, 2004.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, L. Alinhamento interpessoal, representacional e morfossintático na Gramática Discursivo-Funcional. **DELTA**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 181-208, 2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44502009000100007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502009000100007&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 2 out. 2019.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, L. **Functional Discourse Grammar: a typologically-based theory of language structure**. Oxford: University Press, 2008.

HERNÁNDEZ ALONSO, C. **Gramática funcional del español**. Madrid: Editorial Gredos, 1996.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E.C. **Grammaticalization**. Cambridge University Press, 1993.

JIMÉNEZ, C. C. Coordinación y cláusulas adversativas: problemas clasificatorios y propuestade análisis. **Revista Española de Lingüística (RSEL)**, Madrid, v. 46, n. 2, p. 7-29, dez. 2016.

JUBRAN, C. C. S. (org.). **A construção do texto falado**. São Paulo: Contexto; Fapesp, 2015.

KEIZER, E. **A functional Discourse Grammar for English**. Oxford: University Press, 2015.

KÖNIG, E. Conditionals, concessive conditionals and concessives: areas of contrast, overlap and neutralization. *In*: TRAUGOTT, E. *et al.* (ed.). **On conditionals**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986. p. 229-246.

LANG, E. Adversative connectors on distinct levels of discourse. *In*: COUPER-KUHLEN, E.; KORTMANN, B. (ed.). **Cause, condition, concession, contrast cognitive and discourse perspectives**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000. p. 235-255. (Topics in English Linguistics, 33).

LEHMANN, C. Towards a typology of clause linkage. *In*: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. A. (ed.). **Clause combining in grammar and discourse**. Amsterdam: John Benjamins, 1988. p. 181-225.

LONGHIN, S. R.; PEZATTI, E. G.; NOVAES-MARQUES, N. B. A coordenação. *In*: CASTILHO, A. T. (org.). **História do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2019. p. 26-93. v. 5: Mudança sintática das construções: perspectiva funcionalista.

LONGHIN-THOMAZI, S. R.; PEZZATTI, E. G. As construções coordenadas. *In*: NEVES, M. H. M.; ILARI, R. (Org.). **Gramática do português culto falado no Brasil: classes de palavras e processos de construção**. Campinas: Editora da Unicamp, 2008. v. 2, p. 865-932.

MACKENZIE, J. L. Uma primeira história da Gramática Funcional. Tradução George Henrique Nakamura. **Guavira Letras**, Três Lagoas, v. 22, p. 123-135, 2016.

- MATTHIESSEN, C.; THOMPSON, S. A. The structure of discourse and subordination. *In*: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. A. (ed.). **Clause combining in grammar and discourse**. Amsterdam: John Benjamins, 1988. p. 275-329.
- MIKOLAJCZAK, S. Os tipos das construções com clivagem em português. **Studia Romanica Posnaniensia**, Poznań, v. 29, p. 187-196, 2003.
- MONTOLÍO, E. **Conectores de la lengua escrita**. Barcelona: Ariel, 2001.
- NEVES, M. H. M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- NEVES, M. H. M. Conectar significados. *In*: NEVES, M. H. M. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 223-231.
- OLBERTZ, H.; GARCIA, T. S.; PARRA, B. G. G. El uso de aunque en el español peninsular: un análisis discursivo-funcional. **Linguística**, Montevideo, v. 32, n. 2, p. 91-111, 2016. doi:10.5935/2079-312X.20160019
- PARRA, B. G. G. **Uma investigação discursivo-funcional das orações concessivas introduzidas por aunque em dados do espanhol peninsular**. 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2016.
- PEZATTI, E. G. **A ordem das palavras no português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- PEZATTI, E. G. **Construções subordinadas na lusofonia: uma abordagem discursivo-funcional**. São Paulo: Editora Unesp, 2016. v. 1.
- PEZATTI, E. G. O funcionalismo em linguística. *In*: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2004. v. 3, p. 165-218.
- PEZATTI, E. G.; CAMACHO, R. G. Funções retóricas e ordem: relação entre pragmática e morfossintaxe. *In*: RIOS, M.; CEZARIO, M. M. (org.). **Funcionalismo linguístico: diálogos e vertentes**. Niterói: EdUFF, 2017. v. 40, p. 157-184.
- PRESEEA. **Marcas y etiquetas mínimas obligatorias**. versão 1.2. 17 fev. 2008. Disponível em: <https://presea.linguas.net/Metodolog%C3%ADa.aspx>. Acesso em: 20 mar. 2019.
- PRESEEA. **Corpus del Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y de América**. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 2014a. Disponível em: <http://presea.linguas.net>. Acesso em: 29 dez. 2019
- PRESEEA. **Corpus del Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y de América**. Granada: Universidad de Granada, 2014b. Disponível em: <http://presea.linguas.net>. Acesso em: 29 dez. 2019.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA Y ASOCIACIÓN DE ACADEMIAS DE LA LENGUA ESPAÑOLA. **Nueva gramática de la lengua española: morfología y sintaxis**. Madrid: Espasa, 2009.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA Y ASOCIACIÓN DE ACADEMIAS DE LA LENGUA ESPAÑOLA. **Nueva gramática básica de la lengua española**: rústica. Madrid: Espasa Libros, 2011.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA; LLORACH, E. A. **Gramática de la lengua española**. Madrid: Espasa Calpe, 2000.

ROJO, G. **Cláusulas y oraciones**. Santiago de Compostela: Anejo 14 de Verba, 1978.

SÁNCHEZ, A.; MARTIN, E.; MATILLA, J. A. **Gramática práctica de español para extranjeros**. Madrid: SGEL, 1980.

STASSI-SÉ, J. C. **Subordinação discursiva no português à luz da gramática discursivo funcional**. 2012. 194 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2012.

STASSI-SÉ, J. C.; PEZATTI, E. G. Funções interacionais na sala de aula: da subordinação adverbial à subordinação discursiva. **Cadernos de Letras da UFF**, n. 49, p. 275-292, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/122335>. Acesso em: 15 mar. 2019.

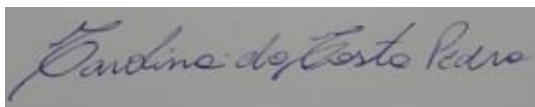
SWEETSER, E. E. Conjunction, coordination, subordination. In.: **From etymology to pragmatics**: metaphorical and cultural aspects of semantic structure. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

VALIN, JR. and R. J. LAPOLLA. **Syntax: Structure, Meaning, and Function**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

## TERMO DE REPRODUÇÃO XEROGRÁFICA

Autorizo a reprodução xerográfica do presente Trabalho de Conclusão,  
na íntegra ou em partes, para fins de pesquisa.

São José do Rio Preto, 08/08/2020



---

Assinatura do autor